

DE RASTROS E VIDAS  
E OUTROS CONTOS

#### **Reitor**

José Daniel Diniz Melo

#### **Vice-Reitor**

Henio Ferreira de Miranda

#### **Diretoria Administrativa da EDUFRN**

Maria da Penha Casado Alves

Helton Rubiano de Macedo

Bruno Francisco Xavier

#### **Conselho Editorial**

Maria da Penha Casado Alves

Judithe da Costa Leite Albuquerque

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fabício Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Tiago de Quadros Maia Carvalho

#### **Reitor**

José Arnóbio de Araújo Filho

#### **Pró-reitor de Pesquisa e Inovação**

Avelino Aldo de Lima Neto

#### **Coordenador da Editora IFRN**

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

#### **Conselho Editorial**

Adriano Martinez Basso

Alexandre da Costa Pereira

Amilde Martins da Fonseca

Ana Judite de Oliveira Medeiros

Ana Lúcia Sarmento Henrique

Anna Cecília Chaves Gomes

Avelino Aldo de Lima Neto

Cinthia Beatrice da Silva Telles

Cláudia Battenstein

Diogo Pereira Bezerra

Emanuel Neto Alves de Oliveira

Francinaide de Lima Silva Nascimento

Genildo Fonseca Pereira

José Everaldo Pereira

Julie Thomas

Leonardo Alcântara Alves

Luciana Maria de Araújo Rabelo

Marcus Vinícius de Faria Oliveira

Marcus Vinícius Duarte Sampaio

Maria Jalila Vieira de Figueirêdo Leite

Maria Kassimati Milanez

Maurício Sandro de Lima Mota

Miler Franco D Anjour

Paula Nunes Chaves

Paulo Augusto de Lima Filho

Raúl Humberto Velis Chávez

Renato Samuel Barbosa de Araújo

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Samuel de Carvalho Lima

Silvia Regina Pereira de Mendonca

---

#### **Editoração**

Helton Rubiano de Macedo (Editor)

Kamyla Álvares (Editora)

Isabelly Araújo (Colaboradora)

#### **Revisão**

Wildson Confessor (Coordenador)

Renata Coutinho

Wagner Ramos Campos

#### **Design editorial**

Rafael Campos (Coordenador)

#### **Ilustrações originais**

Marcelo Augusto

#### **Projeto gráfico**

Marcos Paulo do N. Pereira

Concurso Literário Américo de Oliveira Costa

# DE RASTROS E VIDAS E OUTROS CONTOS



Natal, RN | 2022



Publicação digital produzida pelas equipes da Editora da UFRN e da Editora IFRN, no âmbito da 3ª edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa. A seleção dos textos foi realizada por comissão julgadora específica, nos termos do Edital nº 01/2021-EDUFRN/EDIFRN.

Coordenadoria de Processos Técnicos  
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

De rastros e vidas e outros contos [recurso eletrônico] / [Ana Cláudia Trigueiro]  
... [et al.]. - Dados eletrônicos (1 arquivo : 3,3 Mb). - Natal : EDUFRN :  
Editora IFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://repositorio.ufrn.br>>.

<<https://memoria.ifrn.edu.br>>.

Título fornecido pelos criadores do recurso.

ISBN 978-85-54885-32-8

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Trigueiro, Ana Claudia.

CDD B869.93

RN/UF/BCZM

2022/40

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Márcia Valéria Alves – CRB-15/509

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN  
Av. Senador Salgado Filho, 3000, Lagoa Nova, Natal/RN, Brasil  
Telefone: (84) 3342-2222 | E-mail: [contato@editora.ufrn.br](mailto:contato@editora.ufrn.br)

Todos os direitos desta edição reservados à EDIFRN – Editora do IFRN  
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal-RN, Brasil  
Telefone: (84) 4005-0763 | E-mail: [editora@ifrn.edu.br](mailto:editora@ifrn.edu.br)

# APRESENTAÇÃO

A terceira edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa, realizada em 2021, foi uma parceria entre a EDUFRN e a Editora IFRN. A ação visou a divulgação de talentos literários do Rio Grande do Norte, além do estímulo à leitura e à escrita. Estavam aptos a participar escritores norte-rio-grandenses, residentes em qualquer município do Rio Grande do Norte, bem como aqueles que moram no estado há, no mínimo, dez anos. Ao final das inscrições, foram classificados 206 poemas, 99 contos e 8 romances.

Para a seleção dos vencedores, foram constituídas comissões julgadoras, formadas por membros das duas instituições organizadoras. Na categoria poesia, os avaliadores foram Cássia de Fátima Matos dos Santos (IFRN), Henrique Eduardo de Sousa (UFRN) e Wagner Ramos Campos (IFRN). A comissão da categoria conto foi composta por Josimey Costa da Silva (UFRN), Magda Renata Marques Diniz (IFRN) e Rosanne Bezerra de Araújo (UFRN). Por fim, os romances foram avaliados por Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN), José Luiz Ferreira (UFRN) e Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva (IFRN). Após o valoroso trabalho dessas comissões, foram selecionados 40 poemas, 15 contos e um romance. Com isso, expressamos nosso profundo agradecimento aos avaliadores.

Após o trabalho de editoração dos textos originais, feito em conjunto entre IFRN e UFRN, três obras estão sendo lançadas: De rastros e vidas e outros contos, Esquecimento e outros poemas e O cálice. Esperamos que os leitores, ao desfrutarem dessas obras, experimentem a produção literária de autores do estado do Rio Grande do Norte, reconhecendo a qualidade e o espaço que essas produções possuem na cena da nossa literatura local e até mesmo nacional.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura!

# SUMÁRIO

De rastros e vidas	8
Odores satânicos	13
Sine nobiliate	24
Foi antes de que soubéssemos	32
Degraus	47
Pescador de lembranças	56
A mulher	69
Levado da breca	75
A cor da vida	87
O fim da diferença	91
O cobogó traiçoeiro	94
Amplexo	98
As ervas de dona Herculana	105
Os muros	118
Cale-se para sempre!	132
Sobre as autoras e os autores	136

## DE RASTROS E VIDAS

Flávio Gameleira

Ainda pequeno, já conseguia distinguir rastros de animais na terra árida. Com o pai, descobria ninhos de guinés que estavam camuflados no mato e esperava de tocaia os preás e mocós para abatê-los com pedrinhas selecionadas na beira do açude. Estas, bem guardadas numa bolsinha de couro, serviriam como munição para a funda e a baladeira. O objetivo era voltar para casa e exibir com altivez algum alimento à mão, um troféu para sua mãe, que, em muitas ocasiões, não dispunha de carne suficiente para completar a alimentação da prole.

Maiorzinho aprendeu a seguir o rastro de raposas, mas ainda não se atrevia a “tirar o rastro” das onças que geralmente atacavam os animais das fazendas desde o Alto Oeste do Rio Grande do Norte até a fronteira com o Ceará. As histórias horríveis de ataques daqueles animais povoavam a mente do menino da oitica e exerciam certo fascínio sobre ele.

Metido a corajoso, inventava caçadas à boca da noite. Admirava o silêncio da beira do açude, enquanto esperava a chegada de arribaçãs e marrecas que vinham em verdadeiras nuvens e concentravam-se numa pequena ilha no meio do reservatório.

Um caboré distante quebrava o silêncio, enquanto mergulhões davam rasantes à procura de peixes à flor d'água. Água que, no meio daquela secura, exalava um cheiro de vida. Talvez por isso o burro cego era o animal preferido para viagens noturnas, uma vez que o bicho era guiado pelo olfato e sempre acertava os melhores caminhos com base nos barreiros da região.

Para capturar pequenas aves, o menino deitava no meio do mato, camuflava a cabeça com galhos de árvores e esperava o melhor momento para atirar. Certa feita, ele e seus primos tangeram as marrecas até que centenas delas pousaram naquela ilhota do açude. E, com um velho bacamarte utilizado sem o consentimento do pai, conseguiu espalhar chumbo suficiente para matar 23 delas com um só tiro.

Em outra jornada, resolveu deitar no chão, cansado. Improvisou um travesseiro com tufo de capim... olhos abertos para o céu, naquele breu estrelado... ruído dos sapos na beira d'água... marolas de um barulho tão bom... acordou com a lua alta! Saiu em desabalada carreira, pedrinhas caindo da bolsa, mão de desespero segurando o chapéu... desviou do xique-xique e da urtiga... olha o galho de jurema nos peitos, olha o pé na coroa-de-frade... arfando à porta do casebre, lá veio sua mãe com um cipó de marmeleiro às mãos. Mas, naquela noite, a caatinga já tinha surrado o menino.

Antes do nascer do sol, acompanhou seu primo em oito léguas de viagem até as terras do coronel. Por lá ficou.

Cresceu e tornou-se o mais respeitado caçador do alto sertão. Ficava à espera de preás em cima das árvores, perseguia tatus com facheiros à noite, capturava arribaçãs com armadilhas engenhosas. Sabia rastrear pessoas e animais como ninguém e, certo dia, recebeu

promessa de dinheiro do coronel, caso capturasse uma onça que estava atacando as criações. A notícia se espalhou junto com seu nome que já era conhecido até na Paraíba.

Andava armado, mas nunca matara uma onça. Pensava em trazer a fera viva. Sabia imitar os sons de mocós e outros animais que geralmente eram caçados pelos grandes felinos e utilizava assovios para comunicar-se com o casal de cachorros que o acompanhava fielmente. Acostumada a caçar, uma das funções desta dupla canina seria farejar a onça, encontrá-la, cercá-la e latir alto o bastante para que o experiente caçador pudesse aproximar-se e dar a resolução da questão. A predadora de rebanhos seria amarrada e transportada em uma rede. Mas como paralisar tão grande animal sem abatê-lo?

Este tipo de peleja poderia demorar dias. Para tal, o homem da oiticica levaria carne pilada com farinha, rapadura e água armazenada numa cabaça. O conjunto de mantimentos seria complementado por armas, munições, pedras selecionadas para fazer fogo e uma rede de dormir, que serviria como mochila. Partiu ao quebrar da barra, sob aplausos da menina e do coronel, cuja pança balançava de satisfação.

Embrenhado no meio da caatinga, sol implacável, rastros frescos de um animal enorme... pouco depois, ouviu-se o rugido que vinha de todos os lados, propagado pelas grandes pedras do pé da serra... os espinhos trouxeram à lembrança os ecos da saudosa mãe... retornar à fazenda para quê? Para quem? Apenas oito léguas o separavam do tio que estava à espera para entregar-lhe seu pedaço de chão como herança da falecida. E sem maior demora, o ex-valente tomou o caminho da volta ao casebre da infância.

Acontece que a onça também desistiu de aparecer naquela região. Uma nova lenda estava criada para anos de fértil propagação.

Com sua heroica jornada pendurada em versos de cordel nas feiras, o agora velho da oiticica queria manter o sossego e o anonimato. Suas maiores alegrias estavam relacionadas à água. Quando o céu estava bonito para chover, limpava telhas, consertava a calha e preparava os tonéis para armazenar o precioso líquido.

Não reclamava em tempos de estiagem. Costumava repetir que tudo vinha de Deus, com Sua sabedoria que nunca erra. Sabia que a caatinga não morreria com a seca. Apenas adormeceria como parte de ciclos naturais, como a noite e o dia. Logo nas primeiras chuvas, os primeiros matos esverdeariam a paisagem novamente, mas se a chuva continuasse por três dias seguidos, com chão encharcado e goteira nas casas, o velho sentiria a ancestral alegria de quem conhece a vida sintonizada com a natureza.

Sempre um grande observador, costumava acompanhar os aspectos animais e vegetais para prever a chegada das águas do céu. Se o formigueiro situado à beira d'água apresentava uma procissão de retirada das formigas, era sinal de que logo choveria. Quando os marimbondos faziam suas casas em local abrigado: chuva na certa! O pé de angico formava uma resina e o ramo de mofumbo cortado liberava umidade? Chuva!

Na enchente de 1924, suas plantações foram arrasadas, mas aquele foi um ano atípico. Em geral, os tempos eram sempre de escassez, por isso mantinha uma cacimba escavada nos fundos da propriedade, na qual era proibido lavar roupa e tomar banho. A cacimba do velho da oiticica era só dele, pois a água precisava

ter qualidade para ser coada com um pano e guardada no grande pote de barro, de onde sairia fria e cheirosa para abastecer cabaças e quartinhas.

Outra alegria era a pesca. De tarrafa, anzol ou landuá, com a mão mesmo ou colocando uma armadilha. Técnicas aprendidas junto à sua avó, filha de tapuias, que gostava de esperar o peixe para flechar ou de preparar tinturas para facilitar a pesca. O segredo era escolher uma erva que deixasse os peixes tontos e não causasse mal aos humanos, cuidadosamente posicionar os tufos em um recanto do açude e esperar até que fosse liberada sua substância de efeito tóxico. Em pouco tempo, os peixes bêbados eram facilmente capturados. De uma forma ou de outra, cangatis, carás, curimatãs, piaus, piranhas, traíras, tilápias e tucunarés frequentariam a panela de barro.

Certa vez, foi chamado para ajudar em uma despesca. Metade seria dele, que dominava as técnicas, e a outra metade ficaria com o dono do açude. Logo no primeiro dia, precisou mergulhar na água barrenta e desenganchar uma tarrafa presa nas pedras a 15 metros de profundidade. Fez este serviço e ainda voltou com uma traíra presa entre os dentes, para espanto dos rapazotes.

Por estas e outras, continuava famoso e misterioso. Insistiam para que falasse um pouco de sua vida, mas o velho era arredio. Seus confidentes eram o neto do burro cego e o bisneto dos cachorros de caça. A estes, jamais falava sobre rastros. Preferia contar a história das marcas de espinhos espalhadas pelo corpo, sentindo o cheiro da água, deitado sob o breu estrelado.

## ODORES SATÂNICOS

Ayala Gurgel

Fernando Cavalo é um daqueles notários antigos, donos de cartório, que dão má fama à profissão, embora se considere um homem de bem e não se furte a fazer juízos morais severos sobre a conduta alheia. Caso não tivesse herdado a promissora carreira do pai, teria-se ordenado sacerdote e não pouparia nenhum pecador; prova disso é que, na ponta da língua do beato exemplar da irmandade do cordão vermelho, está o maior repertório de acusações e sentenças para quem se desvia dos ensinamentos da Santa Igreja. E, se não para a salvação das almas, pelo menos, para evitar que a imoralidade tome conta do mundo. “Cada qual sabe o que fazer com sua alma, mas juntos somos responsáveis pela forma de viver em sociedade.”, costuma repetir, como se tivesse acabado de descobrir a moralidade.

Desde que se separou da mulher, sua vida perdeu um pouco de brilho, até porque contam que ela levou boa parte do patrimônio — coisa juntada à base da grilagem — e lhe deixou um par de chifres, que ninguém sabe ou viu como e com quem foi, mas dos quais todo mundo fala. Assistir à televisão e engolir comida industrializada à base de sódio, além de acumular horas extras de trabalho, são as atividades que preenchem o seu cotidiano, faça sol ou chuva. Seu

lazer consiste, basicamente, em participar das reuniões semanais da irmandade, ir à missa dominical e ficar largado no sofá assistindo a séries na televisão, na companhia da cerveja gelada.

Mesmo quando a única filha vai visitá-lo, a comida e a faxina são negligenciadas, o que contribui para que a pré-adolescente não sinta orgulho de tê-lo como pai, sem falar na falta de motivação para receber visitas quando está na casa dele. O fim de semana que passa com o pai é salvo graças à boa conexão discada com a internet e a seu engajamento nas redes sociais, pois, se ainda o visita, é por obrigação e pelo resto daquele ranço da piedade plantada pelos pais nos filhos, sem falar que depende dos míseros trocados que ele deposita na conta dela, os quais chama de pensão. Neste exato momento, doutor Fernando, como faz questão de ser chamado em público, está sentado em um dos bancos da Igreja Matriz da cidade, esperando a fila do confessionário terminar, para falar com o vigário. Faltam três pessoas.

Dizem que a igreja é um dos poucos lugares neste mundo onde se pode sentir a presença de Deus. Ou deveria ser. Para dar provas disso, o vigário paroquial aponta para os enormes vitrais que filtram a luz e despejam cores vivas sobre os fiéis, que contemplam as imagens sacras e se recordam das lições catequéticas. “Vejam, é Deus entrando em nossas vidas. Olhem como é bela e suave a Sua luz que chega até nós!”, disse outro dia o padre em meio à homília, apontando para o prisma gótico de vidro emoldurado no aço que orna o altar-mor. Sim, a refração de luz é linda, a mudança de velocidade de suas ondas gerando cores diversas é hipnótica, mas não são essas ondas coloridas que chamam a atenção do notário, sentado em contrição. Ele está preocupado com os lugares da igreja onde a luz sacra não chega, fazendo com que a sombra tome forma

e, mesmo sendo em solo sagrado, abrigue seres trevosos, figuras diabólicas que se esquivam dos raios e miram os fiéis, farejando seus pecados, em busca daquele que está fraco na fé.

Vigilante, ele escuta nitidamente o som do ticar das unhas dos farejadores no mármore que reveste a parte interna do pórtico, que, por obra de algum arquiteto anônimo, foi construído de tal forma a não receber incidência direta da luz; inclusive, ele é capaz de jurar que viu o reflexo das presas de uma dessas criaturas sendo exibidas em sua direção, como um timbu ameaçando a presa. Decide mudar de lugar e se senta sob um facho de luz azulada que atravessa o vitral e se projeta sobre os bancos, pois não quer ficar perto das sombras e do que quer que se movimente por elas; ele sabe que a arma que carrega consigo para se proteger dos inimigos deste mundo é inútil contra aquilo que lhe persegue dia e noite, em meio às sombras. Discretamente, cheira a camisa social com cento e vinte fios de algodão, à altura do sovaco: quer se certificar de que o antitranspirante jato seco com 72 horas de proteção está funcionando. É a terceira marca que escolheu no último mês, uma vez que as anteriores não funcionaram, e mesmo tendo raspado todos os pelos da região, sente que a inhaca não foi aniquilada. Basta uma pequena caminhada a pé, à qual nunca foi adepto, ou um pouco mais de estresse, que suas axilas começam a exalar a maldita fedentina, que se assemelha ao odor amoniacal da urina de gato. Para o bem da verdade e para não colocar injustamente a culpa em uma única glândula corpórea, o que poderia se supor que é apenas um problema médico, nem sempre é a axila que denuncia sua condição: basta um pequeno esfregaço com o dedo em qualquer parte do seu corpo que acumule suor ou sebo que dá para perceber que algo de errado está acontecendo. Outro dia, passou

o bastonete para limpar a cera do ouvido e, ao levá-lo ao nariz, ficou preocupado com o odor indesejado. Repetiu o experimento mais de uma vez e confirmou em todas elas o mesmo resultado. Não tem lembranças de que alguma vez tenha sido assim, nem na adolescência, e agora o fedor está insuportável, aumentado cada vez mais, o que só não o deixa mais preocupado porque, pelo visto, até o momento, ele é o único a senti-lo.

É verdade. No início, ele se incomodou tanto com sua situação odorífera que, não poucas vezes, pediu a um e a outro para cheirá-lo, mesmo assim, ninguém detectou nada de anormal, a não ser o gosto por perfumes fortes, que só vinha aumentando. Isso o acalmou, pois lhe permitiu interpretar o problema como uma disfunção glandular, até que lhe ocorreu o pior.

Enquanto esperava a filha no carro, que demorava a ficar pronta para ir passar o domingo consigo, sintonizou a Rádio Rural de Mossoró para ouvir a transmissão das Santas Missões no interior do Estado, conduzida por Frei Damião, o frade mais popular da região, cujas profecias eram bem conhecidas pelo povo. Não foi uma boa ideia. O que ouviu o deixou bastante preocupado. Por isso, foi ter com o seu vigário a fim de esclarecer de uma vez por todas com o seu vigário a possibilidade de estar possuído pelo demônio. Deseja ardentemente estar errado, mas tem quase certeza de que esses seres se movimentando nas sombras da igreja são farejadores dos infernos atrás de sua alma, pois são seus pecados que exalam o odor miserável que sai do seu corpo.

O que ele ouviu naquele domingo e o deixou amedrontado foi que o pecador libera um odor característico que o Diabo sente de longe e que ele vem em busca da alma do condenado. Isso é necessário, de acordo com o plano divino, pois o Diabo não é onisciente nem tem acesso aos nossos pensamentos, de modo que,

para identificar o pecador, segue a trilha deixada pelo odor do pecado. Quanto maior o pecado, mais forte o odor. E o Diabo não é o único a ter essa capacidade: Deus concedeu a alguns poucos o dom de sentir o mesmo odor, para anunciar a palavra, converter os pecadores e salvá-los antes que o Diabo os encontre e reivindique-os para si. Geralmente, a absolvição é como um banho que limpa a alma do pecador, deixando o seu odor agradável ao Senhor, pois o justo agrada ao Senhor em todos os aspectos. No entanto, quando o pecado é profundo ou o pecador não se arrepende de verdade, o odor do pecado permanece, entranhado, e a confissão fica como um banho mal tomado.

Por falar em banho, o notário os tem tomado mais do que de costume e demorado mais tempo ensaboando-se do que o recomendado, procurando se livrar do odor impregnado em sua carne, refletindo a enorme mácula que consome sua alma. Até o momento, não sabe como se livrar dos males que o condenam aos infernos, então, deseja, ao menos, disfarçar a condição de condenado perante a sociedade. Se não pode ser limpo, precisa parecer que é. Para tanto, largou o sabonete em barra e aderiu ao líquido, com esponja, além de incluir o uso diário de esfoliantes, óleos aromáticos e hidratantes pós-banho. Até banho com arruda — coisa que desdenhava como superstição — tomou, e não foi apenas uma vez. Funcionou? Não para ele. Em pouco tempo, com um pouco de esforço físico ou aumento da temperatura, mesmo encharcado de perfumes caros, ele começava a sentir o odor indesejado. No início, nas axilas, mas que logo se espalhava por todo o corpo, como uma metástase.

Não bastasse a situação odorífera, ele começou a perceber algumas manchas na pele, que o clínico geral diagnosticou como dermatite atópica, advertindo-o a suspender o uso de produtos

abrasivos de banho. Insatisfeito com a prescrição, pois ele sabe que o Diabo pode se valer de qualquer um para facilitar seu trabalho, procurou ajuda na internet. Depois de vaguear bastante, finalmente, encontrou um site sério, segundo seu juízo, especializado em demonologia. A primeira dica que resolveu experimentar foi adotar um gato, pois a presença do felino ajuda a identificar e afastar a presença dos maus espíritos. Para sua decepção, o animal não quis saber da missão e fugiu de casa, o que aumentou seu temor, dada a certeza de que foi por temor do que ele viu vagando entre as sombras. Também procurou a ex-mulher, a fim de reatar o relacionamento e evitar a punição por ter rompido os laços do matrimônio e, quem sabe, acalmar a sua alma; mas ela não quis saber disso, e tendo lá seus motivos. Sem opções, perambula à mercê de uma ou outra orientação espiritual e agora aposta alto nas palavras do vigário paroquial, esperando que ele lhe diga ser uma fantasia tola imaginar que nossos pecados possam se materializar em odores atraentes ao olfato satânico.

Falta apenas uma pessoa para a fila da confissão terminar, bem na hora em que a luz natural começa a rarear, graças aos cúmulos-nimbos de maio que sobrevoam a caatinga, fazendo com que as sombras dominem a maior parte do recinto sagrado. Como descrito no livro de Jó, parece que o Diabo decidiu visitar Deus em sua própria morada, e, dessa vez, não veio falar do justo, mas do miserável pecador que se encontra sentado, exalando odores pestilentos, cuja alma é tão suja que não há água benta que a purifique nem confissão que a absolva. “Ele é meu!”, pensa no grito festivo que deve dizer o Diabo ao Todo-Poderoso quando se apossar de sua alma, pois tem certeza que naquelas sombras, entre as imagens e os castiçais dos altares laterais, o seu carrasco rasteja cinicamente, observando-o com olhos faiscantes e mostrando-lhe

os dentes. Ele não precisa que ninguém lhe diga nada disso, Frei Damião só confirmou o que ele já sabia: aquelas narinas satânicas farejam seus pecados, preparando-se para o ataque certo.

A igreja agora depende da luz artificial, que produz bastante sombra em lugares indesejados, como entre e embaixo dos bancos, de modo que não existe mais lugar seguro, pleno de luz. Todos os pontos estão interligados por alguma espécie de sombra e, nela, o farejador desliza em sua direção, esperando o momento oportuno para dar o bote. Ora ele escorrega pelas paredes, ora está no teto, mirando-o, ou no piso, como uma poça escura de breu se alastrando e engolindo as almas perdidas. Sem a menor vontade de se deixar ser tragado pelas trevas, o notário se levanta e fica sob a luminária de uma das colunas, próximo ao altar das velas, mas percebe que a sombra do seu corpo faz ligação com a escuridão que se projeta sobre a parede, por onde rasteja seu cobrador. “Ele está sentindo o odor dos meus pecados, me farejando; veio cobrar a minha dívida”, pensa e começa silenciosamente uma Ave-Maria, torcendo para que a última pessoa não demore no confessionário.

Nem todos são rápidos quando precisamos. Naquele fim de tarde nublado, a última confissão do dia está demorando mais do que o desejado, e ele não quer esperar e ser ceifado pelo demônio, na própria Casa do Senhor; então, decide que o mais seguro é sair e procurar um abrigo iluminado, ou fazer um círculo de sal grosso ao seu redor... Tão logo decide, desiste, pois não faz ideia de como conseguir sal grosso àquela altura do dia, além do que, pensa consigo, não há outro lugar que possa lhe oferecer mais segurança do que a própria igreja. Toma a mais sábia decisão, segundo seu juízo: se vai ser ceifado pelo Diabo, que seja na presença do Santíssimo. Firme nesse propósito, dirige-se ao altar lateral, onde fica o Sacrário, quando escuta seu nome em meio às sombras que

se arrastam pela parede, crescendo em sua direção. De relance, vê o vulto escuro crescente se aproximando rapidamente. Fica parado, espera o golpe da foice fria e sua passagem deste para um mundo pior: o Diabo o encontrou, é a hora do seu julgamento; ele sabe qual será o veredito. Outra vez, seu nome é interpelado e, novamente, fica mudo. Aprendeu com os antigos que não se deve responder ao chamado da morte, nem se virar para a direção de onde vem o som antes de ouvi-lo três vezes. Se for chegada a sua hora, será ceifado pelas costas, como o covarde que sempre foi em vida. Mira os olhos no Sacrário e espera o golpe.

Está estático e frio quando o toque em seu ombro faz com que um fio de urina escape, molhando discretamente suas roupas íntimas e sendo absorvido pela calça jeans. É a mão do vigário paroquial, que o reconheceu e está a chamá-lo pela terceira vez. Ele não segura a emoção e, como o coroinha que foi na infância, pega a mão do sacerdote e a beija, com mais devoção do que de costume. O padre se sente incomodado, mas recebe o carinho ao mesmo tempo que percebe a aflição daquela alma e o abraça para, em seguida, conduzi-lo a um banco onde podem conversar à vontade.

— Sim, o pecador exala um tipo de odor característico que o Diabo e alguns santos sentem, pois é a vontade de Deus que seja assim. — explica-lhe o padre, deixando-o mais aflito, uma vez que ele sabe que aquela é a sua condição. Quem não sabe é o vigário, que pensa se tratar de mera especulação teológica, àquela hora do dia, ainda por cima. Mas, como se trata de um homem influente, melhor atendê-lo com compaixão, pondera o sacerdote, cansado depois de ouvir tanta fofoca sob a forma de confissão dos pecados. — Não, meu filho, eu não tenho esse dom. — Explica-lhe, afirmando que não sabe se gostaria, mas não pode desejar o que Deus não quis lhe dar. E continua, explicando que esse dom só foi

dado a algumas pessoas muito especiais, como Dom Bosco e Santa Catarina de Sena. Contudo, não deve ser uma coisa agradável, infere Sua Reverendíssima, tomando como exemplo a Beata Ana Maria Taigi, cuja vida era atormentada pelo odor dos pecadores, um odor que ela classificou como pestilencial.

O notário, jogando sua última carta, à moda protestante, e conferindo discretamente seu próprio odor, quer saber se aquilo tem fundamento bíblico ou é apenas invenção popular ou da tradição católica. Ao que escuta que tem sim, que no Livro Sagrado é dito que o justo tem um odor agradável ao Senhor, podendo-se supor que o injusto tem odor desagradável, mas isso não é para os olfatos comuns. A resposta lhe fere a alma e agudiza sua aflição e, mesmo sabendo que seu olfato denuncia apenas o próprio odor, que nem de longe é uma Beata Taigi, deseja, naquele momento, ter um olfato comum, o mais comum de todos, de preferência com entupimento nasal. Não basta a consciência atormentadora de seus pecados? De que sua alma sofre a cada dia com um desejo sobre o qual ele não tem controle e pode levá-lo aos infernos? Por qual razão quis Deus puni-lo, dando-lhe o dom reservado ao Diabo e a alguns santos? Por que não pode ficar com um olfato normal? É Deus lhe castigando ainda na terra ou lhe dando uma oportunidade para fazer algo antes que perca sua alma de vez? O que ele pode fazer? Remover da sua vida o que lhe faz pecar? Sim, sem saber do que se trata, o vigário responde que esta é nossa obrigação cristã: destruir aquilo que nos faz pecar, seja a nossa mão ou nosso olho e, se não pudermos destruir, o melhor a fazer é se afastar do que nos afasta de Deus.

— As sombras são ausência de luz, como ensina Santo Agostinho, e o Diabo vive nelas. — confirma o vigário, aumentando

o medo do homem que foi em busca de conforto e quase sobe no colo do padre ao ouvir tal verdade. — A pior das sombras é aquela que está no nosso coração. — completa o ensinamento, sem saber que se dirige a um homem cujo coração está possuído pela escuridão, segundo ele mesmo julga. Julga-se tanto que tem certeza de que o odor amoniacal será substituído, em breve, pelo de enxofre, e sabe que, quando isso acontecer, será tarde demais; sua alma estará possuída para sempre, sem retorno.

Ao perceber que o céu limpou e a luz crepuscular voltou, ele desconversa com a rapidez de costume e inventa uma obrigação cartorária, mesmo sendo domingo. O padre não pretende insistir, afinal não vê nenhum rumo interessante naquela conversa e já ouviu muitos pecadores por hoje. Ele precisa descansar os ouvidos e a bunda antes da missa noturna, além de forrar a barriga com uma boa coalhada, rapadura ralada e um pouco de cuscuz, afinal, ninguém é de ferro. Mal termina a bênção, o notário sai em disparada, quer aproveitar o resto da claridade solar para chegar em casa e se entocar na sua fortaleza, protegida com sal grosso benzido, runas celtas e incensos de múltiplas fragrâncias, conforme aprendeu naquele site de sua confiança.

Por mais que ande apressado, a noite cai rapidamente e, com ela, a escuridão e seus sons tenebrosos, misturados à estridulação dos grilos e ao coaxar das rãs. A pressa serviu apenas para fazê-lo transpirar mais do que o habitual, encharcando a camisa com o odor indesejado, quase sufocando-lhe as narinas. Um banho, é disso que precisa urgentemente. Em casa, entra rápido e passa pela filha, que se encontra deitada no sofá, muito à vontade, ouvindo alguma música no *discman* e aproveitando o resto do fim de semana com o pai. Amanhã, ela retorna para a casa da mãe e para a sua rotina

escolar. Uma saudação rápida e o aviso de que vai direto para o banho e depois providenciará comida para os dois.

Tão logo a água morna começa a escorrer pelo corpo, ele sente o sangue reagir e o tesão despertar. Procura desviar o pensamento do objeto de seus desejos e imagina sua ex-mulher nos melhores momentos que tiveram, as prostitutas que procurou nesses dias, modelos pornôts que viu nas revistas escondidas sob o colchão, o imposto de renda... Nada funciona, sua mente volta sempre para a mesma pessoa, que se encontra a poucos metros, deitada no sofá, seminua, distraída com sua música. Seu pecado mortal tem sido justamente esse: desejar a própria filha. Desejá-la ardentemente, de forma incontrolável, todos os dias. À medida que o tesão aumenta, sente também o odor corpóreo ficar mais intenso, mesmo debaixo da água corrente e ensopado de sabonete. Aos poucos, seus ouvidos treinados para as tocaias diabólicas denunciam um som suspeito, algo está se movendo na escuridão, sorrateiro, deslizando como uma sombra, em sua direção... A proteção foi rompida e o farejador está dentro de casa, conclui, com a certeza de que o Diabo veio buscá-lo. Confere o próprio odor e percebe que está mais forte, mas ainda é amoníaco, o que pode significar que resta uma oportunidade de salvação; talvez a última. Sai do box, tira a pistola do coldre e sabe que não adianta disparar contra a entidade sobrenatural. Só há duas saídas: ou ele tira da sua vida para sempre o objeto que o leva a pecar — sua filha — ou se mata, na esperança de que Deus acolha o seu sacrifício, como acolheu o de Sansão.

Com o dedo firme, como lhe ensinaram, puxa o gatilho.

## SINE NOBILITATE

Ayala Gurgel

— Duque!

A interpelação chama a atenção de Joaquim, que estanca no meio da rua, alheio ao movimento dos pedestres que passam de uma calçada à outra, e procura descobrir o destino do vocativo. Como um periscópio humano, estica o pescoço o máximo que pode, esbugalha bem os olhos e levanta as ventas vasculhando os arredores na esperança de ver distinto homem, cuja honraria nobiliárquica sempre lhe provocou admiração. Inerte e absorto no seu desiderato, leva um esbarrão da criança maltrapilha que corre em meio à multidão pela rua enlameada e lhe suja as vestes. Ele ignora sua existência e os estragos causados na roupa nova, só deseja que ela saia logo da sua frente. Seu único interesse é conhecer o duque.

Neste momento, Joaquim está estático no meio da rua, confundindo o tráfego humano, mas há pouco estava na sala de espera do Gabinete do Presidente da Câmara do Comércio de Olinda e Recife, ansioso, admirando os detalhes do ostentoso recinto. Enquanto esteve lá, seu comportamento alternava-se entre balançar a perna direita e dedilhar a superfície de couro do alforje

que mantinha no colo. Ali dentro, os papéis que comprovavam sua pureza de sangue e mais trezentos mil réis, o suficiente para a maior empreitada da sua vida. Montante esse que não foi juntado com facilidade, nem sem a oposição de algumas pessoas da família, inclusive de sua mulher. Ele sabia bem o que ela pensava a respeito do que pretendia fazer. Imaginava que estaria mais confortável em sua longa espera se o advogado pudesse tê-lo acompanhado, ou outra pessoa que compreendesse e apoiasse seus sonhos, mesmo que paga para isso. Não havia ninguém em sua companhia, nem mesmo o empregado que o acompanhou até o prédio pôde subir, foi obrigado a ficar na portaria esperando o seu retorno. A viagem do Rio Grande do Norte ao Recife foi longa e dispendiosa, todo o dinheiro precisou ser empenhado em um só propósito, não podia se dar ao luxo de gastos extras. Estava só e não havia mais nada que pudesse fazer, a não ser esperar, rezar e tentar não perder a esperança, o que era muito. Ele, um homem acostumado a mandar e a ser obedecido, para quem as portas se abriam e cujo nome valia muito, via-se na situação de ter que esperar. Sentiu-se como o faminto que aguarda a vez na fila da sopa ou o cão que espera um osso raspado jogado pelo açougueiro. A ansiedade, interrompida por um momento de oração silenciosa, não o deixava parar de se preocupar com seu futuro.

É verdade que estava ansioso, mas também confiante, afinal sabia muito bem o quanto gastou com serviços cartoriais para limpar o nome da família, encontrar a árvore genealógica digna de um conde e convencer as autoridades a lhe concederem tamanha honraria. Não estava apenas na sala de espera do Presidente da Câmara do Comércio; na verdade, pensava assim, estava a poucos passos da realização do seu projeto de vida: tornar-se o Conde de Arvoredo.

Arvoredo é o nome que sua família escolheu para a extensa faixa de terra que ele herdou e converteu na grande produtora de algodão, um pedaço de chão que se estende do pé da Serra dos Martins a Umarizal. Mais de cem pessoas trabalham diariamente nela, isso sem falar nas mulheres e crianças que servem às necessidades diárias do casarão, seu verdadeiro palácio, cuja beleza, da alvenaria à prataria, é de encantar os olhos. Arvoredo é também o nome do condado que requereu para si, desde que soube da história de que um velho e importante integrante da corte real petrolina — que andou com Joaquim Silva e Sousa por aquelas bandas — em uma visita ao Vale do Apodi, fez pouso naquela extensão de terra e prometeu ao seu bisavô que ela merecia virar condado nas mãos de um dos seus descendentes, tão logo este juntasse a monta de réis necessária.

O montante estava pronto, contado e recontado. Cada nota e moeda conferida pelo contador e por ele mesmo, duas vezes cada um. Não havia e nem poderia haver erro algum. O processo fora instruído de acordo com os advogados sob a orientação do Rei de Armas do Cartório de Olinda, responsável direto por recolher os donativos e expedir o legítimo diploma com o título de conde, após aprovação da Câmara do Comércio, na forma da lei. Estava a uma audiência e a um depósito em dinheiro de se tornar o primeiro da família a acrescentar nobreza ao nome. A partir daquele dia, teria terra, dinheiro e renome para deixar gravado nos anais históricos da família e do condado, inclusive com o brasão que pretendia confeccionar.

Ainda envolto nos devaneios heráldicos com o futuro brasão, quase não percebeu a pesada porta de madeira se abrir e um enorme vulto bem vestido aparecer na soleira. O Presidente da Câmara

do Comércio, em pessoa, estava diante dele, chamando-o pelo nome, desprovido de honrarias, salvo o pronome de tratamento empregado a qualquer um, tão sem gosto, que o fez se sentir como um cão de rua sendo interpelado pelo dono.

— Sr. Joaquim, bom te ver, vamos entrar, cidadão.

Com poucos passos, estava diante de uma cadeira de mogno, na sala do honorável Presidente, que lhe sugeriu tomar assento enquanto passava para o outro lado da enorme e pesada mesa, com a iluminação ao fundo, fazendo-o parecer maior e mais imponente do que visto de perto. A cena, se bem observada, evidenciava a desigualdade social: de um lado, o homem público, político profissional, branco, bem-vestido e solenemente sentado na cadeira presidencial da Câmara do Comércio de Olinda e Recife, cujo cargo pomposo coloca seu nome de batismo nos anais da história. Do outro, o sertanejo produtor de algodão, queimado pelo sol, enfiado no mais pesado tecido europeu que acumula o odor do tempo que passa guardado no armário, com a boca exalando tabaco mascado, mas que deseja a nobreza dos títulos da antiga realeza, sem a qual sabe que morrerá sem renome, não importa o quanto tenha juntado em vida.

— Então o senhor entrou com uma solicitação para a obtenção de um título de nobreza? — perguntou o Presidente, dando início à conversa até chegar ao ponto no qual Joaquim foi informado que pedia demais. Sua Excelência tentava lhe explicar que não eram mais disponibilizados títulos de alta nobreza, cuja exigência era a comprovação de atos em favor da nação, mais do que as posses. Igualmente, que não eram mais criados condados, visto que a estrutura territorial e político-administrativa mudara com a nova lei das terras. Se algo ainda poderia ser concedido

(não importava o quanto ele teimasse ou invocasse a história do antigo e nobre inquilino, ou mesmo se dispusesse a pagar) seria, no máximo, o título de barão.

— Barão não é conde, como conde não é duque — insistia Joaquim na toleima contra a lei e a ordem republicana instaladas. Como poderia se contentar com o baronato quando a promessa que sua família recebeu falava em condado? questionava contra o inflexível sistema. Ele, continuando com seu rosário de argumentos inúteis, alegava que não juntou os réis necessários com sobra, mas com muito sacrifício; não viajou tantas léguas com três mulas carregadas, três empregados e tamanha quantia de dinheiro, sob o risco de assalto, doença ou morte, pra ser contrariado. Quanto trabalho tivera para limpar seu nome e apagar qualquer mácula que tornasse seu sangue impuro, ou quanto de dispêndio tivera com a iluminação pública do município a gosto de Sua Excelência para as eleições... e alegava uma conta após a outra de todos os seus mistérios dolorosos.

— Com o baronato, o senhor sairá da condição *sine nobilitate* gastando menos que a pretensão impossível — ponderou Sua Excelência, gastando latim à toa, pois teve que explicar em língua pátria que quis dizer “sem nobreza”, ao que acrescentou que não tinha intenção ofensiva ao chamá-lo assim. Por bem ou por mal, o uso do latim surtiu algum efeito na mente nobiliárquica de Joaquim. Ele parou a lamúria e ficou pensando na expressão, que sem dificuldade aprendeu a pronunciar, adicionando-a ao seu repertório verbal. Pensativo, passou a considerar que *sine nobilitate* era uma doença que afetava a sua família e que cabia a ele interromper a cadeia de contágio. Se o título de barão era nobilitante, apesar de não ser o remédio que esperava, era melhor que nada.

Lembrou de sua mulher e de como ela se referia às suas intenções, chamando-a de comércio, como se o renome não viesse da honra, mas do agnome ou do sobrenome. “Se é de uma família importante, ninguém olha se é Zé ou Mané, mas de que sobrenome é. Se tem título nobre, tanto faz ser João ou Feijão, pois só escutam o Dão.” — dizia ela. E, naquele momento, por poucos segundos, quis lhe dar razão: sentiu-se como se estivesse negociando algodão, milho ou feijão, não as fidalguias que tanto acrescentam ao nome. Por poucos segundos, é bom dizer, pois logo se atinou de que não fez penosa travessia e chegou a tão ilustre cidade para voltar sem nobreza: “*sine nobilitate*, jamais”, pensou.

Ele, que se vê como homem que cheira a cobre e se veste com os melhores cortes e tecidos da Europa, sair dali, depois de tanto esforço, sem um título nobre, era ofensivo. Seria falta de amor próprio, já que podia agarrar o baronato, sair sem fidalguia porque o condado não estava mais à venda. Seria desrespeitar a memória do seu bisavô e o desejo do hóspede real. Como deixou isso passar por tanto tempo? Pensava em cada economia, em cada dificuldade que passou até chegar onde chegou. E aceitou. Que mudasse o título, se só havia barão disponível.

Ao sair do edifício, Joaquim percebeu que havia chovido e não se dera conta. A primeira reação foi levar a mão à altura do peito, ao bolso interno do paletó onde estava seu diploma de Barão de Arvoredo. Em seguida, ergueu os olhos e observou a garoa que ainda caía sobre as ruas enlameadas, por onde passavam os cavalos e carroças jogando respingos de lama nos transeuntes. As mulheres caminhavam quase rentes às paredes, usando sombrinhas como escudo para proteger seus babados. Algumas delas até se divertiam com isso, pelo menos foi o que ele pensou ao julgar a reação de um

grupo que estava próximo ao portão da igreja. Do outro lado da rua, avistou algumas crianças que andavam com as mães ou tias. Imaginou que elas sentiam inveja das outras que estavam sozinhas, brincando com as poças, jogando água umas contra as outras. Ele ficou parado um momento, observando tudo isso, como se tivesse olhos novos. Por fim, ergueu a vista e fitou o céu escuro, pensando no percurso que precisava fazer até o hotel. Preferiu atravessar a rua e pegar um cabriolé no posto. Não que tivesse medo de chuva ou de lama, apenas imaginou que agora que era um nobre, aquele deveria ser o comportamento adequado ao título.

Apesar de ter pensado em muitos detalhes sobre sua vida na nobreza, não aprendeu a etiqueta. Não tinha visto nada sobre como um nobre deveria se comportar sob a garoa, ao andar por ruas lamacentas e movimentadas. Sem orientação, estufou o peito e decidiu seguir em frente, com bengala na mão e chapéu na cabeça. Quase dois passos atrás, o empregado que o esperava do lado de fora carrega o alforje, com os réis que sobraram e alguns papéis inúteis, que comprovavam a pureza do sangue. Antes que os dois alcançassem o outro lado da avenida, um chamado o interrompeu:

— Duque!

Foi como se alguém tivesse falado para ele parar e imediatamente fosse obedecido. Sem pensar em mais nada, estancou: “Um duque? Devo olhar como tão nobre homem se comporta e imitá-lo; nada melhor do que aprender por imitação”. Estica o pescoço, empina a coluna e olha para os lados tentando identificar onde se encontra o duque. Não consegue. Permanece parado como uma estátua no meio da rua, disposto a só se mover quando avistar o nobre homem. Uma criança, que brincava na rua com seu cão, esbarra nele, sujando-lhe as vestes brancas com lama. Ela

fica muito sentida e pede desculpas, mas é ignorada. O homem, estático, só tem uma coisa em mente: cadê o duque? A criança não pensa duas vezes: retoma sua correria e, antes que desapareça do alcance da vista do barão, o que ela faz parte o seu coração. Ela simplesmente se vira para o cachorro e grita em alto e bom som:

— Duque, vem cá, vamos embora! Corre!

## FOI ANTES DE QUE SOUBÉSSEMOS

Diógenes Carvalho Veras

*Rua Fuencarral, 437, Madri, Espanha.  
Quinta-feira, 17 de outubro de 2019, 23h14.*

Max e Libiana estão a ponto de cerrar as maletas sobre o colchão no quarto do apartamento. Ela permanece calma. Dali a dez minutos viria o Uber, calculou o marido, e em meia hora eles pisariam o terminal do aeroporto de Barajas. O voo decolará a uma e um quarto da manhã.

— Os bilhetes estão contigo, amor?

— No bolso do paletó, junto com os passaportes.

A linha dos lábios vermelhos dela descreveu um sorriso. Max olhou-a com ternura. Ela aproximou seu rosto do dele, era comprido e emoldurado pela vasta cabeleira. Beijaram-se enquanto ela experimentava o forte abraço do marido.

— Vamos deixar as maletas na entrada — sugeriu ele quando ela o soltou —, farei uma chamada à gráfica. Quero que os convites estejam prontos quando voltarmos.

— Também liguei para a Dona Concha para lembrá-la de alimentar o gato, essa senhora anda a queixar-se do inchaço nos pés, não controla a diabetes, come demais da conta...

Não foi difícil o casal distinguir a aglomeração em torno da cafeteria ao final do corredor do terminal do aeroporto. Max pegou a bandeja, e os dois sentaram-se ao redor da mesinha. O avô de sua esposa nasceu numa aldeia siberiana. A mãe dela, entre oito irmãos e irmãs, decidiu estudar em Moscou e se tornar professora. Deu à luz a única filha, Libiana, após casar-se com um militar. Desafortunadamente, ele morreu no Afeganistão quando o tanque de guerra em que ia foi emboscado. Libiana cresceu órfã de pai. Na faculdade, estudou finanças, espanhol e mandarim. Mudou-se para Madri. Conseguiu um estágio num grande banco e acabou por fixar-se ali. Apaixonara-se por Max quando o viu no Facebook por intermédio de uma amiga em comum. Italiano, artista plástico em Milão. Libiana não demorou muito para convencê-lo a ir ter com ela. O rapaz, mais novo, atravessou a Riviera francesa montado em quinhentas cilindradas e adentrou o território de Dom Quixote. Agora as coisas iam bem para os dois; após ascender de posto, ela aceitou o desafio do banco e captaria pessoalmente grandes clientes chineses, contando com o domínio do idioma oriental. Enquanto isso, o companheiro tratava de organizar a exposição de suas obras numa galeria de arte da cidade onde moravam. Os dois deslizaram as maletas até o portão de embarque do aeroporto, cruzaram a porta envidraçada e avançaram pelo túnel. O avião taxiou na pista principal, enquanto a aeronave esguia se equilibrava sobre saltos no corredor estreito da aeronave, entediando os passageiros com normas de segurança. Minutos depois, o aparato acelerou sobre o asfalto.

*Bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil.  
Sexta-feira, 18 de outubro de 2019, 19h14.*

— Que notícia maravilhosa!

— Pois é, eu só vi agora, enviaram-na ontem, está aqui no meu e-mail, queres ver?

Carlos sorriu-lhe, moveu as córneas para cima nas órbitas e, fazendo larga sua alegria com a notícia, caminhou até a janela, seu companheiro estava ao computador. Espichou os olhos para o céu tropical e apreciou a beleza de dezenas de estrelas faiscantes. Mesmo sob a intensa luminosidade das luzes artificiais da metrópole, ele distinguia-as em sua beleza.

— Eu sabia, estava escrito nas estrelas! — Voltou os olhos admirados ao namorado designer gráfico. — Não me diga que é na próxima semana!?

— Adivinhaste, já na segunda!

Os dois caíram na gargalhada. Abraçaram-se. Alfredo leu a mensagem em voz alta: “Prezados senhores, teremos prazer em recepcioná-los em nossas instalações...”.

— Índia, aí vamos nós!

Realizariam seu maior sonho: frequentar o curso de meditação no país oriental. Todos os seus amigos o tinham recomendado. Havia tempos, Carlos almejava duas semaninhas longe do mundo caótico, isolados no centro indiano de Balaghat. Acordar, tomar café, meditar, almoçar, meditar e mais tarde voltar ao quarto e se deitar em paz após meditar. Estupenda rotina! E ele viveria-a ao lado de quem mais amava.

Na manhã seguinte, desabaram à praia de Copacabana para celebrar a admissão.

— Vou mergulhar, querido, não vens?

— Fico aqui a vigiar nossas coisas, vais tu e logo irei eu.

Carlos observou-o sobre a areia fofa da orla, o short apertado calcando a pele morena deixava as pernas torneadas dele à mostra, ao encontro das ondas espumosas. Sol, mar azul e água de coco. Em breve estariam os dois num ambiente completamente diferente, em meio à gente de várias partes do mundo, num silêncio espiritual profundo.

*Margens do rio Yang Tsé, Wuhan, China.*

*Sábado, 19 de outubro de 2019, 6h14.*

A mais de dezessete mil quilômetros do Rio, Tai Shuan atravessava a extensão da ponte Changjiang com seu tráfego intenso. Mirava as águas tranquilas do rio. Ia em direção à zona oriental de Wuhan, na avenida Heping, onde girou à esquerda. Caminhou duas centenas de metros e, ao fim do quarteirão, torceu à direita. Entrou na alameda, e penetrou no restaurante Chenji, onde trabalhava.

— Deixa-o aí na parte de baixo do frigorífico — disse seu amigo ao vê-lo com o pacote. O pequenino Shuan abriu a porta do eletrodoméstico, agachou-se e meteu-o na gaveta.

— Pus embaixo do saco das batatas. — Fechando a geladeira.

A cozinha apertada era relativamente ordenada, rescendia a patchouli. Deveriam mantê-la asseada quando encerrassem as atividades por volta das três da tarde, antes de irem para casa a cada dia. Mister Kaishek era exigente, gostava de inspecionar.

— Compraste no lugar de sempre?

— Sim, eu tinha deixado encomendado. Esse é dos bons!

O amigo sorriu-lhe. Shuan pegou o celular e sintonizou a estação de rádio. Os dois amigos sentiram-se animados. Pegaram nas facas afiadas e começaram a cortar verduras. Montes delas num canto a serem picadas para o almoço, servido por volta das onze e meia, quando o restaurante abria. Em silêncio eles executavam as tarefas com agilidade.

*Terminal de Saint Pancras, Londres, Inglaterra.*

*Sexta-feira, 18 de outubro de 2019, 22h14.*

Quando Dogtá Quimbola, sua esposa e o empresário inglês desceram do táxi com o volante do lado direito, o motorista argelino de barrete claro na cabeça e longa barba apressou-se em retirar as malas do bagageiro do automóvel. Pousou-as no asfalto bem à frente deles.

— Ficas com a propina, amigo!

O magrebino recebeu o dinheiro das mãos negras do jogador de futebol, agradeceu-o, e, num sorriso de dentes, desejou-lhes boa viagem. Cinco anos antes, Dogtá tinha atravessado o norte da Nigéria até a cidade litorânea de Atlas, no Marrocos, no lombo de um burro. A seguir, montou num velho barco de pesca e cruzou, por milagre de Alá segundo ele, as águas revoltas do estreito de Gibraltar. Comendo peixe seco e bebendo água de uma garrafa PET durante quatro dias, até o grupo de imigrantes, do qual ele fazia parte, ser abandonado numa praia espanhola deserta em noite sem lua. Com a roupa do corpo ensopada e uns poucos euros numa sacola plástica metida no tênis, entrava finalmente

na Comunidade Europeia. Sua chance apareceu do nada, seis meses mais tarde, quando trabalhava recebendo moedas no estacionamento de uma praia portuguesa. De férias, um empresário inglês viu-o a fazer acrobacias com uma bolinha de tênis. Stewart admirou imediatamente não só a agilidade como também o belo porte do rapaz e interpelou-o.

— Ei, amigo, sabes mesmo jogar futebol?

Desconfiado, o jovem de dezenove anos balançou a cabeça. Foi seu natural dom que o fez ascender rapidamente no concorrido futebol inglês da segunda divisão. Agora, prestes a assinar o contrato milionário com uma equipe saudita da primeira divisão, ele e a esposa britânica mais loura que fios de ouro, ao seu lado, grávida de três meses, rumavam para Riad.

Deste muito dinheiro ao motorista, meu anjo — sussurrou-lhe a esposa quando eles caminhavam pelo saguão da bela estação de Saint Pancras. O amigo e empresário ouviu-a e riu-se, deslizando suas malas de rodinhas em direção à plataforma do trem de alta velocidade.

— Essa gente trabalha para sobreviver e eu agora tenho de sobra, meu amor — respondeu o generoso Dogtá num inglês fluente, no que pese o pouco tempo no país. O africano tinha aprendido as duas coisas rapidamente.

*Margens do rio Yang Tsé, Wuhan, China.  
Sábado, 19 de outubro de 2019, 11h08.*

Cansado, Piong sentou-se. O amigo se acomodou em frente a ele. Com o Chenji ainda com a placa de fechado pendurada na porta principal, os dois funcionários almoçavam no salão momentaneamente

vazio. Sobre a toalha sintética, eles tinham distribuído pequenos tachos cerâmicos. Molho de soja, verduras cozidas, arroz com ovos mexidos e troços de presunto de porco. No meio, puseram a tigela com dois morcegos fritos enormes preparados recentemente. Piong serviu o colega. Observava-os o senhor Kaishek, o proprietário. Ele, a esposa, e as duas filhas moças, garçonetes do local, possuíam belos traços orientais. Com brotos de açucena, raiz de gengibre e molho de soja, devoravam um delicioso pangolim, acompanhado da sopa com pedaços de peixe, amêndoas e champignons. Quando acabassem a refeição, recepcionariam os fregueses, a partir das 11h30. Reconhecido em Wuhan como referência gastronômica, mais da metade das reservas diárias do restaurante eram preenchidas por turistas ocidentais, por conta das iguarias exóticas. Empresários nova-iorquinos haviam reservado uma mesa enorme.

Depois de o avião de Max e Libiana aterrar em Pequim na quinta à tarde, eles pegaram um táxi para o hotel. Exaustos, decidiram descansar antes de jantarem num restaurante típico da cidade: insetos fritos com pauzinhos. No dia seguinte, a programação incluiu a agenda de trabalho de Libiana. Na agência bancária, no centro financeiro, ela reuniu-se longamente com investidores do país na Espanha.

O outono chinês proporcionava-lhes agradável temperatura, apesar da qualidade poeirenta do ar através do qual quase não podiam divisar o horizonte quando olhavam pela janela do automóvel a deslizar na grande avenida central. Agora estavam em Wuhan. Na segunda-feira, ela teria sua última reunião. Naquele instante, estavam a caminho do famoso Chenji, de que tinham ouvido falar muito bem por intermédio de um casal de amigos italianos, onde desfrutariam a saborosa carne silvestre de algum animal desconhecido.

*Bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil.  
Sábado, 19 de outubro de 2019, 00h24.*

Entusiasmados, os jovens Carlos e Alfredo preparavam as malas após jantarem, depois do excelente dia na praia. Ansiosos com a viagem à Índia, não conseguiam dormir, preferiam selecionar o que levariam. Embarcariam na segunda à noite, e contavam apenas com o domingo se precisassem providenciar algo de última hora. Como fariam algumas horas de conexão em Madri, aproveitariam para visitar aquilo que o tempo até o novo embarque lhes permitisse. Acomodaram casacos por baixo para o caso em que fizesse frio, roupas de baixo por cima, além das folgadas, que seriam usadas na meditação. Importante dormir bem: a viagem era longa até Nova Délhi. De lá montariam no trem até o centro espiritual em Balaghat. Antes de dormir, Carlos ainda leu um trecho de um livro de poemas, deitado. Mais tarde, ele sonhou que estava diante do grande guru indiano.

*Terminal Saint Pancras, Londres, Inglaterra.  
Sábado, 19 de outubro de 2019, 23h05.*

Surpreendeu-lhe a harmonia arquitetônica do terminal londrino bem iluminado, como se ali se celebrasse um espetáculo. Dogtá se acostumara a eles nos estádios cheios. Horas a treinar em campos de futebol, quando não estava ao lado de Brigitte. Meteram-se na cabine. Quinze minutos depois, o trem partiu com destino a Paris. Passariam por debaixo do Canal da Mancha. Ador-meceu na poltrona segurando a mão da esposa. Ela sentiu-se mais calma depois de tomar o comprimido para pressão alta. Uma das coisas de que mais gostava era ajudar os pacientes do hospital em Londres,

onde era enfermeira. Mas, agora ao acompanhar o marido rumo ao desconhecido, ela deixaria o posto. Mudar-se-iam com o filho deles em sua barriga para um país bastante diferente do deles.

*Bairro ocidental de Wuhan, China.  
Segunda-feira, 21 de outubro de 2019, 8h11.*

Barulhento e cheio, o Mercado do Peixe fervia. Piong esforçou-se por parecer bem-disposto. A filha, porém, percebeu que ele não se sentia tão bem quanto tentava transparecer. Sentaram-se em banquinhos a verem toda a gente carregando abarrotadas sacolas com pedaços de cães fritos, cobras enroladas no fundo, dentre outros animais silvestres.

— Tens febre, papai! — disse-lhe ela ao retirar a mão do pescoço dele. Piong olhou-a de lado, como se a interrogasse.

— Só estou um pouco cansado, ontem foi um dia pesado, demasiada freguesia. Tossiu uma tosse seca.

— Bebe, pai. — E estendeu-lhe sua garrafa.

Ele segurou-a com as mãos trêmulas e, devagar, bebeu um gole d'água.

— Melhor irmos para casa — disse, reconhecendo finalmente que não estava bem.

Pegou nas alças das sacolas com grande esforço e ergueu-se.

Piong esperava que sua agonia passasse rápido e que pudesse aproveitar o único dia no qual o Chenji fechava portas. Repousaria bastante antes de voltar ao trabalho no dia seguinte.

Depois de almoçarem no Chenji no domingo, Libiana passou o dia na agência bancária de Wuhan com os representantes chineses, enquanto o marido visitava o centro de arte da cidade, próximo ao tradicional Mercado do Peixe, que ele observou de perto após terminar a visita. A fim de satisfazer planos gastronômicos e também os de arte de Max, ela concentrara as datas das reuniões de trabalho na sexta e na segunda, deixando o fim de semana livre para ela e o marido gozarem juntos. Após conhecer o museu e comprar na lojinha peças de arte chinesa, de cara a sua exposição em Madri em duas semanas, Max passou pelo tal mercado e tirou fotos, depois voltou ao hotel onde estavam hospedados. Era bonito passear a pé. No fim do dia, ele e Libiana jantariam em outro restaurante típico do outro lado de Wuhan, e dormiriam cedo. O voo de volta a Madri no dia seguinte era pela manhã.

*Arredores da Torre Eiffel, Paris, França.  
Domingo, 20 de outubro de 2019, 18h46.*

Fora realmente maravilhoso o dia. Abraçaram-se no barco sobre o Sena quando passavam em frente ao museu D'Orsay. Beijaram-se sob o Arco do Triunfo. Fizeram compras nas lojas chiques dos Campos Elíseos. Casados a um ano e meio, Dogtá e a mulher passavam fins de semana fora de Londres quando sua equipe jogava fora, e era espetacular poderem estar juntinhos. Logo teriam o filho e seriam ainda mais felizes. O empresário do marido deixara-os a sós na cidade-luz. Ainda teriam o dia seguinte antes de tomarem o voo da terça-feira para Riad. Foi na escadaria de ferro da Torre Eiffel que encontraram casualmente a amiga de Brigitte do tempo escolar. Embevecida, ela contou à amiga que eles iriam viver na Arábia Saudita e até a convidou para lá ir depois que eles se instalassem.

Agora, de frente um para o outro, ao redor da mesinha de toalha quadriculada do romântico restaurante italiano, a garrafa de tinto aberta diante dos seus cálices cheios, miravam o que restou das linhas arquitetônicas de Notre-Dame após o incêndio, enquanto faziam planos para o dia seguinte.

*Aeroporto do Galeão, Rio de Janeiro, Brasil.  
Segunda-feira, 21 de outubro de 2019, 22h24.*

Cabine de primeira classe. Carlos se sentiu radiante. O voo, pelo que ele tinha podido ver ao caminhar pelo corredor com o aparato ainda no solo, decolaria com todos os assentos ocupados. Estava feliz com a perspectiva da escala em Madri dali a algumas horas, quando já fosse terça-feira. Alfredo beijou-o suavemente depois de abrochar-se o cinto de segurança e olhou, através da janelinha, o asfalto da pista. Um casal maior sentou-se ao lado deles. Conversavam baixinho, parecendo agradáveis, a trocarem olhares amistosos com eles.

*Restaurante Chenji, Whuan, China.  
Terça-feira, 22 de outubro de 2019, 07h11.*

Piong não fora trabalhar pela manhã. De madrugada piorou a febre. Sentiu uma terrível falta de ar. A tosse o sufocava. Sua filha viera contar ao senhor Kaishek, depois de levá-lo às pressas à emergência do hospital, e começou a chorar diante do proprietário. Shuan arregalou os olhos ao ouvir a notícia sobre o amigo. Começara a cortar as verduras sozinho, cedo, como sempre fazia.

Algo grave acontecera a Piong, pensou. Jamais, nos cinco anos em que trabalhavam juntos, o colega chegara tarde ao serviço. Lembrou-se de vê-lo a servir o grupo enorme de empresários norte-americanos no almoço do sábado, mesmo cansado devido à gripe. Com a casa cheia como nunca, as filhas do senhor Kaishek e a própria esposa não davam conta da enxurrada de pedidos dos comensais, por isso o amigo correria com os pratos da cozinha às mesas do restaurante abarrotado, enquanto ele concluía os pedidos à beira do fogo.

*Aeroporto Charles de Gaulle, Paris.  
Terça-feira, 22 de outubro de 2019, 20h19.*

— Vou ao banheiro, meu amor, em seguida comprarei tua água.

— Ok, estarei ainda aqui! — brincou Brigitte. Apreciava a adorável fisionomia negra do marido. A altura e o corpo esbelto chamavam atenção. Vendo-o afastar-se, ela retirou os comprimidos para a pressão da bolsa. No banheiro, Dogtá lavava as mãos, quando viu pelo reflexo do espelho alguns norte-americanos entrarem a tagarelar, gargalhando das pilhérias que iam contando uns aos outros. Enquanto secava as mãos, julgou serem homens de negócios, metidos em ternos escuros, cabelos penteados rentes à cabeça e pastas executivas. Com seu domínio avançado do inglês, conseguiu entender que o grupo fazia piadas sobre a China, onde talvez houvesse estado.

— Ainda bem que não fugiste! — disse Dogtá ao se aninhar ao lado da esposa grávida na cadeira do aeroporto e entregar-lhe a água. Em seguida, beijou-lhe apaixonadamente a boca.

*Cafeteria Corazón, Praça do Sol, Madri.  
Terça-feira, 22 de outubro de 2019, 19h19.*

O estabelecimento pululava. Carlos conseguiu finalmente pedir dois cappuccinos, por entre os braços da gente a ocupar o espaço. Havia modos apressados por parte do senhor de camisa branca e gravata borboleta atrás da barra do bar. Podia-se ouvir línguas diferentes por metro quadrado. Então, Alfredo retirou o celular do bolso e leu a mensagem.

— Era da empresa aérea, confirmam que o nosso voo sai a uma e meia da manhã. Carlos sorriu, tinham tempo suficiente antes da conexão a Nova Delhi, enquanto esperavam as bebidas. Ao lado deles, o casal Max e Libiana desfrutava suas chávenas de chocolate no balcão de aço, no alvoroço da multidão ao redor. Gostavam do local e do aconchego urbano que o ambiente transmitia-lhes. O local era bem frequentando, e sempre que podiam iam ali, moravam a tão somente duzentos metros. Tocavam os braços da gente desconhecida no local apertado. Alguém espirrou, outro tossiu, e um terceiro assoou-se bem perto deles.

*Bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, Brasil.  
Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020, 10h52.*

Os dois se preparavam para o carnaval de Petrópolis, na fazenda retirada, longe do bulício, desejosos de contarem as novidades aos amigos. Um deles, frequentador do apartamento do casal, fora internado com pneumonia. Eles, ao contrário, sentiam-se cada vez mais em forma desde que haviam voltado da maravilhosa viagem à Índia.

*Saint Albans, noroeste de Londres.*  
*Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020, 13h52.*

Tinha acontecido no dia de Natal, após Dogtá e Brigitte voltarem de férias de Pequim para estarem ao lado dos pais dela em Saint Albans, no interior da Inglaterra, onde ambos haviam morado antes de partirem. Ele perdera a esposa repentinamente. Agora, viúvo tão jovem e sem a filha que ele já havia aprendido a amar na barriga da esposa, duplamente castigado pelo destino. Ainda sem entender o que causara a gripe violenta dela e, logo, a terrível falta de ar que acabou por matá-la em seus braços, antes que ele pudesse levá-la ao hospital onde era enfermeira.

*Rua Fuencarral, Madri, Espanha.*  
*Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020, 14h52.*

Pelo que sabia Max, a esposa contraíra a gripe ao voltar da viagem. Resultado do stress com os clientes chineses, nada que a vitamina C e o paracetamol não atenuassem. Ao cabo de dois dias acamada, sob chás da Dona Concha, Libiana se recuperou. Sentia-se renovada e felicíssima com o novo posto no emprego. Dias depois, ela lamentou profundamente a morte rápida da Senhora, possivelmente devido às complicações da pneumonia agravada pela diabetes e pelo excesso de peso da idosa. Amigos haviam-lhes advertido de que as duas teriam contraído o novo coronavírus. Mas, Max não acreditava na hipótese. Ele, por exemplo, não tivera sintomas.

Os médicos em Wuhan diagnosticaram a morte de Piong, em 31 de outubro do ano anterior, como acidente vascular cerebral. A filha, Jia Li, assumiu seu lugar na cozinha do respeitável Chenji,

ao lado do amigo Shuan. Dezenas de clientes acorriam nos fins de semana. Aos mais assíduos, o senhor Kaishek informara que seu querido colaborador padecia provavelmente do coração e que, afinal, o problema cardíaco matou-o. Igual ao pai morto, Jia Li tinha predileção pelos morcegos do Mercado do Peixe. Aprendera a comê-los desde miúda. Junto ao marido, pescador, eles se banquetearam com a iguaria às segundas-feiras quando gozava folga do trabalho. Logo, suas vidas continuariam como sempre...

## DEGRAUS

Clayton Rodrigo da Fonsêca Marinho

No meu trabalho, tenho de lidar com objetos que nunca chegaram aos seus donos. Caixas, embrulhos, livros e, mais raramente, cartas. No princípio, eram as cartas — às vezes com dinheiro, por vezes com objetos de pequeno porte, anéis, broches, pequenas grisalhas, camafeus bem talhados — a extensa maioria queimada nos fornos negros de ferrugem e já sem uso, um inferno luzindo das fagulhas do papel queimado. O que não fosse aos cofres do estado era incinerado. Diziam ser ensurdecedor o som ali: o fogo lambendo tudo, o carvão crepitando, a máquina se movendo e o esforço humano para manter tudo funcionando, um navio que só se dirigia ao esquecimento. Hoje, eles nos chegam empoeirados, mofados, carcomidos, putrefatos, em restos. Buscamos o que pode ser utilizado e os papéis são triturados e queimados em um galpão separado, quase que autonomizado. Depositamos numa entrada que leva o material sabe-se lá pra onde. Somos o último estágio, o fim do caminho. Daqui, só a destruição. Nada se pode mais reaproveitar, nada se pode mais reciclar, nada mais tem um ínfimo valor. Aos poucos, como uma consequência da qual mal e mal nos damos conta, nesse trabalho diário, perdemos a vontade e a curiosidade. Nada mais nos diz respeito, nada mais diz.

Trabalhava quase em silêncio, não por respeito aos mortos, mas por falta de interesse nas palavras. Elas se perdiam aqui também; pareciam poeira saindo de nossas bocas, tamanha a excepcionalidade com a qual as usávamos. Se ainda as utilizava é porque era responsável por coletar as assinaturas dos funcionários, no recebimento de seus pagamentos ou recibos de empréstimos ou mesmo na frequência ainda manual. Via seus nomes, lia seus nomes em silêncio. Eu chegava e já sabiam do que se tratava. Falavam quando obrigados, a exemplo de quando cheguei e era necessário explicar o que fazer e contar a história de praxe da empresa. As conversas giravam em torno de clichês, o ápice da burrice corporativa. Não se enganem, eu mesma não considerava ruim: muito cômodo não ter de falar e não precisar responder, desde que cumprisse minhas obrigações. Estava lá há dois anos, muito bem inserida, com uma sala, onde o silêncio e a solidude eram ainda mais fortes, ao ponto de pesar o ar, uma gravidade que líamos como autoridade do cargo, ao invés de ser a força do tempo operando sobre nós. De quando em quando, parecia-me que segurava o ar para não respirar, mas aí sentia meus ossos, meu sangue e meus órgãos, o ranger de meus dentes. Começava, então, a folhear alguma coisa, abrir a porta procurando seu ranger, porque tais coisas eram-me mais familiares. Respirava aliviada.

Duas vezes ao mês, precisava sair do meu posto e ajudar a separar, uma última vez, aquilo que pudesse guardar ainda alguma utilidade, um último esforço de verossimilhança. Formavam-se, nesses dias, exércitos fora dos muros à espera desses restos: o que fosse ainda de serventia poderia ser doado. Como num tácito acordo comum — sabido e jamais dito — e de tão deteriorada que iam tais tralhas, nossos gestores doavam mais por redução de

custo de destruição do que por qualquer benevolência. As pessoas que nos procuravam também nada tinham a dizer: chegavam, vasculhavam, coletavam e iam-se embora. “Baratas”, como eram chamadas, pelos nossos superiores, a última linha de humanidade, num cinza que embolava a possibilidade mesma de alguma certeza. Eram a humanidade incerta, um pé dentro, um pé fora: legiões indiscerníveis para olhos mal treinados ou desacostumados. Acho que o que chocava a quem aqui já não se habituara era a capacidade de reconhecer ainda alguma parte de humanidade nesses farrapos humanos. A orgulhosa distância do humano aqui também não tinha valor. Sem palavras e com uma humanidade incerta, não sei se estávamos mesmo neste mundo.

Encontrava, ocasionalmente, colegas de trabalho no supermercado e sentia o deslocamento deles. Algo se passava, eles sentiam, eu sentia. Ninguém permanecia o mesmo depois de aqui entrar e ninguém conseguia efetivamente sair. Isso corroía até mesmo as famílias. Minha filha não me entendia. Ela já havia me deixado, estudava e vivia fora. Quando me visitava, fazia-o mais por pena do que por amor; ela nunca me entendeu. Para ela, eu mal falava, ou falava mal; parecia que eu mais sussurrava palavras pela metade, palavras que “desistiam antes de chegar aos ouvidos de alguém”, “palavras anêmicas”, dizia repetidamente, até o momento em que nem mais escutava. As dela também não tinham energia aqui. Por isso, ia-se muito mais rápido do que chegava. E eu entendia, eu a compreendia. A poeira dessa existência acumulava-se sobre mim, como nos demais, embora não nos pesasse tanto, ao ponto do imperceptível. Mas ela nos afastava, criava uma camada, quase outra dimensão. Se, para alguns, a beleza era uma dimensão, para nós, era essa poeira com a qual trabalhávamos; cujos restos distribuíamos.

E aqueles farrapos as levavam e encontravam novas formas de usá-las. Nossos superiores não entendiam, eles não sabiam o que era a verdadeira criatividade, isto é, aquela que nascia da necessidade.

Numa segunda vez do mês, quando devia dar suporte, não sei se por descuido das inúmeras triagens (das quais nunca tive conhecimento, a não ser da existência de tais estágios, pois cada etapa acontecia em lugares distintos, a fim de evitar contrabandos e furtos), sobre minha mesa apareceu um envelope não muito corrompido, mais branco do que amarelecido, o que, de pronto, chamara minha atenção. Como ficávamos à margem, no último e mais afastado estágio, ele era, conseqüentemente, o menos vigiado e protegido. O segurança passava parte de seus dias dormindo. Só se movimentava nos dias de entrega, ficando ao longe. Ele também não entendia o que aqui acontecia e, pensando bem, sequer queria. Ainda se salvava. Porém, era quem ainda insistia em falar, especialmente quando dormia. Ninguém jamais respondia, embora a irritação comum fosse visível. Era implacável essa atitude de todos, inclusive minha.

Dentro do envelope, havia uma carta, com as bordas carcomidas, destinatário e remetente borrados por algum líquido derramado muitos anos antes — talvez, por isso, nunca tenha chegado a seu destino —, mas que conservava sua estrutura e seu conteúdo. Retirei e levei para minha sala. Ao chegar, abri o envelope, e a carta dentro dele estava praticamente intacta, com poucas rasuras nas dobraduras. Nada havia de valor, exceto um documento razoavelmente legível ali naquele lugar. Guardei numa gaveta e continuei o trabalho. Se ali estava, não havia mais interesse de ninguém nem qualquer importância para quem quer que fosse. Provavelmente, até mesmo a pessoa para quem se destinava tal documento já estivesse morta. Talvez, até tivesse

morrido de desgosto por nunca ter recebido aquela carta. Esse pensamento me comoveu por um instante, ao ponto de um soluço. Minha boca ficou úmida. Sentia-me um vaso seco subitamente irrigado com água, tremendo diante da possibilidade de algo aflorar, uma palavra saudável, por exemplo. Fiquei indisposta, ao ponto de quase não conseguir realizar o trabalho naquele dia. Malditas palavras, pensara noutro momento, secando o suor do rosto. Só eu suava ali, aparentemente.

Várias semanas se passaram até que me recordasse daquela carta, muito mais por remexer na poeira em minha gaveta, à procura de uma caneta para as devidas assinaturas, do que por ela propriamente. Lá estava ela sob a caneta encontrada. Deixara a gaveta entreaberta, para não esquecer uma vez mais. Esquecer era fácil demais ali. Esquecer era banal aqui, em toda parte: até a cidade já se transformava, tantos anos depois de muita resistência, em uma fantasmagoria. Fazia parte do trabalho. Só o trabalho não era esquecido. Parece que ele sobrevivia como uma marca em nossos corpos; ou mais fundo ainda, como o motor em nossos ossos. Nem sei dizer o que fazia antes de estar ali. Não me recordava de meu último trabalho; se houve algum trabalho antes daqui, não lembrava. Minha filha era a única evidência de que vivi antes disso. Eu era o que trabalhava, e o trabalho fazia de mim o que era. Divagar ali parecia um contrassenso, até mesmo uma falsidade. Hoje não parece muito diferente. Parece que os termos de verdade não se aplicam de forma alguma. De que importaria, então, se aqui nada mais tinha utilidade? Já parecia desde sempre fora de qualquer margem? Limite atenuado... poeira condensada. Essa poeira, inclusive, parecia a única com alguma coisa de consciência: assentando-se e criando camadas sobre o que passou; gravava na sua forma a passagem de um “antes” e já anunciava um “depois”. Tudo, porém, podendo-se perder com um sopro.

O branco amarelecido da carta fustigava meus olhos. Essa cor não me deixava esquecer. Insistia intrusivamente ao ponto do cansaço. Pegara o envelope, arrastando-o pelas bordas da mesa. Nem ousava levantá-lo muito acima da superfície, ao risco de ferir de morte a vista de alguém. Retirei lentamente, mais por cansaço do que por cuidado, a carta de dentro do envelope. As mesmas marcas, as mesmas rasuras, nada de diferente. A poeira não age sobre as coisas, mas é agida, por assim dizer. As coisas que vão se convertendo, vão ao seu encontro, tornam-se, aos poucos, poeira. O processo já estava iniciado, mas precisaria de mais tempo. Fazíamos o trabalho do tempo, acelerando-o. Na única vez que alguém me dirigiu alguma palavra aqui, uma senhora já avançada nos anos, amarelecida como os objetos com os quais trabalhava, com as pálpebras dobrando-se sobre seus olhos quase esquecidos em sua face, e uma pele tão flácida que as dobras juntavam literalmente poeira, dando-lhe um aspecto de estátua viva esquecida pela morte, anacrônica até, insinuando um sorriso, como se estivesse satisfeita consigo mesma, ela me disse, meio enigmaticamente, meio subitamente, sem entradas alguma em conversa, estarmos “realizando o tempo”. O que isso significava, perguntei, *realizar o tempo?*. Ela não mais abriu a boca e regressara ao trabalho. Também não tive mais forças, eu que havia ferido o contrato tácito do trabalho: as palavras não importavam.

Abri a carta. Não havia alguém a quem se destinasse, pois, muito provavelmente, faltava a primeira página. Olhara as demais: eram três páginas cheias no total, com folhas curtas, rasgadas de outro lugar, já usadas, com traços de outras escritas que mal se podiam ver, apagadas, em contraposição à escrita de uma mão pesada ou que assim se quis em nome da legibilidade do escrito, mas sem a primeira página, aquela que evoca o nome a quem se

dirige, com data e local e alguma amenidade, um “olá, como vai? Espero que esteja bem” para uma carta de início, ou mesmo um “li em sua última carta, o que me deixou preocupada...”. Nada. Também não havia um fim. A carta começava com uma palavra partida e terminava com um travessão. Nem começo, nem fim, nem destino, nem proveniência; uma carta perdida no meio do nada. Nem me perguntei muito mais sobre isso. Foi muito mais uma constatação do que uma surpresa, embora, subitamente, não tivesse mais tanta vontade de lê-la. Guardara-a na gaveta uma vez mais, agora fora do envelope. Esse eu já decidira jogar na pilha de descarte permanente. A carta, ainda a leria, apenas por estabelecimento da possibilidade do conteúdo ter alguma serventia. Retornava, enfim, ao trabalho. No fim do expediente, voltando à sala, decidi, de súbito, levar a carta comigo. Parecia que ali eu jamais a leria, e ela se perderia uma vez mais. Só em casa, mais algum tempo depois, decidira ler seu conteúdo. O esquecimento era quase a lei daquele lugar, o que significava certa impossibilidade em reconhecer a perda. A perda é trabalho da memória. O esquecimento é operação do esquecimento. A “perda absoluta”, dissera-me minha filha laconicamente, ao despedir-se, no que parecia a última vez que eu a veria.

Nem posso dizer que compreendera qualquer coisa que fosse daquela carta. Ela não fez para mim o menor sentido, nem mesmo sabia dizer do que se tratava. Aos tantos nens aos quais se assomava, aparecia mais este: o nem significado. As palavras nada importavam no meu trabalho, nada, de fato, garantiam. Isso eu acreditava entender. Contudo, essa carta fazia das palavras uma quase absoluta inutilização das palavras. Uma desfeita aterradora. A nada levava, muito pouco evocava, a não-sei-que fazia referência. Resolvi, então, ao invés de tentar explicar, deixá-la

para aquele e aquela, disposto e disposta, a tentar encontrar algum sentido, alguma referência, algum ponto de apoio para o que aí se escreveu. Eis a carta:

*– não. Sentei aqui... não esqueci de olhar. O ar rarefeito e as muitas entradas. Sempre promissoras, sempre dispostas a me levar... e eu sigo a recusar. Até isso me cansa, devo dizer... a coisa de recusar, porque sabem que quero aceitar, quero me deixar levar... mas eu recuso e recuso e recuso e fico cansado. Sento e sinto essa pedra irregular, muito desgastada, quase informe, quase cabendo meu pé nela, ainda que possa ferir. Porque eu sinto os machucados. Doem-me meus pés, doem-me minhas mãos, doem-me meus joelhos e ainda fico fatigado com o ar rarefeito. Você poderia até me dizer que “a paisagem compensa a viagem”. Compensa por uns instantes, aos olhos. Mas você bem sabe que não sou sujeito de deleites. Depois ela mesma participa dessa dor, as paisagens tornam-se lembranças de dor... Sou um sujeito que quer viver, e só. Faço isso, subo e subo e subo, porque viver é a única coisa que importa. Faço mais pela vida do que por mim. Às vezes, penso que faço para amaciar as pedras do caminho para os “outros”*

*– para mim inimagináveis, para sempre desconhecidos e sem qualquer garantia de que virão. E mesmo assim...*

*Achei papel e lápis e escrevo. É tudo. Subo e escrevo. Paro para escrever, sabendo a dor no corpo da certeza de mais uma subida. Por vezes, a subida é agradável, embora seja ainda subida... percebe? Não há descanso verdadeiramente, não há um simples se deixar levar... Ninguém pode me levar por mim, não verdadeiramente... Posso me deixar levar, ao custo de deixar-me levar peremptoriamente. Ao custo de me manter entregue... isso não pode ser. Antes subir e doer do que sossegar e ir ao caminho curto. Por vezes a subida me*

*testa. Eu subo e uso o corpo todo. Tudo é exigido o tempo todo. Eu me tremo e me machuco. Quero chorar e parar. Mas parar onde? Não sei onde estou. Apenas sigo. Nem pra frente e nem para trás necessariamente. Sei por onde passei até então. Alguns degraus machucando meus pés, como espinhos, outros feito folha, alisando e fazendo carinho, ainda que em subida.*

*Alguns momentos de alegria, mas sempre uma alegria custosa, alegria trabalhosa, alegria dolorida e ofegante. E os desníveis, e as diferenças de altura: pulando de três em três por vezes, tendo de usar toda a força dos braços para passar de um a outro, tomando quase todo o dia e algum sangue. Ofegante e dolorido e ainda assim subindo insensivelmente. Não há como não subir, mesmo que seja para ir de encontro ao vale. E ainda subindo, tomando cada degrau, nunca como certeza de parada, mas como indício de um esforço a continuar.*

*E eu me canso. Encontro algumas pessoas, falo com elas. Elas também sobem. Algumas mais rápidas, correm, parecem não sentir a força puxando-as; fingem melhor que eu. Mas eu também passo algumas. Vejo as que desistem, as que tomam a entrada, as que se lançam, às vezes gratamente, aos cuidados dos outros. Fecham os olhos, relaxam os corpos, para nunca mais retornarem. Não há como. Esse é o perigo. Há uma saída, é verdade, mas ela nunca leva aonde estamos, mas ao começo. É preciso recomeçar, voltar, lutar contra duas vezes mais. Nem subir e nem descer. Apenas ir contra. Não sei também se conseguiria. São forças em demasia. Forças para nos segurar, forças para nos expulsar, forças para nos empurrar e forças para continuar. Pense nisto: o que me restaria senão —*

## PESCADOR DE LEMBRANÇAS

Paulo Guilhermino dos Santos

*Mas, para que não os escandalizemos, vá ao mar e jogue o anzol. Segure o primeiro peixe que subir. Ao lhe abrir a boca, você encontrará uma moeda. Pegue-a e entregue a eles, por mim e por você (Mateus 17, 27).*

Eu me lembro. Bato à porta e vejo pelas frestas Aninha caminhar ao meu encontro. Ainda tenho dúvidas da decisão que tomei, não sei se faço certo em realizar essa visita, mas agora que ela me viu não tenho mais como desistir. Aninha se surpreende com minha presença, tínhamos nos visto pela última vez no enterro da minha avó, quase quatro anos atrás. Ela olha para mim e recorre ao vocabulário esperado para evitar complicações.

— Você por aqui, Luquinhas? Por essa eu realmente não esperava. Como estão todos no Resplendor? Estão com saúde?

Entro na dança e respondo conforme o esperado. Explico-lhe que as chuvas deste ano vieram no tempo de Deus, e não no nosso.

— A lavoura de milho está sofrendo muito, Aninha. O feijão nem mesmo nasceu. Mas a gente vai vivendo, procurando outros meios, sobrevivendo conforme o tempo de Deus. O importante é que estamos com saúde!

Ela segura meu braço e me põe para dentro da casa. Explica que estes últimos meses em Natal não estão sendo fáceis. Longe da família, dos amigos, tendo de lidar com uma situação difícil e repentina. “Ninguém estuda pra isso”, me diz. E eu aceno com a cabeça em sinal de compreensão.

Me sinto confortável, esqueço todos os momentos em que pensei em desistir daquela visita. Aninha me olha com curiosidade e diz:

— Você está um rapagão bonito, como cresceu! Tem tanta coisa que eu quero saber sobre você! Mas sei que não veio para isso, imagino que veio ter notícias de mamãe, não é mesmo?

Confirmo sua expectativa e ela me leva até o quarto de tia Anita. Enquanto gira a maçaneta da porta branca, uma série de memórias do passado começam a borbulhar na minha mente. Fico incrédulo com a nova imagem, o contraste assusta. Todas as minhas lembranças antigas de tia Anita são de uma mulher bela, forte e brincalhona, uma mulher capaz das maiores estripulias. No entanto, o que vejo agora é um corpo frágil e ressequido, sua imobilidade e seus olhos fechados geram em mim uma sensação fúnebre. Tento esconder meu assombro, mas Aninha retira dos meus olhos essa verdade incômoda.

Eu sento numa cadeira ao lado da cama. Aninha me explica que tia Anita dorme durante quase todo o dia, uma forma de compensar as constantes noites insones.

— Mas ela ainda conversa com você, Aninha? Tem consciência do que está acontecendo?

— Quase nunca. Uma palavrinha ou outra, dependendo do dia. Mas tenho a impressão de que ela não sabe com quem conversa. Sua memória já estava ruim, só que depois do derrame tudo piorou. O médico não deu muitas esperanças, mas quem sabe ela vai melhorando aos pouquinhos com a fisioterapia?

“Quem sabe, né Aninha?”, digo docemente. Ela me deixa livre para ficar ali, diz que precisa cuidar das panelas que estão no fogo. Me pede que fique para o almoço, e eu consinto com um gesto.

A porta se fecha ao meu lado. Retorno meu olhar para o corpo adormecido de tia Anita, Nitinha como eu e meus primos a chamávamos. Ainda tento assimilar o que vejo. Como aquela mulher forte e destemida se tornou esse farrapo de pessoa com o passar do tempo? Os anos costumam ser insensíveis com todos nós, mas eles parecem ter sido especialmente cruéis com tia Nitinha.

Pesco na lembrança nossos momentos juntos. Desde que me reconheço como gente, me recordo das visitas de tia Nitinha ao nosso sítio. De acordo com minha mãe, ainda muito nova, tia Nitinha havia fugido para morar com um homem em Natal. Ela era moça danada, foi embora contra a vontade de todos. Estando em Natal, formou família e viveu os melhores anos de sua vida. Entretanto, quando veio a separação, os bens foram repartidos, e ela passou a viver nesta casa sozinha. Foi nessa época que se reconectou com a família do interior. No início, as visitas ocorriam nos feriados, especialmente nas Festas Juninas e nas comemorações de Natal e Ano Novo. Porém, com o tempo, as visitas se tornaram mais recorrentes e prolongadas, período no qual tia Nitinha ocupava a mente com as coisas do campo.

Lembro-me como se fosse agora. Pela manhã, devidamente informado por mainha, saía de casa na correria após saber que tia Nitinha havia chegado para passar uns dias conosco. Descia a ladeira em direção à casa dos meus avós com o coração pulsando de expectativas juvenis. Já na residência deles, encontrava tia Nitinha tomando café e pedia sua “bença”. Ela me abraçava, apertava minha mão e dizia:

— Deus te abençoe, meu Luquinhas. Que saudade grande de você, sempre o primeiro a vir me procurar! Eu te trouxe um presentinho, vá lá no quarto pegar, está na primeira porta do camiseiro.

Eu corria, abria o camiseiro e me deparava quase sempre com um ou dois livrinhos. Alguns eram religiosos, outros de ficção. Titia os comprava numa pequena livraria que ficava no trajeto que fazia em direção à rodoviária de Natal. Com o passar dos anos, as mentiras presentes nesses livros terminaram se tornando as únicas histórias que ainda fazem sentido para mim.

Após esse primeiro contato, ficava folheando os livros e perguntando minuto após minuto se titia já havia terminado o café da manhã. Estava prontinho para um dia inteiro de aventuras. Aliás, não só eu, meus primos, aos poucos, também iam surgindo animados. Especialmente Rodrigo e Lili, cujos pais moravam em casas próximas à dos meus avós.

Para começar, nós saíamos juntos com tia Nitinha e meu avô em busca de feijão-verde. A plantação rodeava quase que toda a casa. Enquanto apanhávamos o feijão para o almoço, ríamos do comportamento de tia Nitinha. Ela caminhava de um jeito esquisito, simulando os trejeitos da figura mitológica do Velho do Saco. Em tese para nos assustar, mas a única coisa que conseguia era

arrancar de nós boas gargalhadas. Tia Nitinha também mastigava os feijões crus, sem nem mesmo descascar as vagens. Eu e meus primos fazíamos careta vendo aquilo, enquanto ela redobrava a ação e mastigava como se fosse um animal selvagem. Não obstante, a vida ao lado de tia Nitinha também propiciava momentos líricos. Às vezes, ela encontrava ninhos de rolinha no meio do roçado e nos chamava para ver os ovos. Costumava marcar o local para visitá-lo novamente, mas sempre pedia para que deixássemos o ninho intacto, pois a natureza deve seguir seu curso.

— A mãe deles voou quando me viu. Mas ela vai voltar. Uma mãe sempre volta, pois ninguém gosta de ficar longe dos filhos.

Após a colheita do feijão-verde, íamos para o alpendre debulhá-lo e continuar nossas conversas. Vovó costumava nos ajudar nessa hora, trabalhando conosco enquanto mascava seu fumo. Vez ou outra cuspiam a saliva saturada do fumo no chão, uma prática costumeira que despertava em nós náuseas e reclamações.

Depois, enquanto o feijão cozinhava, acompanhávamos tia Nitinha em sua procura por maxixe e coentro, os complementos perfeitos para o almoço. Já durante as refeições, ela se esbaldava, muitas vezes colhia uma pimenta-malagueta do pé e triturava-a na boca, sem demora. Ficávamos todos impressionados com a sua resistência, no afã de entender como aquilo era possível.

Com o cair da tarde, aproveitávamos as Festas Juninas para fazer comida de milho. Ao lado de tia Nitinha e de outras pessoas da família, entrávamos no milharal para “quebrar” milho-verde. Saíamos com uma carroça cheia e passávamos a tarde descascando e ralando o milho verdinho, com o qual produzíamos pamonha, canjica e angu. Já na época do Natal, lembro de tia Nitinha jogando milho no chão e se preparando como se fosse onça para dar um bote

no peru que circundava o terreiro. A agilidade e a esperteza daquela época tornam ainda mais impactante a imobilidade que vejo hoje.

Tia Nitinha se move lentamente na cama, parece que vai acordar. Sua cabeça desliza para fora do travesseiro, ela abre os olhos e os mantém fixados em algum elemento presente no teto do quarto. Mesmo sem olhar para mim, tenho a impressão de que ela sente a presença de algo novo. Ao balançar um pouco a cabeça, murmura baixinho sons incompreensíveis. Será que minha presença lhe causa desconforto? Devo ir embora e deixá-la descansar? Essas possibilidades me passam pela cabeça, mas o desejo de me reconectar a ela, por um único instante que seja, mostra-se maior.

Imagino que possa estar desconfortável com a cabeça fora do travesseiro. Levanto-me, aproximo-me lentamente e tento reposicionar a sua cabeça sobre a almofada. Sinto as marcas do tempo na sua face e toco levemente seus poucos cabelos. Ela não demonstra resistência. Consigo completar o movimento e sinto-me útil. Só então, pego sua mão e pergunto:

— Tia Nitinha, lembra de mim? Sou eu, Luquinhas, o Luquinhas do Resplendor... Lembra das nossas pescarias? Das nossas brincadeiras no cajueiro?

Olho nos seus olhos e não encontro resposta, certamente ela não se recorda de mim. É como se ela não estivesse realmente ali. Paro e penso nessa coisa maluca que é viver sem memória. Se uma pessoa não se recorda de si nem dos outros, é possível dizer que ela ainda está viva? Sem lembranças nos resta o nada, névoas de nada. Resisto, então, com as minhas lembranças ou, pelo menos, com o que ainda resta delas.

Fisgo no fundo da memória nossas idas até o cajueiro em frente à minha casa. Nitinha, eu e meus primos dizíamos que íamos

à procura de caju para fazer suco, ou então de castanha para ser assada. Em todo caso, era uma meia verdade, pois o interesse maior ficava por conta das brincadeiras à sombra do cajueiro. Subíamos nos seus galhos e, usando os cabrestos dos bezerros, montávamos balanços para nos divertirmos. Tia Nitinha se revelava competitiva, sempre chegando primeiro ao balanço e conseguindo acelerá-lo mais do que qualquer um de nós.

Em que pese a beleza de todos esses momentos, como menino que recém descobria a vaidade, ficava orgulhoso das pescarias com tia Nitinha, já que esses momentos eram reservados apenas para nós dois. Nessas horas, tia Anita era toda minha, e eu podia aproveitá-la por inteiro. Nós nos recusávamos a usar redes, porque sabíamos que era muito mais divertido pescar com anzóis. A aventura começava com a procura por minhocas. Pegávamos uma enxada e circulávamos ao redor da minha casa e da casa dos meus avós à procura de lugares úmidos, nem sempre era fácil localizar boas iscas. Mesmo assim, uma vez encontradas, íamos juntos em direção ao rio Resplendor, que ficava em terras alheias às nossas. Dois locais eram mais propícios para a pesca de anzol: a Cacimba do Capim e o Poço da Pedra.

Como o dono daquela região era um grande fazendeiro que vivia para as bandas da Paraíba, as terras ficavam sob os cuidados de seus vaqueiros. A excitação de pescar em terras tidas como proibidas deixava tia Nitinha e eu inteiramente alertas enquanto pescávamos à beira do rio. Só naquela época comecei a entender que a ausência de permissão — ao invés de proteger — pode muitas vezes funcionar como estímulo à transgressão.

Transgredíamos com um prazer imenso. Corríamos à beira do rio até chegar à Cacimba do Capim. Lá, pescávamos piabas,

tilápias e curimatãs. Já no Poço da Pedra, costumávamos conseguir pescar muitas traíras. Tia Nitinha me alertava que elas estavam escondidas entre as fissuras dos lajedos. Sempre que dava, salvávamos alguns peixinhos pequenos num balde d'água e levávamos para que eles se desenvolvessem num pequeno açude dentro de nossas terras. Era com uma alegria extasiante que eu sentia os peixes morderem a isca. Mesmo não tendo a mesma habilidade que titia, os poucos pescados que eu pegava faziam a minha diversão.

Muitas vezes, após a pescaria, nós tomávamos banho no rio. Tirávamos a roupa e, molhando um ao outro, caíamos nas águas suaves do Resplendor. Foi por meio de tia Nitinha que aprendi a nadar. Ainda consigo sentir seus braços segurando o meu tronco nu e me ajudando na flutuação.

— Mais rápido, Luquinhas, um pouco mais rápido! Não pare de bater os pés, não pare. O segredo está aí, na coordenação.

Certa vez, estávamos no Poço da Pedra, prestes a ir embora e começamos a ouvir o barulho de um carro chegando. Tia Nitinha estava toda molhada, porque naquele dia já havia brincado de ter sido puxada para dentro d'água por um peixe muito grande. Ao ouvir o barulho, ela fez um gesto de silêncio pondo o dedo em frente à boca. Pegou no meu braço e, juntos, nos escondemos numa pequena moita de mato. Eu respirava forte e sentia o coração cavalgando no meu peito infantil, enquanto titia olhava para mim como quem pede calma. O carro parou na estrada, próximo ao poço, dois homens desceram e olharam ao redor. Não conseguimos identificá-los nem tampouco saber o que conversavam. Para o nosso alívio, depois de alguns minutos, eles retornaram para o carro e foram embora.

Logo depois, saímos do Poço da Pedra correndo, com medo de que algum vaqueiro da fazenda viesse à nossa procura. Titia concluiu, pela marca boa do carro, que um dos homens era o dono da fazenda, Seu Moisés Dinarte. Mesmo assim, no dia seguinte, após vermos o carro retornar pela mesma estrada e ir embora, pensamos que a pescaria estava novamente liberada. Voltamos ao rio Resplendor e, para nossa surpresa, fomos vistos pelo que parecia ser um dos vaqueiros da fazenda. Eu fiquei aturdido, não sabia o que fazer. Tia Anita me pediu calma, mas eu corri dali o mais rápido possível, deixando-a sozinha. De longe, observei o vaqueiro se aproximar, descer do cavalo e estabelecer uma conversa com ela. Não vi o resto, corri para casa com medo do que poderia me acontecer. Cheguei esbaforido e com minhas sandálias nas mãos, dado que um dos cabrestos havia se soltado durante a correria. Expliquei ao meu avô a situação, mas ele não se mostrou muito preocupado, apenas disse que dali a pouco tia Anita chegaria em casa:

— Calma, Luquinhas. Ela chega já. Vá pra casa que eu vou ali pegar os bezerros. Venha amanhã cedinho, traga o seu copo para beber leite quentinho do ubre da vaca.

Demorou cerca de duas horas, mas pareceram dois anos. Não fui embora, fiquei no batente da porta aguardando o retorno de tia Nitinha. Tão logo vi sua miragem ao longe, corri em sua direção. Abri a porteira que dava entrada ao nosso sítio e esperei sua chegada. Ela veio caminhando lentamente, sem a extroversão habitual. Perguntei a tia Nitinha o que havia ocorrido, onde estavam os peixes, por que demorou tanto. Não ouvi resposta, ela demonstrava resignação e não quis papo comigo. Percebi que não trazia consigo os instrumentos da nossa pescaria. Entrou na casa e disse secamente para não acompanhá-la:

— Fique aí, não venha! — foram as últimas palavras que meus ouvidos infantis receberam dela.

Vovô reapareceu e orientou-me novamente que fosse para casa, pois já era tarde. Naquela noite, fiquei em casa com papai enquanto mainha foi chamada para ir à casa da minha avó. Algo estava sendo discutido longe dos olhos infantis. Não consegui me manter acordado até o retorno de mamãe. No dia seguinte, acordei antes de todo mundo e corri em direção à casa de vovó para me encontrar com tia Nitinha. Planejava pedir desculpa por tê-la deixado só. Porém ela já não estava mais entre nós, havia viajado de volta para Natal naquela manhã, muitíssimo cedo.

Não entendi e até hoje não entendo o que aconteceu. Mas foi só depois de crescido que as piores teorias passaram a povoar minha mente. Nos últimos dias, com a notícia do AVC, esse enxame de hipóteses não explicadas ziguezaguearam pelas minhas memórias em desespero. Recordo que nos dias seguintes à partida de tia Nitinha, perguntei à mamãe o que havia ocorrido e recebi respostas lacônicas. Ela me disse que titia tinha sido repreendida pelo vaqueiro, que ficara um pouco triste e que, por isso, foi embora. Porém o que minha mãe nunca conseguiu explicar foi porque tia Nitinha nunca mais retornou ao nosso sítio depois daquela ocasião.

E o que mais me incomoda é que, por alguns anos, eu me esqueci quase que completamente dela. Como se tivesse sido tomado por uma demência deliberada, entre o fim da infância e toda a adolescência, sua falta não foi sentida por mim. Talvez por isso, no início de 1982, sem perspectivas de futuro, tornei-me vaqueiro na fazenda da família Dinarte. Foi no trabalho diário, no ato de aboiar

o gado à beira do rio Resplendor que as lembranças das minhas experiências ao lado de tia Nitinha romperam o chão agreste do tempo e foram brotando na consciência.

Voltei a pescar com frequência na Cacimba do Capim e no Poço da Pedra. Tenho comigo o nome dos vaqueiros que trabalhavam na fazenda na época do estranho ocorrido com tia Nitinha. Sei que três deles não trabalham mais para Seu Moisés Dinarte, em relação aos outros, tenho medo de perguntar. Nos momentos em que estou com eles, tento extrair de suas expressões corporais uma identificação. Porém, como as águas recentes do rio Resplendor, as minhas memórias estão cada vez mais turvas. Será que o homem que interpelou tia Nitinha era mesmo um vaqueiro? Nem sei mais no que acreditar... Pior: duvido de mim mesmo, afinal, que tipo de loucura pretendo fazer se identificar esse homem?

Foi afogado nesse mar de angústias que, na semana passada, quando soube do estágio atual de tia Nitinha, percebi que essa era a minha última oportunidade. A verdade que nunca tive coragem de saber realmente ficaria ainda mais distante com a sua morte. Juntei a folga do final de semana com o feriado da padroeira e decidi, sem aviso prévio, vir a Natal.

Agora, ao lado de sua cama, noto a inutilidade do meu gesto. Tarde demais! Mesmo assim, seguro a mão de tia Nitinha, aproximo minha boca do seu ouvido e digo as palavras que foram silenciadas por mais de uma década:

— Tia Nitinha, sinto muito por ter te abandonado. Sinto muito, viu? Me desculpe. A senhora me desculpa?

Ela se agita na cama, da sua boca saem sons intraduzíveis. Tento entender, me esforço. Peço que ela repita enquanto aproximo meu rosto de sua boca. Decifro o meu nome, mas não sei se ela está realmente dizendo isso ou se sou apenas eu que estou imaginado. Tento recuperar a razão e passo a não compreender mais nada, nenhuma palavrinha sequer. Grito por Aninha e ela chega ao quarto preocupada.

— O que tia Nitinha está querendo dizer, hein, Aninha? O quê?

Aninha se aproxima assustada, ouve comigo os gemidos da mãe. Quem sabe o hábito do convívio não tenha lhe preparado para entender esses sons. Ela olha para mim e diz:

— Eu não sei o que ela tá querendo dizer. Ela geralmente geme quando está com sede. O que você disse pra ela, Lucas?

Viro o corpo e me calo por longos segundos. Depois digo para ela dar água à tia Nitinha, talvez esteja mesmo com sede. Aninha sai em direção à cozinha para pegar água e eu pergunto onde fica a saída mais próxima. Preciso de ar fresco.

Chego ao quintal e acendo um cigarro. Percebo que estou suado e tento respirar com calma, pausadamente. Realmente não sei se consigo retornar àquele quarto. Então, vejo as plantas do quintal e noto que algumas estão quase morrendo por falta de cuidado. Muitas daquelas plantas são mudas que tia Nitinha trouxe do nosso sítio. Olho em volta, pego a mangueira do quintal e começo a aguar tudo o que vejo pela frente.

Sinto que, por todos esses anos, uma parte de mim continuou viva em tia Nitinha. Recordo-me como se fosse agora do dia em que fui com ela selecionar as mudas que seriam trazidas para

Natal. Um pé de laranja, um pé de orquídea, um pé de imbé... Tia Nitinha está acorçada na minha frente, vai escolhendo e explicando porque quer cada uma daquelas mudas. Ela olha para mim, ri e pergunta se quero pescar depois:

— Você quer ir pescar após terminarmos aqui, Luquinhas? O carro do dono da fazenda já passou, estamos livres. Que tal? Vamos?

E eu me lembro de ter dito sim, eu quero sim. Oh, meu Deus, como eu lembro!

## A MULHER

Edna Maria Rangel de Sá

Lavando a louça do almoço, naquela tarde quente, ela se demorava olhando o colorido furta-cor das bolhas de sabão do detergente. As bolhas se penduravam ousadas na bucha molhada até voarem sobre a pia e estourarem no ar. Ela pensou como seria bom ser uma bolha de sabão, voar e estourar no ar.

O relógio na parede da cozinha avisava que era hora de começar a fazer o jantar, e ainda tinha a roupa para tirar do varal. Precisava molhar as plantas e arrumar a sala e a mesa do jantar. Os mesmos trabalhos, que nunca acabavam e jamais eram vistos, percebidos, a não ser que não fossem feitos.

Há quanto tempo ela vivia assim? Olhou para a grossa aliança que brilhava em seu dedo anular da mão esquerda e pensou em algemas. Tinha perdido a noção do tempo e da vida naquele espaço.

Ela lembrou do tempo em que era professora. Parecia tudo tão distante. O barulho dos alunos, as reuniões pedagógicas, reuniões de pais, planejamento, tarefas a corrigir e aulas a planejar, o cansaço no fim do dia, os atropelos dos finais de ano, as turmas que passavam e as outras que chegavam. Ela tinha um salário,

decidia o que comprar. Um sapato novo, do qual não precisava, um lanche, um presente para uma amiga. Lembrou que não queria parar de trabalhar, mas isso não tinha sido uma opção para ela. Para se conformar, chegou a achar que seria bom não ter tantas obrigações diárias e ter mais tempo para si mesma. Não tinha.

Ele chegou como sempre, desde o primeiro dia. Colocou a pasta sobre o aparador, pendurou as chaves no porta-chaves e foi tomar banho em silêncio enquanto ela terminava o jantar e deixava tudo pronto à mesa. Costelas de cordeiro ao forno, arroz negro, salada. Tinha passado a tarde cozinhando. Mas tinha tomado banho e se trocado antes de ele chegar. Como sempre.

Mesa bem posta, tudo arrumado como ele gostava. Um pudim de leite destoava dos pratos salgados aguardando a hora da sobremesa.

Ele sentou-se, mexeu na comida, comeu um pouco e saiu calado da mesa. A comida não estava boa? É o seu prato preferido. Nem comeu a sobremesa.

Com um livro nas mãos, já sentado na sala, ele respondeu entre os dentes: o cheiro doce da sobremesa antecipado na mesa estragou o prato principal, você sabe.

Nos porões seculares das mulheres, ecoavam vozes prisioneiras.

Ela retirou a mesa, arrumou a cozinha, guardou a comida, deixou algumas coisas encaminhadas para o dia seguinte e foi ver umas revistas no quarto. Adormeceu antes que ele viesse para a cama. Teve sonhos confusos em que era uma bolha de sabão e voava pela janela da cozinha até as montanhas distantes, soprada pela brisa da tarde, com o sol brilhando sobre ela.

O sol ainda surgia no horizonte enquanto o cheiro de pão assando e de café fresco invadia a casa. Mesa posta, ele comeu com sofreguidão, repetindo três xícaras de café. O jantar acidentado tinha deixado ele faminto, e não menos carrancudo.

Ele saiu sem uma palavra e, quebrando um costume antigo, ela não o acompanhou até a garagem, não abriu o portão e nem ficou vendo-o se afastar na rua, enquanto acenava, sozinha, para ele. Ficou sentada à mesa, uma xícara de café esfriando diante dela, os olhos olhando para o nada.

Não se moveu a manhã toda. Levantou da mesa perto das 11 horas e foi deitar no quarto. Fechou as cortinas lentamente e se cobriu com o lençol desdobrado desde a noite anterior. Adormeceu profundo.

Pouco depois do meio-dia, ouviu o carro chegando. Ele vinha almoçar, como de costume. Pasta sobre o aparador, chaves no porta-chaves, banho em silêncio.

Ficou parado em frente à mesa não acreditando que estava vendo ali os restos do café da manhã. Só podia estar doente.

Subiu, abriu a porta do quarto sem cuidado. Um volume imóvel sob as cobertas anunciava que ela estava ali. Fechou a porta e saiu resmungando que teria que comer rápido em algum restaurante ou nem sequer comer, guardar a fome para o jantar.

Chegou com os últimos raios de sol e encontrou a casa imersa na penumbra. Pasta sobre o aparador, chaves no porta-chaves, banho em silêncio.

Comeu um lanche na cozinha, leu e viu TV na sala, subiu para dormir. Ao seu lado, a esposa ressonava sob os lençóis, coberta da cabeça aos pés.

Acordou atrasado. Não dormiu bem à noite, a esposa suave ao seu lado, a despeito do frio de 19 graus.

Saiu sem o café da manhã. Comería em alguma padaria. Teria que almoçar em algum lugar também e trazer, da rua, alguma coisa para o jantar. Que maçada!

Deitada sob os lençóis, ela dormia e acordava sem se dar conta das horas, sem sentir fome, suando e sentindo dores bem no meio das costas. Não uma dor grande, mais um certo incômodo, uma coceira dolorida, um arrepio que percorria toda a extensão das costas.

Deitou de bruços para diminuir o incômodo. Ele chegou, saiu, chegou, saiu, chegou, saiu... e ela sob os mesmos lençóis suados.

Ele foi dormir no outro quarto. Comendo sempre fora, a louça se acumulando na pia, a poeira se acumulando sobre os móveis, o silêncio se acumulando pela casa, o suor se acumulando sob os lençóis, ela se acumulando dentro de si mesma.

O sol amanhecia os dias e anoitecia as noites, e o incômodo nas costas só aumentava. Agora, só conseguia dormir de bruços. Os suores continuavam, os olhos ardiam na presença da luz, mesmo da luz que vinha, só de vez em quando, da janela entreaberta, quando o vento soprava a ponta da cortina.

Ele abria e fechava, vez ou outra, com grande aborrecimento, a porta do quarto mergulhado na penumbra. “Quanto tempo mais ela iria ficar deitada, dificultando minha vida e atrapalhando minha comodidade”, pensou aborrecido.

Enquanto se mexia sob os lençóis, suando e sentindo o incômodo e a coceira entre as omoplatas crescerem, um pensamento estranho lhe ocorria, de vez em quando: há quanto tempo ela tinha deixado de ser ela mesma para ser o outro? Não existe vácuo nos

espaços de poder. Quando uma pessoa não ocupa seu espaço de poder, abre espaço para o outro tomar o leme da sua vida e conduzir o barco, que é só seu, à sua revelia. Clausura.

No escuro suado daquele espaço, ouviu ele fechar, com violência, a porta do quarto, mais uma vez. Um pensamento balançou suave na sua mente entorpecida, como as bolhas de sabão na pia: não é sobre dizer não ao outro; é sobre estar dizendo sim a si mesma.

Abriu os olhos, as costas pesavam e doíam. Tentou passar a mão para ver, com o tato, o que havia entre as suas omoplatas. Não conseguiu. Doía, coçava e ela não tinha tanta mobilidade.

Adormeceu sonhando com bolhas de sabão, com ventos soprando sobre seu rosto, com aves, borboletas, espaços abertos, liberdades.

Ouvindo o ronco do motor do carro dele ao longe, sentou-se na cama, desnuda, suada, descansada, estranhamente feliz.

Afastou as cortinas e abriu as janelas completamente. O sol começava a descer no horizonte, pintando tudo de laranja e dourado.

O vento soprava suave sobre seu corpo nu, fazendo esvoaçar seus cabelos ruivos e secando todo suor acumulado nesse tempo só seu.

Num impulso, subiu na janela e sentiu a brisa da tarde envolvendo todo seu corpo, acariciando seu rosto. Sentiu o calor morno do sol que continuava descendo no horizonte, dourando a tarde. Respirou fundo e se sentiu completa, plena, feliz, em paz, como não se sentia há tanto tempo que nem lembrava mais como era.

Todos os seus sentidos pareciam, de repente, muito mais aguçados. Ouviu a porta da casa se abrindo, a pasta sobre o aparador, as chaves no porta-chaves, a respiração dele aborrecida. Ouvia os passos dele subindo as escadas para o quarto.

De cócoras na janela, abriu os dois braços. O sol entrava pelas vidraças criando uma atmosfera mágica, inundando tudo com sua luz dourada e cegando a sua visão e a de quem entrasse no ambiente.

Ele abriu a porta tentando acostumar os olhos com a luz que inundava todo o quarto. Olhou a cama vazia, os lençóis jogados de lado e um pensamento aborrecido povoou a sua mente: “já não era hora de ela ficar bem e retomar a normalidade dos meus dias?”.

Enquanto tentava localizar a mulher ali no quarto, passeando os olhos por todos os espaços, ficou meio tonto e quase podia jurar que tinha visto uma enorme ave voando da sua janela. Olhou para o chão, perto da cortina, e viu duas enormes penas brancas, brilhantes.

Ela sentia a brisa suave em seu corpo, os últimos raios de sol brilhando sobre as penas brancas, o vento brincando com seu cabelo. Um par de asas enormes saltavam de suas costas levando-a para a liberdade de ser ela mesma. Plenitude.

Ao seu redor, junto com os últimos raios dourados do sol, ecoavam as vozes de todas as mulheres, suas ancestrais!

## LEVADO DA BRECA

Marcos Antonio Campos

Era aligeirado pela pouca idade quando me meteram dentro da livraria. Era o Xaropinho bom pra tudo, pois é assim que me chamavam nessa época, ainda não tinha adquirido a metafísica da Tabacaria. Era como o Raul Seixas, inocente, puro e besta. O novo mundo abriu-se para mim de repente, pois, até então, o único livro, que não fossem os da escola, que havia lido e relido tinha sido a Bíblia. Não que eu gostasse de religião, mas apreciava as intrigas e as lutas mirabolantes que os personagens viviam. Alguns nem tão bons assim, mas eram sempre perdoados se adorassem a Deus, o Senhor dos exércitos.

Achava que Deus não gostava de mim, pois vivia de casa para a escola e, nos fins de semana, de casa para a igreja. Tinha boas notas, só pecava em pensamento e vivia na casa do Senhor. Mas, em compensação, não sabia jogar bola nem andar de bicicleta e muito menos tocar um violão, coisas que todo menino da minha época sabia. Em verdade eu vos digo, tinha boas notas e, para ser sincero, trocaria todas elas pelo dom de jogar bola e ser o craque da rua.

Na livraria, um dos serviços mais estranhos que me deram foi renovar livros. Naqueles tempos, as coleções eram caras e vendidas a prazo. Por isso, alguns clientes não conseguiam honrar suas

prestações e devolviam os livros sujos ou riscados. Cabia a mim lixar o miolo dos livros com uma lixa bem fininha para torná-los novos. O lixamento tirava todas as manchas das bordas dos livros e deixava-os novinhos em folha.

O serviço era chato, mas os prêmios eram fabulosos. As mulheres tinham a mania de esconder dinheiro dentro dos livros e, quando os devolviam, esqueciam-se de retirá-lo. Quando os livros me eram entregues, não havia indicação de antigos donos. Encontrei muitas cédulas e bilhetinhos que, tempos depois, me serviram muito.

Quando os livros estavam riscados e imprestáveis para a revenda, tornavam-se minas para mim. Lia-os todos e compreendia os enredos e as abstrações por meio dos comentários de rodapé ou em notas esquecidas e amareladas pelo tempo, mas que eram uma fonte de entendimento das coisas que minha cabeça de adolescente ainda não assimilava.

Na companhia, eu trabalhava muito nos três primeiros e nos três últimos dias de cada mês. O serviço seguia uma rotina. No começo do mês, os vendedores eram despachados para cidades do interior e voltavam ao final do mês para a prestação de contas. Nos outros vinte e poucos dias do mês, eu não fazia nada além de abrir e fechar o escritório e ler, mas ler muito.

Comecei pela coleção da Segunda Guerra Mundial. Li todos os volumes, tornei-me especialista em guerras, conheci todas as batalhas famosas. Depois foi a vez de Jorge Amado. Li 17 livros em sequência do famoso escritor baiano e fui me familiarizando com sua linguagem e os conflitos pelas terras do sem-fim. Em seguida foi a vez de Machado de Assis e a dúvida instalou-se em meu ser. Foi ou não foi Capitu uma traidora?

De algumas coleções eu não gostei, ou por não ter cabeça à época para ler *Obras Filosóficas* ou por ignorância mesmo. José de Alencar não me convenceu com seu excesso de adjetivos. Confesso que até hoje a classe gramatical de que eu menos gosto é a dos adjetivos, principalmente nos dias atuais, em razão do policiamento que não nos deixa adjetivar ninguém. Aprendi com tudo até a língua sibilar mais rápida que uma flecha.

A minha coleção predileta era “SAV, Sexo Amor e Vida”, a descoberta da sexualidade. Os seus caminhos e descaminhos eram fascinantes. Contudo, guardo desse tempo o maior fora que me ocorreu na vida. Quando já fazia Letras e o professor começou a falar sobre Freud, eu lhe perguntei se não era “Freude” que havia escrito aquelas sentenças.

Hoje, sou um homem maduro e lembro-me muito bem de alguns episódios passados na livraria que me serviram de escola para o resto da vida. Nessa época, eu sempre falava a verdade e achava que todas as pessoas podiam fazer todas as coisas, mas o dia a dia do trabalho me ensinou que não. Alguns são mais habilidosos que outros, e a capacidade de cada um pode ser melhor explorada desempenhando essa ou aquela tarefa.

Repentinamente, senti-me atraído pelos catálogos que os vendedores usavam em sua ladainha para convencerem os clientes a comprarem as coleções. Descobri a força da palavra verbete e fui além, porque, tendo lido os livros, desenvolvi a capacidade de conversar com os clientes que esporadicamente visitavam a livraria à procura de novidades, sem, contudo, forçar as vendas. É bem verdade que em algumas ocasiões fui advertido pelo poderoso chefe que eu, às vezes, trabalhava contra os interesses da empresa, pois ouvira-me dizer a um cliente que os livros de José de Alencar não consultavam os seus interesses.

Não era minha intenção prejudicar ninguém, mas o meu desenvolvimento com as coisas da livraria levou o dono da empresa a demitir meu chefe imediato, alegando, descaradamente, que eu podia exercer as duas funções, sem, contudo, aumentar o meu salário.

Entre as minhas novas funções, a que mais me encantou foi a de ajudar o dono da livraria na seleção de novos vendedores. Até então, eu não sabia da existência de pegadinhas para eliminar candidatos incautos, se bem que já tivesse passado por essa situação em um concurso para trabalhar na Junta Comercial do Estado. Passei em primeiro lugar nas provas escritas da corporação, mas fui eliminado ao responder a seguinte pergunta: Quantos vogais tem a Junta? Eu, incontinente, respondi: “duas”. Fez-se um longo silêncio durante alguns segundos, enquanto eu tentava entender o rosto transtornado do entrevistador, que, ao acalmar-se, refez a pergunta. Quantos vogais tem a Junta? Eu continuava desconfiado da pergunta. Será que o moço não sabe que o substantivo vogal é feminino? Então o entrevistador perguntou-me quem eram os vogais. Intrigado com aquela conversa sem o mínimo sentido para mim, respondi o “o” e o “a”.

— O senhor está brincando comigo?

— Não! Não estou.

— O senhor está reprovado! Foi a dolorosa sentença que recebi, pois, àquela altura, eu não sabia que as palavras têm múltiplos sentidos.

Pela primeira vez em meu trabalho, fui tomado por uma expectativa ímpar. Jamais, haviam depositado em mim tanta importância e gerado tanta ansiedade por uma nova situação

trabalhista. Eu ia participar da seleção para a escolha dos novos vendedores de livro. Foram-me passadas as instruções e era só seguir o acordado.

De acordo com o *script*, eu me posicionaria no corredor que separava as salas da livraria, com o intuito de observar se o pretendente ao cargo de vendedor se dirigiria de primeira à sala indicada no ofício enviado ou se daria voltas em torno da sala, com o intuito de criar coragem para a abordagem. Caso o aspirante ao cargo não adentrasse a sala de imediato, ele estaria fadado ao fracasso, pois um vendedor de livros não deve refugar o primeiro obstáculo. Toda a preparação para uma abordagem exitosa tem que ser planejada antes. O vendedor jamais deve demonstrar insegurança.

Passada a primeira fase da seleção, vinha o segundo teste da triagem, que consistia na observação do candidato em uma determinada situação. O pretendente à vaga era convidado a adentrar uma determinada sala, onde apenas eu estava presente em uma cadeira no fundo do recinto. Cabia a mim observar a reação do candidato. Quanto tempo ele passaria esperando? O que ele faria com o cigarro que estava fumando? Quanto tempo ele demoraria para perguntar-me algo? Quanto tempo passaria para ele perceber uma campanha em cima da mesa e acioná-la?

Consoante minhas observações, ele seria reprovado de imediato ou iria ser encaminhado ao treinamento e aprender o lema dos vendedores de livros: insistir, persistir e não desistir nunca. Afinal, não é assim que as hienas vencem a bravura de um leão?

Um belo dia, o vendedor Araújo, espécie de confidente e amigo do peito do chefe, ao chegar à livraria, começou a descrever as cenas e os acontecimentos da noite anterior: era mais uma

narrativa de suas aventuras amorosas com uma cliente assídua à livraria. Para comprovar o embate amoroso, mostrou suas costas cheias de aranhões, provocados pela companheira em sua obsessão sexual. Então, aprendi, de uma só vez, que existem misteriosos silêncios e desejos numa relação amorosa, dos quais eu ainda sabia muito pouco.

Certa noite, o senhor chefe chega à minha casa e me diz que veio pegar uma revista que havia comprado. Respondo que vi a revista em cima de sua mesa, mas não a peguei. Ele insistiu, dizendo que queria ler a revista durante a noite. Mais uma vez respondo que, infelizmente, eu não sabia do destino da revista. Ele volta à carga, dizendo que não se importa de eu ter trazido a revista para ler, que ele entende os meus motivos, mas que precisava da revista. Já visivelmente chateado, tendo em vista que o diálogo se passava em frente da minha mãe, digo a ele para voltar à livraria e verificar se não pôs a revista em outro lugar.

Não era a minha vontade fazer o que fiz, mas tive que fazê-lo para provar a minha inocência. Pela primeira vez na vida, cheguei atrasado ao emprego. Ao chegar à livraria, ela já estava de portas abertas. Devo lembrar que abrir as portas da empresa era o meu segundo ato no trabalho. O primeiro consistia em varrer e arrumar as mesas para o expediente.

O chefe logo me chama para uma conversa e me pergunta:

— Por que o senhor chegou atrasado?

Então, eu, sem nenhuma metafísica, respondo inocentemente:

— De propósito!

— Como?

Sem dar-me conta do peso da minha resposta, explico:

— Se eu chegasse antes do senhor e a revista estivesse aqui na livraria, o senhor poderia pensar que eu a havia trazido de casa. Porém, se o senhor chegasse primeiro e encontrasse a revista sobre a sua mesa ou engavetada em algum móvel, eu teria a chance de provar minha honestidade.

Nesse instante, percebi o semblante totalmente alterado do meu chefe, que, assombrado com tamanha ousadia, embora tentasse ser cortês comigo, calmo e firme, deu um tapa no busto de Nefertiti que estava postado sobre os papéis de sua mesa. Imediatamente, afastei-me de sua bancada e senti um estranho efeito desencorajador de novas ousadias. Com a revista em punho, o chefe disse-me ao sair, sem, contudo, deixar de encarar-me: — Nada como um dia após o outro.

De algum modo, naqueles últimos tempos, eu vinha me afastando da subserviência e criando alma própria ou, como diziam os vendedores, eu tinha criado asas. Creio que os livros de Paulo Freire, Milan Kundera e Richard Bach estavam me transformando em um novo ser em que a insustentável leveza de um jovem não mais se subordinava às injustiças do dia a dia. Na verdade, eu começava a querer voar, modificar os procedimentos e, com absoluta convicção, eu não era mais tábula rasa.

Pouca Sombra foi o novo apelido que ganhei. Eu era mirrado de corpo e grande de cabeça e não comportava mais todas as pseudoverdades sem questionamento. O tempo correu célere, e as coisas se ajeitaram à sua maneira.

Um desses dias quaisquer em que não se tem nada importante a fazer, vinha voltando para o expediente da tarde quando me deparei com um cartaz na porta do cinema anunciando uma sessão

especial do filme *Hombre*, um clássico do gênero banguê-banguê com Paul Newman. O filme seria exibido unicamente à tarde e tive de encarar a questão: assistir ou não assistir? Admito que foi um erro de minha parte não ir trabalhar por um evento sem a devida importância, porém havia perdido o filme, em outra ocasião, por não ter dinheiro para comprar o ingresso, e agora não ia perder a oportunidade por motivo algum.

No outro dia, logo cedo, ao chegar ao trabalho, o chefe me chamou à sua mesa e perguntou-me:

— Por que o senhor não veio trabalhar ontem? — Permaneci calado por algum tempo, ruminando uma resposta que não vinha.

— Qual é a sua resposta? — Perguntou-me, decorridos alguns instantes, sem, contudo, olhar para mim. Seu olhar permanecia fixo em alguma coisa anotada embaixo do busto de Nefertiti. Ele apenas parecia esconder alguma coisa que eu não podia identificar, mas que era visível por um leve bater de dedos contra a sua mesa.

— Vamos, Pouca Sombra, desembucha! Não tenho todo o tempo do mundo para a sua resposta.

Sem encontrar uma maneira suave de assumir o pecado e pressionado pela urgência da resposta, simplesmente, disse:

— Não vim trabalhar porque não quis.

Meu chefe estava sentado e assim permaneceu por um longo tempo, no mais absoluto silêncio, como se tivesse levado um soco no estômago ou tivesse sido acometido por algum tipo de catalepsia. Evidentemente, eu dissera algo inaceitável para ele e sua expressão facial corroborava essa tese. Passado o espanto, ele tornou a me perguntar, agora com uma voz mais pausada, menos impositiva.

Certamente, estava recompondo o seu pensamento ou se indagando se não tinha entendido minha resposta.

— Por que o senhor não veio trabalhar ontem?

Repeti a resposta anterior: — Porque não quis.

Irado, colérico! Olhou para mim com a respiração ofegante e socou violentamente sua mesa. O busto de Nefertiti foi o primeiro a sentir a ira do chefe. Voou longe derrubando um flanelógrafo pregado na parede, com um quadro do Rio Grande do Norte todo espetado por alfinetes de cabeças coloridas, indicando as rotas dos vendedores de livros. Girou sobre si mesmo como um pião, pegou as chaves do carro, olhou para mim e disse: — Cabeças vão rolar e não é só Nefertiti que vai pagar o pato. Em seguida, tomou o caminho da rua e saiu. Acredito que queria ficar só para esfriar a cabeça e tomar uma decisão a meu respeito. Passaram-se dois longos dias até o chefe voltar.

Durante sua ausência, os poucos vendedores que tinham presenciado a cena já tinham espalhado a notícia feito rastilho de pólvora. Esperavam-se providências e vários deles tinham me dito que minha resposta foi agressiva, embora eu não entendesse por que falar a verdade fosse tão ruim. O certo é que a turma do deixo disso já tinha entrado em ação, numa tentativa de serenar os ânimos.

Ao longo das intermináveis horas de espera, Pouca Sombra tenta justificar a si mesmo suas escolhas e respostas. Afinal, falar a verdade pode ser moralmente incorreto? Apesar do aprofundamento psicológico de suas indagações, Pouca Sombra não se sente culpado por suas respostas e não acha, como Dostoiévski, que sua atitude mereça castigo. Ser ou não ser culpado parece ser a questão a ser aprofundada. Uma coisa é certa, na visão de Pouca

Sombra, ele precisa urgentemente rever seus conceitos sobre as escolhas de Deus espelhadas na Bíblia e enfrentar a leitura das *Obras Filosóficas*, agora que os acontecimentos fizeram amadurecer sua personalidade.

No terceiro dia, eu já tinha recuperado os arranhões de Nefertiti, e seu busto já estava postado sobre os papéis do chefe. Aproveitei a ocasião e li o bilhete que chamara minha atenção desde o primeiro dia. O bilhete simplesmente dizia: “Falar com Pouca Sombra sobre Hombre”.

O chefe chegou à livraria parecendo tranquilo, fez os cumprimentos de praxe e dirigiu-se à sua mesa. Quando viu o busto de Nefertiti sobre seus papéis, fez um ar de graça e começou a assobiar como se estivesse próximo da vingança. Eu, ciente a esta altura do meu ato, esperava pacientemente o momento da minha demissão. O chefe punha o dedo sobre o lábio superior como antevendo o momento da decisão e me torturava com seu olhar de pensador.

Fim da tarde, depois que saíram todos, o chefe me chama para uma conversa.

— Pouca Sombra, vou lhe repetir a pergunta que fiz a você três dias atrás e exijo que me dê uma resposta, se não elegante, mas pelo menos plausível. Por que você não veio trabalhar?

Percebi que o chefe estava tranquilo, seguro de si e que estava me dando uma oportunidade. Então disse a ele:

— Chefe, eu não estava indisposto, muito menos doente, não havia uma prova para fazer à noite na escola, não faltava dinheiro para o ônibus, nem nenhum parente estava doente. Eu até vim trabalhar, mas, ao passar pelo cinema, vi que, naquela

tarde e somente naquela tarde, iria passar o filme que eu queria ver. Já tinha perdido outras oportunidades de vê-lo e não queria perder a nova chance.

— Pouca Sombra, faz mais de dois anos que você trabalha comigo, sempre pontual, honesto, prestativo e competente, mas suas respostas têm o dom de me deixar desconcertado. Eu já sabia que você tinha ido assistir ao filme. Eu estava lá, também queria ver o filme *Hombre* havia bastante tempo. Vi quando você entrou e me preparei para pegá-lo na mentira. Sua resposta me tirou do sério, fui para casa esfriar a cabeça e, quando minha esposa chegou e percebeu-me aflito, veio conversar comigo e disse-me que eu estava errado, pois tinha preparado uma armadilha para pegá-lo na mentira. Depois de algumas horas, concluí que era verdade o que minha esposa me disse. Eu não havia me preparado para ouvir sua resposta. Queria pegá-lo na mentira e não foi sua resposta que me magoou, mas descobrir que você sempre fala a verdade. Peço-lhe que continue falando a verdade, mas seja menos cru em suas respostas. Doure um pouco a pílula para ela parecer menos amarga.

Parece desnecessário dar continuidade a esse conto, mas é fundamental falar da morte das famosas coleções que encantavam os jovens daquela época e eram objeto de desejo de toda a classe média. O ano de 1990 marcou o ápice das famosas enciclopédias Britânica e Barsa, bem como todas outras coleções existentes. A tecnologia tornou acessível quase todos os famosos verbetes das coleções. A internet se encarregou de levá-las aos museus.

Quanto a mim, resisti por mais algum tempo, mas também fui cooptado por novas aspirações. Quando a livraria fechou as portas, eu também fui demitido. Quis o destino que a empresa,

sem caixa para honrar suas verbas rescisórias, pagasse minha indenização com o famoso dicionário Lello e uma jovem e elegante máquina de escrever portátil Olivetti.

Sem dinheiro, mais com ideias e muitas histórias guardadas, resolvi convidar as muitas palavras adormecidas no famoso dicionário a viajarem comigo pelas linhas em branco postas à máquina e contar minhas aventuras para as novas gerações.

Estranhamente deitado aos meus pés, meu inseparável amigo canino me diz que é hora de parar. Olhou para mim enquanto eu falava comigo mesmo, abocanhou o busto de Nefertiti, pôs sua pata sobre minha coxa e entregou-me o busto. Acho que ele pôs um ponto final nesta história.

## A COR DA VIDA

Lune Éden

Levi estava terminando sua tarefa de biologia, a qual consistia em falar sobre algum animal de que gostasse. Ele havia escolhido o lobo, achava muitíssimo bonito quando esses animais tinham seus pelos avermelhados ou acastanhados, em particular.

Embora sequer tivesse visto algum deles de perto em sua vida, para o menino, era muito peculiar como agiam, a forma como as alcateias eram organizadas e o fato de serem bastante sociáveis, particularidade essa que levou ao surgimento do cão doméstico atual. Tinha uma certa inveja dos caninos, talvez fosse por isso que os admirasse tanto.

Lobos são sociáveis, diferentemente de Levi. Não que isso o incomodasse de fato, tinha se acostumado e se entendido consigo mesmo. Embora estivesse com seus doze anos de idade, já sabia de bastante coisa sobre como o mundo funcionava.

Ao terminar sua atividade, viu que ainda faltavam vinte e cinco minutos para o fim da aula, e a professora não havia passado mais nada para ser feito naquele dia. Sabendo disso, pegou seu caderno, esse que sempre andava consigo, e, já que havia falado sobre seu animal favorito durante a atividade, pensou em desenhar um lobo.

Estranhamente, pela primeira vez, notou que nunca havia pintado nenhum de seus desenhos, não tinha o costume. Então, em vez de desenhar, optou por colorir aquele que considerava um de seus melhores desenhos. Sua mãe havia lhe dado uma coleção com cores básicas de lápis de cor e giz de cera, já que sabia dos hobbies do filho, mas Levi nunca os havia usado. Então, tirou a coleção de sua bolsa e abriu-a.

Pintou as patas, a barriga e os pelos inferiores de branco e cinza, como costumavam ser na maioria das vezes, e seus pelos superiores foram coloridos com tons de vermelho, como gostava. Pegou o caderno e olhou de alguns ângulos diferentes, estava satisfeito.

Olhou para o relógio novamente, onze minutos para o fim da aula. O que poderia fazer nesse meio tempo? Pensou. Colocou os cotovelos na carteira e apoiou o rosto em suas mãos, encarando a folha recém-colorida.

— O que você iria me dizer para fazer se fosse de verdade e pudesse falar, Senhor Lobo? — falou consigo mesmo, ou melhor, com sua obra.

— Ora, e quem disse que não posso falar?! Não me insulte, menino! — Levi quase pulou de sua cadeira, mas conteve-se. O desenho havia falado? Não, não podia ser. Algum colega deve ter visto que estava falando “sozinho” e decidiu perturbá-lo, sim, deve ter sido isso.

Mas ele viu e ouviu o desenho falar, sua boca havia se mexido, ou seria apenas coisa de sua própria cabeça? Olhou para os lados em busca do suposto “brincalhão”, mas ninguém prestava atenção nele. Então, o que poderia ter sido, de fato? Não era cético ao ponto

de não acreditar na veracidade da situação, ainda era uma criança. Voltou a olhar para seu papel colorido, mesmo não sabendo mais se era apenas uma simples figura, de forma curiosa.

— Primeiro você me insulta e depois me ignora?! — Certo, agora, definitivamente Levi sabia que seu desenho tinha falado.

— M-me desculpe... — Abaixou-se um pouco para ficar mais perto da folha onde o lobo havia sido feito e, se possível, ninguém perceber que estava falando, aparentemente, com seu caderno. — Eu não sabia que você podia falar. — Ainda achava que estava alucinando, de certa forma, mas não falar mais nada não ajudaria muito.

— Ora, como assim? Não sabe de seu dom? Que absurdo! Só pode estar brincando — o lobo disse.

— Que dom? Do que você está falando? — Levi estava mais confuso do que nunca.

— Ora essa... — O animal fez uma breve pausa enquanto encarava o menino. — Desenhe algo e pinte, que nem fez comigo. — O menino ainda estava um tanto incrédulo com a situação, mas fez o que o outro havia dito.

Pegou seu grafite e pensou por alguns instantes. Desenhou um simples peixinho e coloriu-o. Logo em seguida, o pequeno peixe começou a debater-se, estava morrendo, pois não havia água.

— Que pena — disse o lobo, com falsos sentimentos. Abocanhou o pequeno animal e o engoliu rapidamente. Levi não estava surpreso com a ação do canino, pois era de sua natureza, claramente tinha outras preocupações no momento.

— Como estou fazendo isso, Senhor Lobo? — perguntou docilmente, como era ele próprio.

— Este é seu dom, rapaz! Ao dar cor, você dá vida! — O menino piscava incessantemente, tentando acreditar no que havia ouvido, ou sequer se havia ouvido algo, novamente.

— Você é especial, não apenas por isso, e não deixe que ninguém, nunca, diga o contrário, está bem? — complementou.

— Levi? Acorde, pequeno — a professora chamava-o, juntamente com o estridente som do sinal da hora da saída ao fundo —, a aula já acabou. — Desnortado por ter acabado de despertar, ergueu levemente sua cabeça, abrindo os olhos e deixando à mostra novamente suas íris castanho-escuras. Arrumou os cabelos pretos e, após sentir-se minimamente mais acordado, deu um mínimo sorriso para a professora e começou a juntar seus pertences para ir para casa.

Foi só um sonho — suspirou, triste. Colocou seus livros em sua bolsa e, por fim, pegou seu caderno de desenho, o mesmo com o que havia, aparentemente, sonhado. Porém, antes de fechá-lo, fitou o lobo recém-pintado por si mesmo, e o viu piscar e sorrir para ele. Levi sorriu de volta para o lobo.

## O FIM DA DIFERENÇA

Fabíola Jerônimo Duarte

A Niara, ou Nia, como era carinhosamente chamada por seu pai, nasceu diferente das demais crianças do morro onde morava, e por muito tempo não conseguia sentir-se diferente, embora todos reconhecessem a sua distinção apenas em olhá-la. Ela tinha um sorriso largo em seu rosto, que fazia seus olhos ficarem apertados, quase imperceptíveis. Como todas as demais crianças daquele lugar, era negra, porém mais magra que seus amiguinhos, diante do pouco que tinha para comer. Mesmo assim, ainda não conseguia compreender o que a tornava diferente.

Era órfã de mãe, já que sua mãe morrera no dia em que Nia veio ao mundo. Sempre cuidadoso, seu pai, mesmo em meio à fome, com o pouco que conseguia fazendo um bico, catando nas lixeiras ou doado por alguém, criava-a com zelo, dando a ela muito amor e, por inúmeras vezes, o único pouco de comida que restava no dia. Em diversos momentos, Nia sentiu que não era esse pouco que amenizava a sua fome, mas o amor que seu pai depositava em tudo que podia oferecer-lhe. Era tanta pobreza, que não entendia o que a fazia diferente das demais, uma vez que acreditava ser ela a que menos tinha tudo.

A casa onde morava, ou melhor, as poucas tábuas que ficavam sobre sua cabeça, mas que seu pai insistia em chamar de lar, deixam as noites cada vez mais frias, principalmente as noites chuvosas, nas quais o enorme buraco no teto fazia as taliscas sobre as quais repousava ficarem úmidas e congelantes. Todavia, ouvir seu pai contar como era a mãe de Nia, deixava-a tão envolvida e atenta, que nem sempre percebia que estava praticamente encharcada. As lembranças contadas por seu pai sobre a mãe eram instantes de aconchego e imensa alegria. Talvez fosse nas lembranças que encontrasse a distração para tornar a fome de todos os dias menos aparente.

Às vezes, pensar que algum dia teria as paredes que faltavam às poucas tábuas que os cobriam já a deixava com saudade daquele enorme buraco no teto, uma vez que, toda noite, esperava ansiosamente que uma estrela parasse bem no centro e iluminasse seu sono. Sentia que aquela pequena estrela, ao mesmo tempo tão perto e tão distante, podia ser sua mãe vigiando seu sono, pondo-a para dormir, como nunca pôde fazer em vida e com todo amor e carinho que Nia imaginava que faria. Certa noite, quando observava a estrela que estava ali ao centro, pensou que sua diferença em relação às demais crianças fosse por não ter uma mãe, mas lembrou-se que poucos ali tiveram a oportunidade de ser cuidados e amados por uma mãe. Não seria esta a diferença que observavam nela, tendo em vista que não sabia o motivo e nem como elas partiram, mas sabia que as outras crianças também procuravam uma estrelinha que pudesse ser sua mãe.

Contudo, a diferença, a pequena diferença tão explícita para as outras crianças, mas incompreensível para Nia, teve um fim. Em uma manhã chuvosa, em que sentiu nuvens carregadas de escuridão moverem-se vagorosamente, com um pesar imenso

que poderia ser sentido em cada canto do céu. Olhou a face de seu pai, que cintilava em seus olhos, embora fosse tão retinta quanto a escuridão que contornava aquele dia.

Abraçados, desceram pelo acanhado espaço que separava os barracos do morro em que seu pai cresceu e residira toda sua vida. Por muitas vezes, Nia sentia que não era seu pai que residia ali, mas o próprio morro que residia nele, devido ao tamanho apego. Mesmo assim, sabia que talvez viver ali não tivesse sido uma escolha, mas a única opção que lhe restara. Enquanto caminhavam, Nia imaginava uma vida além daquele morro, mantinha esta curiosidade por nunca ter ido além daqueles pequenos barracos. Pararam em frente ao portão, seu pai pediu que voltasse para casa e aguardasse seu retorno. Sorriu para seu pai, e ele a retribuiu com um abraço tão intenso que ainda tem a sensação de senti-lo todos os dias, presente em seu corpo como se fizesse parte dele.

Pouco antes de seu pai atravessar a rua, Nia ouviu um barulho comum no morro. Sem saber de onde ecoava aquele som, percebeu que os passos de seu pai se tonaram lentos. Aos poucos começaram a findar e, em uma ação estática, curvou-se à beira da calçada e não se ergueu mais. Não estava ali escondendo-se dos ecos daquele barulho estremecedor ou protegendo-se da procura de um alvo que sabia não ser ele. Estava ali, uma vida que fora ceifada, sem nenhuma oportunidade de defesa ou despedida.

Aquela vida acabara e, do outro lado da rua, Nia era agora comum, como todas as demais crianças que ali viviam, perdera alguém para o mundo, para a maldade humana e a extrema violência. Igualara-se às demais crianças por perder seu último sorriso ao ver que, definitivamente, já não tinha mais nada, nem ao menos a sua pequena diferença.

## O COBOGÓ TRAIÇOEIRO

Ana Cláudia Trigueiro

A amiga da irmã viera passar o veraneio com eles em Genipabu. As meninas voltaram da praia, e, agora, a beldade tomava banho no banheiro dos fundos. Os outros estavam ocupados, porque todos se aprontavam para um passeio de bugre.

Ele estava aflito. Entre a ânsia de espioná-la e a culpa pela invasão de privacidade, decidiu-se pela primeira. Foram trinta segundos de uma experiência fascinante: Letícia era a personificação de Gabriela Cravo e Canela.

Infelizmente, quando ele já saía de mansinho, ela o atingiu como um raio, com um par de olhos horrorizados. Rafael quase caiu do botijão de gás em que estava trepado, porque seus catorze raquíticos anos ainda não permitiam alcançar, sem ajuda, o cobogó.

Voltou rápido ao quarto. Se Letícia contasse para a mãe dele, estava frito. Dona Socorro iria gritar para a rua toda ouvir, dar-lhe uns tabefes, colocá-lo de castigo e confiscar novamente sua coleção de figurinhas da Seleção Canarinho. Toda vez que ele fazia algo errado, ela apreendia as figurinhas. Devolvia uma semana depois,

com a promessa de que, na próxima vez, queimaria todas. Ainda bem que o baralho de fotos eróticas estava muito bem escondido em cima do guarda-roupa.

Só voltou a ver Letícia na hora do jantar. Sentou-se bem em frente a ela, com um prato de cuscuz entre os dois. Seu olhar dizia que sim, ela o flagrara e, sim, faria algo a respeito. Mas o quê? Contar para a mãe? Para a irmã? Todas as alternativas eram ruins, mas a primeira incluía desmoralização, dor, perda de bens e privação de liberdade.

No dia seguinte, durante o café da manhã, a irmã o encarou com cara de assassina. Então, ela fora a escolhida. Rafael pensou nas consequências. Agora restava pouquíssimo tempo até que dona Socorro soubesse. Renata não esconderia isso da mãe; contaria detalhadamente e ainda aumentaria o acontecido, porque a irmã era uma arengueira... uma caningada... uma...

Aguardou angustiado pelos próximos acontecimentos, mas o dia passou tranquilo, sem nenhum incidente. Foram à praia, à lagoa, almoçaram peixe frito, lancharam cavaco chinês e jantaram tapioca bem molhadinha no leite de coco.

Rafael foi dormir aliviado, achando que Renata decidira não fazer a denúncia. Teve pena certamente. — Ela sabia do que a mãe era capaz. Até que a irmã não era tão ruim como pensava. Implicaria menos com ela dali por diante. Foi para o quarto satisfeito. Entrou no aposento leve e distraído. Tinha planos para antes de dormir, e uma certa Gabriela potiguar faria parte deles, em imagens e devaneios...

Estava tão animado que não observou, de início, a cena aterradora que viu a seguir: espalhada por sua cama, toda a coleção de figurinhas da Seleção Canarinho jazia queimada. Para piorar

a dramática situação, um bilhete com a letra inconfundível de Renata dizia o seguinte: “Para você aprender a ser gente, seu tarado de uma figa!”.

Aquele bilhete duro e mais as imagens carbonizadas de Sócrates, Zico, Telê Santana, Cerezo, Falcão e outros, lembravam que a felicidade podia muito bem se acabar, como em um campeonato de copa do mundo. Naquele jogo perdido por causa de um pênalti. Depois, a execração do craque que acertara a canela do atacante, provocando a falta grave. Um erro imperdoável, porque os brasileiros não relevavam assuntos sexuais, religiosos e futebolísticos. Dali para frente, o culpado ouviria em todos os noticiários, em todos os bares e restaurantes, nas escolas, rodas de conversas e casas, a dura sentença: “seu tabaco leso!”.

Rafael passou boa parte da noite chorando. A mãe deu Elixir Paregórico, achando que ele estava com cólicas. O veraneio acabou para o aspirante a voyeur. Não foi mais à praia, não quis mais comer camarão, nem chupar poli depois do almoço. Até grude rejeitou.

A mãe desconfiou. Rafael rejeitar grude? Ali tinha! Mas ele disfarçou com alguns sorrisos estratégicos em horários convenientes. A irmã desafiava-o com o olhar: “conte, se tiver coragem!”. Os pais nunca souberam.

O episódio marcou a adolescência do veranista. Demorou três meses para voltar a falar com a irmã e nunca, nunca mais, espiou por trás do cobogó traiçoeiro.

Dez anos mais tarde, quando Renata se casou, Rafael reencontrou Letícia. Ela estava com vinte e seis, ele, com vinte e quatro. Foram padrinhos. Ensaiaram juntos, entraram lado a lado na igreja, fotografaram com os noivos, ganharam lembrancinhas.

Tudo sem trocar uma única palavra, além de “Oi, como vai?” e “Bem, obrigado”.

No primeiro momento em que se encontraram a sós em meio à festa, Rafael finalmente puxou conversa: “Desculpe”.

Letícia olhou bem dentro dos olhos dele. Crescera bastante o presepeiro. Malhava também, pelos músculos proeminentes que apresentava. Além do mais, Renata sempre falava bem do caçula, afirmando que se tornara um gentleman.

— Está desculpado, mas você teve o que mereceu. — Ele riu e concordou. Casaram-se dois anos depois.

## AMPLEXO

Hartemys Belo

Jogo o celular na cama, pego uma camisa verde, visto-a e me observo no espelho. Meu sorriso sai espontaneamente, algo dentro de mim pede essa ação. Um receio me atinge, penso na necessidade, me acalmo. Continuo. Tenho uma coleção de máscaras, uso a branca, pego um par de brincos. Volto ao espelho para a última conferida e já saio de casa com rapidez, sem pensar no percurso que farei; como se o corpo já soubesse o que fazer. Prestes a sair, paro um momento e penso, meus olhos circulam pela rua, fecho o portão e saio de supetão. A pressa é tanta, que direciono meu corpo para frente. De repente um susto, meus olhos se arregalam:

— Não me reconhece mais? — uma colega me chama a atenção.

— Com esse negócio na cara ninguém reconhece! — comento, prestando atenção nela e ao redor. Olho para os olhos dela, depois olho-a de cima a baixo e penso, nos segundos seguintes, como é seu rosto na íntegra.

— Ai, não vejo a hora de passar tudo isso, não precisa usar isso. Espero que a ciência resolva logo. Tu acredita que tem gente negando? Meu Deus, esse povo vive em que mundo? — ela desabafa comigo.

— Acontece... Te entendo! — comento rapidamente. Antes, balançara a cabeça concordando com as colocações dela e virei os olhos nas verdades que ela disse.

— Eu queria poder me ajudar mais, mas tá difícil não sair... Ficar em casa, pelo menos, é cuidar de mim e do outro. Mas não aguento mais, não aguento minha família, não me aguento, preciso relaxar fora de casa — continua o desabafo.

— Tá difícil pra todos nós! — comento, entendendo-a.

Silêncio... Os olhares meu e dela se perdem nos arredores e quando se encontram:

— Foi ótimo, a gente se vê... — ela encerra.

Diáspora de olhares e mãos acenando. Viro-me, sigo e acelero os passos; às vezes olho para os lados com receio. Percebo que há tempos eu não caminho, já me sinto muito ofegante. Como parei e conversei com ela, então deu uma aliviada. Percebo que não respiro direito, fadiga. Será mesmo fadiga? Opto por andar devagar, é mais conveniente; são poucas as pessoas que circulam pelas ruas, na realidade não era para ter ninguém. O que faz as pessoas saírem, se a recomendação é de permanecer em casa?

Meus passos se aproximam, sinto aquele resto de luz no meu rosto. Espero não ficar marcado, já basta as outras marcas. Nem ando tão rápido e, novamente, fico ofegante; quanto mais perto, mais...

Chego. Respiro. Campainha. Primeiro olhar.

Ele não vê, por dentro estou sorrindo. Pela chamada não se vê a mesma coisa. Quando se aproxima, ele solta um sorriso também, me arrepio. Ele abre o portão, mostra o cotovelo; eu encosto o meu no dele, nos encaramos. Não queria cotovelo, quando a gente gosta de alguém, demonstramos afeto com mais contato, mais corpo. E por isso...

A gente se abraça, olho para a parede e fecho os olhos, minhas mãos tocam as costas dele, eu aperto e não sinto aperto; pulsações ressoam no meu corpo. Lembro dos números em ondas de um mar sem sal e sufocante, dos agentes de saúde, de pessoas aleatórias juntas rindo e comemorando, de casas fechadas, do silêncio que há nas ruas no sol do meio-dia, dos noticiários de tevê e da lágrima que cai, quando um jornalista fala. Volto a sentir o seu carinho. Não sinto firmeza, mas continuamos. Agora me vem à mente o receio, o caminho feito, o encontro surpresa, o olhar para os lados, a fadiga. Por um momento, o coração dispara; o meu corpo se agita por dentro. Eu me afasto, a gente se vê e se perde. Sorrisos. Os seus olhos estão marejados, ele se vira de supetão e me oferece uma cerveja bem gelada e, finalmente, me convida para sentar; eu tiro a máscara, ele fica sério e depois disfarça.

Falamos sobre os programas de tevê, que insistem em ser ruins pela má produção, péssimo texto, atuações que deixam a desejar, apelação emotiva etc. Um filme novo da plataforma de streaming, que de novo não tem nada. A política do país, a nossa depressão diária, desde 1500. A faculdade acontecendo remotamente, e que não aguentamos mais... E a gente tinha se falado ontem por vídeo.

Dou uma leve tossida. Silêncio. A gente se olha. Dou um pigarro e continuamos nossa conversa. Simultâneo a isso, me vem à mente as possíveis reações depois da tosse. Será que ele está pensando algo?

A gente se conhece há bastante tempo, lembro como se fosse ontem. Entrei na sala, a turma já interagia, me recolhi numa cadeira na lateral, um grupo me puxou para as discussões em subgrupos, todos se apresentaram, ele também; fiquei confortável, à vontade. Sempre fizemos trabalhos juntos, muitos foram cursando as disciplinas de outra forma; sobrou a gente, a dupla. O grupo sempre se encontrava em festas, momentos; mas nós dois ficamos iguais na faculdade, frequentamos as mesmas salas, cantinas e outros lugares.

Quando bebo o último gole da primeira cerveja, ele me oferece outra, resolvo não aceitar, já que voltaria sozinho para casa; ele entende. Continuamos conversando. Olho o portão, sem luz natural. Lá se vai mais um crepúsculo, mais um sol. Desde pequeno, que o tempo parece escorrer. O tempo está generoso na passagem. A pausa de nossas vidas se eterniza.

Minhas mãos alisam o braço da cadeira, olho para ele, a parede cor solar, para fora do portão e na porta. É como se alguém fosse aparecer. E aparece.

Olho sério, sorrio e cumprimento acenando. Ela olha para mim com seriedade, também sorri, acena de longe, comenta sobre uma personagem de uma série com ele. Não a tinha visto ainda, uma jovem linda. As mãos param na cadeira, a perna esquerda se apoia na direita, ficando na horizontal, o pé esquerdo balança, depois uma mão vai ao joelho, continuo balançando, sem parar. A outra mão vai à orelha para mexer no brinco. Eu não escuto o que ela fala. Ele se revolta com o comentário, ela retorna e some.

Com essa interrupção, esquecemos do assunto.

Desvio o olhar para lembrar do assunto, não consigo. Depois que ela entra em casa, continuo exaltado. Ele mexe no brinco e penso como pode um personagem central de uma série ser tão besta com os outros personagens, parece que falta esperteza nas pessoas. Não esperei o ocorrido. Volto minha atenção para ele, que havia parado de mexer o pé. Tomo um gole de cerveja.

Eu não sou muito de falar, mas, quando estou com ele, me saem as palavras ausentes. É raro encontrar alguém que nos tire as palavras da boca. Bebo mais um gole, coço o saco e escuto seu discurso. É incrível como ele é inteligente. Ele sabe articular as ideias de uma maneira que todo mundo entende. Isso me lembra quando a gente fez nosso primeiro júri simulado, a gente estudou muito e treinou a oralidade. A turma ficou surpresa com as minhas colocações e a minha retórica. Mas ele foi show de bola. Acho que, se colocassem para ele uma defesa impossível, ele conseguiria contorná-la para o possível. Eu peço a ele para repetir o que tinha falado, por um momento, viajo nos meus devaneios, ou é o álcool fazendo efeito.

Papo vai e vem, olho a hora e ele diz que precisa ir embora, eu insisto pela sua permanência, ainda é cedo. 22 horas, ele me alerta. Eu confirmo. Ele olha o celular, enquanto guardo os nossos comes e bebes.

— Te deixo em casa! — comento, antes de ele se aproximar mais do portão. Pela expressão facial dele, me parece satisfeito com o convite. Entro em casa, entro no quarto, pego uma camisa rosa, pego uma máscara em cima da cômoda e olho no espelho. Mando um beijo para ela e digo que o deixarei em casa; ela, bem

à vontade no sofá, sinaliza carinhosamente e sigo em direção ao portão. Volto para pegar a chave da moto.

Ele abre o portão, eu monto na moto e saio, espero fechar o portão; ele monta na moto e se segura nas barras de trás. Saímos. Seguindo o caminho, dou uma freada brusca por causa de um carro, recebo um tapa no meu ombro, e ele se segura na minha cintura pelo impulso, me arrepio com as mãos dele; depois, me dá uma bronca dizendo para tomar mais cuidado, peço desculpas, ele aceita. Ele volta a pôr as mãos nas barras.

Seguimos o caminho em silêncio, eu olho o retrovisor, ele de olhos fechados com a viseira aberta recebendo o vento, coisa bonita de se ver. Diminuo a velocidade. Ninguém na rua, um deserto. E ele querendo ir a pé, sozinho, ainda bem que não deixei. Imagina, ocorrer algo.

— Tá gostando do vento? — quebro o gelo.

— Adrenalina! — ele comenta a sensação de andar de moto, apesar do receio que tem.

Estamos bem perto de chegar. Sinal amarelo, resolvo parar, ele questiona o motivo de eu ter parado, daí aponto o sinal vermelho. Demoro para falar:

— Achei melhor parar — digo com precisão.

Ao chegar, uma jovem atraente o aguarda na porta da casa dele, ele pede para eu aguardar, vai até ela, dá-lhe um beijo e abre a casa para ela entrar. Eu fixo o olhar no momento e me ocorre um vácuo, parece que não penso nada, não sinto nada, não vejo nada; olho aquela cena. Fico sério. Aguardo ele voltar. Desmonto da moto.

A gente conversa sobre as indecisões da faculdade, restando pouco tempo para nós concluirmos o curso, comentamos também sobre a colação de grau, a formatura, as pessoas que fazem parte do nosso curso. Esperamos terminar tudo após este momento complicado que vivemos. Sem precisar de protocolos e recomendações. Jogar o capelo para cima com liberdade.

Mas, em um relapso, me despeço, ele também. Cumprimento de mãos com som ao toque. Pof. Outro abraço. Eu aperto bem, não sinto firmeza dele. Sinto o coração dele, fecho os olhos e penso em uma boca respirando, no toque de mãos, em um suco de laranja bem gelado, na brisa da noite, no céu nublado, no espirro, no cheiro de terra molhada. Abro os olhos e vejo ela nos observando. Fecho os olhos de novo. O que será que ela está pensando. Ele não aperta o abraço, mas também não larga. Lembro da gente rindo hoje, das videochamadas, da chegada dele lá em casa, da mão no brinco, dos pés balançando. Abro os olhos de novo, direciono meu olhar para baixo, o chão me acalenta. Eu me afasto e me preparo para sair. A gente se vê.

Chegando em casa, me vem à mente tudo o que aconteceu hoje; principalmente, quando deixei a casa dele. Nos primeiros metros, observei, pelo retrovisor, ele me acompanhando com o olhar. A gente não se via mais. No caminho, pensei só no abraço. É como se meu corpo já soubesse o caminho de volta.

## AS ERVAS DE DONA HERCULANA

João Rodrigues

- O que está fazendo aí, Iaiá?
- Senhora?! Tô vendo aqui umas plantas.
- Avia. Entra pra dentro. Já já teu pai chega. Deixa isso pra lá.
- Tá bom, mãe. Entro já.

Desde muito pequena, Iaiá gostava de estar por entre as plantas. Era do tipo que, além de gostar do perfume das árvores, se deleitava com seus sons. Não era o farfalhar das folhas que lhe chamava atenção. Era a delicadeza, era a paisagem sonora que se desvelava diante dela.

Conhecia as plantas como nenhuma outra criança de sua cidade. Mas não as conhecia como uma cientista ou uma botânica. Seus olhos não eram de uma cozinheira. Conhecia as plantas como quem tem intimidade com Deus, tipo Moisés.

Em São Pedro do Potengi, crianças e adultos sabiam que ela tinha um lindo amor em relação às ervas. Tinha apenas 13 anos. Sabia o poder de várias ervas. O mais interessante é que ela

aprendeu só de ouvir as conversas dos adultos. Como quem tivesse um computador na cabecinha de criança, ela computava tudo que os adultos falavam sobre os poderes terapêuticos e panaceicos das flores e dos caules.

— Boldo é bom pra barriga, desincha na hora — dizia Dona Luzia.

— Liamba acalma os nervos — comentava seu Agrisso, ao recomendar repouso para Seu Antônio.

— Mistura limão, alho e um pouco de mel, quero ver essa gripe não curar — exclamava seu Manel, receitando a efusão.

Ao ouvir um vizinho falar daqui, ao observar uma colheita de ervas da mãe dali, Iaiá aprendeu a diferenciar as plantas venenosas das que curam. Aprendeu que do eucalipto se tira o banho refrigerante e da babosa o efeito cicatrizante — mais agradável que o Merthiolate daquela época.

Se, quando pequena, já nutria certa fama na cidade, na vida adulta, Herculana se tornou referência. Todos em São Pedro sabiam que, se Dona Herculana não soubesse de qual planta se tratava nem soubesse sua serventia, era melhor evitar essa erva, pois poderia ser venenosa.

De carne triada a mau-olhado, não tinha problema que Herculana não resolvesse. Ela poderia até não dizer o nome do santo, mas dizia o gênero de quem pôs olho gordo na vítima. Herculana tinha várias amigas, mas suas únicas confidentes eram as plantas, que lhe faziam companhia em sua floresta. Seu quintal mais se parecia, a bem dizer, um santuário. Passava horas regando suas companheiras. Banhava-se de sol, vento e perfumes.

Por quase toda a vida, repetiu o mesmo ritual em seu Jardim do Éden: passeava por entre as ervas e, de olhos cerrados, adivinhava-lhes os nomes somente pelo cheiro que exalavam ou pelo toque em sua epiderme. Todavia, como tudo que é eterno acaba, esse hábito foi interrompido por uma violência sofrida, que lhe deixou falhas na alma.

Por ser um lugar pequeno, todas as crianças e adultos conheciam Dona Herculana na cidade de São Pedro. Quase todos eram parentes. Não raramente, Padre Chico compartilhava seus conhecimentos botânicos com a Senhora das Ervas. Às vezes, pastor Ezequiel lhe perguntava o que era bom para enxaqueca e dor desviada. Nunca houve uma oportunidade em que Herculana se negasse a atender. Para ela, era como se fosse seu testemunho.

Por razões que sabe Deus, um missionário chamado Ellegro se acomodou na casa do pastor Ezequiel a fim de cumprir uma jornada de pregações, que cobria toda a região do Potengi.

Após sua missão, decidiu passar mais tempo na cidade. Gostou da paisagem. Por ser um lugar pequeno, não demorou para que soubesse de Dona Herculana e de suas habilidades.

De quando em vez, criava uma oportunidade para pregar contra os bêbados, as prostitutas, os loucos, as curandeiras e os homoafetivos. Apesar de fingir generalidade, sua desfaçatez ficava em alto relevo. Pois, sabe-se, em cidades pequenas todos sabem tudo de todos. Todos sabiam a quem Ellegro se referia em suas pregações.

No início, as pessoas se incomodavam com as falas do Ellegro. Dizia-se que ele não tinha noção; que desrespeitava Dona Herculana. Afinal, ele era um forasteiro que falava mal de uma prata da casa muito honrada por todos.

Mas, para ferir pedra dura, deve-se usar água mole, dizia Ovídio. De tanto citar versículos da Bíblia que condenavam os adivinhos, Ellegro convenceu os moradores de São Pedro que Dona Herculana era uma blasfemadora. Ele convenceu os amigos de infância da mulher de que era ela quem fazia da cidade uma segunda Gomorra.

Ainda que fossem fiéis a Herculana, seus amigos amavam mais a Deus, diziam. Por inúmeras vezes, pediram-lhe que deixasse de rezar as pessoas. Clamaram para que ela parasse de falar pelas ruas sobre suas efusões.

Ela sempre se recusou a negar seu dom. Sempre ficava muito triste ao ver seus amigos queridos lhes virarem as costas. Resolveu que deveria falar com seu amigo, pastor Ezequiel. O missionário deveria parar de lhe importunar. Seus apelos foram em vão.

— Oh, irmã Herculana, a senhora sabe o quanto lhe tenho apreço. Mas o homem é um servo de Deus; tá na Bíblia: adivinhação é pecado — dizia Ezequiel.

— Mas, pastor, o senhor me conhece faz tantos anos. Sabe que eu sou uma pessoa do bem. Fale com esse missionário aí. Ele está colocando meus amigos contra mim. Isso não pode ser coisa da parte de Deus — reclamava em vão Herculana.

— Irmã, pelo amor de Deus... Olhe, Dona Herculana, com Deus não se brinca, de Deus não se zomba. Esse homem é um servo do Deus vivo. Homem ungido. Lhe tenho muito respeito. Mas... — Ela não lhe deixou terminar a frase.

— Tudo bem, pastor, pelo menos o senhor não quis me convencer a parar a usar meu dom — disse ela.

— Falando nisso, irmã...

— Não, não, pastor. Eu prefiro morrer do que perder meu dom. — Parece que estava prevendo dias terríveis!

— Não diga isso, irmã — aconselhou Ezequiel, que lhe tinha muito afeto. Porém, entre ela e o servo de Deus, o pastor ficou ao lado do segundo.

— Está bem. Até mais.

Como nem tudo que é ruim vem de uma vez, Ellegro continuou suas pregações, e Herculana continuou suas curas. Por um tempo, ele deixou de falar mal dela nos cultos e pregações ao ar livre. Ela, coitada, pensou que ele tinha-a esquecido; pensou mesmo que tinham sido só dias difíceis.

Mas não, ela se enganou. Não demorou muito, como que estrategicamente, Ellegro começou a fazer-lhe ataques ferozes novamente. Dessa vez, ele mudou a estratégia: incitava o ódio diretamente contra Dona Herculana.

Como uma Erva-Doce, Herculana nunca tinha se (in)disposto a confrontar o missionário. Ela, inicialmente, entendia que era comum pessoas que não têm amor e são cultivadas na amargura destilarem ódios. Ela nunca achou normal, porém, creu que o mal por si se desfaria. Enganou-se!

A essa altura, ela já não tinha mais amigos. Desde os primeiros ataques, já não se sentava junto aos vizinhos no fim de tarde. Preferiu se encastelar em seu jardim secreto.

Mas, com o retorno dos ataques, decidiu que deveria agir; teria de confrontar o missionário sem noção e sem amor: puro sulco de ódio!

No fim da tarde, à boca da noite, se iniciou um culto na praça de São Pedro. Não era uma praça qualquer, era a Praça da Matriz. Ela era central. Ficava em frente à Igreja Católica. Ellegro era ridícula e zombeteiramente afrontoso e sem noção alguma do que fosse respeito ao próximo.

Primeiro foram os hinos da harpa, depois alguns louvores de grupos da congregação Filhos do Altíssimo, em seguida, palavras curtas que preparavam a grande pregação. Herculana acompanhava atentamente a liturgia do culto. Apesar de ser uma católica fervorosa, que tinha um oratório em casa, sempre respeitou as crenças alheias.

Por volta das 18h, o missionário Ellegro desatou a pregar. Estranhamente, naquele dia, ele não estava falando contra os adivinhos, digo, contra Dona Herculana. Desde que voltara a persegui-la, como que por missão, não tinha uma fala sua em público que não fosse direcionada a ela. Parecia que seu único objetivo era humilhar aquele ser humano. Mas, naquela ocasião, ele voltou seus petardos para os idólatras, fariseus, saduceus e filhos de Belial. Aquele era seu momento. Ele só tinha fôlego para dizer que os católicos deveriam arder no fogo do inferno.

De repente, com um sorriso demoníaco, deu uma pausa na sua flamejante pregação. Viu Dona Herculana sentada no banco, fitando-lhes os olhos, sem julgamento. Ele, ao contrário, como que possuído pelo espírito maligno da ira, sem titubear, esqueceu de agredir os católicos e passou a mirar a Senhora das Ervas.

Apesar de morar na cidade há apenas um ano, Ellegro já conhecia boa parte dos moradores pelos nomes e, em alguns casos, até pelos apelidos. Como se falasse para um auditório dominado por

sua retórica, falava com um e outro, enquanto repetia à exaustão que o lugar dos bruxos, curandeiros e adivinhos era o lago de fogo do inferno.

Todos sabiam que, ao fazer aqueles ataques, ele queria mesmo era falar o nome de Dona Herculana. Porém, como é comum à maioria dos cínicos, falava sem citar nomes para fingir entrelinhas, quando só tinha zombaria.

— Ei — bradou Herculana do meio da praça —, quer dizer alguma coisa pra mim? Diga logo! — Seu grito interrompeu a trombeta do Anjo da Morte. Se ele ficou atônito por alguém quebrar a liturgia daquela maneira, imagine os presentes, que nunca ouviram uma alteração de voz de Herculana, uma pessoa cujas palavras mais se assemelhavam à camurça.

Porém, seu espanto foi rapidamente superado. Se recompôs e bradou de volta, como quem aceitasse o confronto.

— Sim. A senhora é uma serva de Satanás. Eu e Deus sabemos de sua prática de bruxaria. A senhora diz que opera cura em nome de Deus, mas sabemos que é o Diabo que está em seu couro.

— Você tem algum problema, meu jovem? — Dessa vez, Herculana falou como um rio tranquilo a dois metros do missionário.

— Não me venha com sua voz suave, Capeta dos infernos!

— Você...

— Irmãos, Deus faz assim: nos dá oportunidades, falou ele para a plateia. Essa mulher ímpia, todos sabem, blasfema contra o nome do Deus Vivo. Sempre se recusou a obedecer a Nosso Senhor.

Ela foi inúmeras vezes advertida, mas nunca se arrependeu. Deus, ser de luz e misericórdia, sempre lhe deu várias chances. Mas, hoje, irmãos... hoje é o dia de seu juízo. Agora entendo as razões por ter vindo para essa cidade: minha missão era realizar o julgamento dessa filha de Satanás — bradava Ellegro.

— O que você, o que você está... — Herculana, de tão nervosa que ficou, não conseguiu terminar a frase, começou a chorar. Era um choro de tristeza, indignação e raiva.

— Irmãos, não vos enganeis, esse choro é falso. O Diabo se vestiu de Anjo de Luz para derrubar o Paraíso. Essa filha de Satã não nos engana. Ela merece ter seu julgamento hoje, aqui e agora. Ela precisa respeitar os servos de Deus. Ela não pode nos afrontar.

— É verdade — disse Seu Júlio da padaria, que cresceu junto com Herculana.

— O irmão está certo. Justiça divina — disse Dona Amália, vizinha próxima de Herculana.

— O que, o que está acontecendo? — perguntou Herculana atônita para todos os presentes.

— Não se faça de besta, você não nos engana, Diabo. Você vai receber seu julgamento hoje. Amarrem ela! — disse Ellegro, com a voz da perversidade.

— Padre Chico, me ajuda! — em vão Herculana pede socorro. Chico não era a favor nem contra.

Houve um alvoroço entre os presentes. De repente, como se já estivessem preparados para aquele momento, pegaram uma corda e amarraram Herculana no poste central. Ali seria seu lugar de humilhação, ali seria seu pelourinho.

O olhar de Herculana era puro desespero e incredulidade. Ela realmente não entendia o que estava acontecendo.

Ellegro já tinha planejado a cena e o castigo, só não tinha agendado o dia, entretanto, pouco importava; o mais importante era o plano em si.

— Bidé, pega lá o “carinho de Deus” — disse Ellegro para o irmão que estava ao seu lado e sabia do que ele falava. Sem demora, Bidé chegou com folhas e mais folhas de urtiga-brava. Trazia-as com todo o cuidado do mundo. Não queria que ninguém tocasse nelas senão a ré.

Sorrindo malignamente, Ellegro se aproximou de Herculana para lhe acoiçar as costas com as urtigas. Para cumprir seu ritual satânico, proferiu as seguintes palavras:

— Que todos aqui presentes saibam que Deus ama e também castiga. Porque Deus é amor e fogo consumidor. Essa descrente teve todas as chances do mundo para se arrepender, mas preferiu insultar Nosso Deus. Ele ordenou seu castigo.

— Mata ela! — alguém gritou.

— Não! — repreendeu Ellegro — Ela será castigada. Só Deus pode tirar a vida. Por zombaria, fez o sinal da cruz com as folhas antes de começar os açoites. Assim procedeu porque Herculana sempre fazia esse sinal quando estava no processo de cura dos que lhe procuravam. Deu uma, deu duas, deu quarenta açoitadas com as folhas de urtiga. De longe, alguém poderia pensar que se tratava de uma encenação. Não havia sangue, não havia grito de dor. Contudo, quem conhece urtiga sabe que o castigo não está em tocar nessa planta, mas sim em controlar a vontade de coçar. Isso porque, além do inchaço, da queimação e do ardor, a coceira que se instala no sujeito é perturbadora.

Não demorou muito, Herculana começou a se contorcer. Sentiu a queimação no corpo.

Todo ele ardia em brasa. A coceira só era menos intensa que sua humilhação.

Alguns dos presentes acharam engraçado aquele castigo, porém queriam mais. Entendiam que aquilo não passava de um espetáculo. Para que fosse um castigo de verdade, era preciso ter sangue.

Em meio a queimação, humilhação e coceira, Herculana sentiu o soco que lhe arrancou um dente. Do nada, um homem surgiu na praça e, antes de lhes desferir o golpe, clamou:

— Essa vadia tem que morrer!

Ao ver o sangue escorrer pela boca de Herculana, Ellegro ficou em choque. Não esperava aquela atitude. Tentou agarrar o homem, que já tinha dado dois chutes no estômago da pobre mulher.

Outro homem agarrou Ellegro por trás, afastando-o do agressor de Herculana. O missionário conseguiu se desvencilhar, mas, antes de se recuperar, levou um soco que lhe derrubou. Ele bateu a cabeça no chão e lá permaneceu desmaiado.

De repente, mais de vinte pessoas batiam em Herculana. Seus vizinhos e amigos. Todos os presentes castigaram-na. Por entre algumas mulheres, estava Geni, que lhe acertou com um saco de bosta.

Após a sessão de expurgo, quando se cansaram e saíram de cima de Herculana, o que se viu foi um corpo morto. Não havia quem a reconhecesse. Como se a possessão do espírito da ira tivesse ido embora, como se a histeria coletiva tivesse passado,

alguns caíram em pranto. Parece que se deram conta do sacrifício realizado. Outros não sentiram nada. Outros ainda deram chutes nela para saber se estava realmente morta.

— Nossa, que história triste, Bidé.

— Pois é. O ser humano é um animal perigoso.

— É, sim.

— Mas ninguém foi preso?

— Então... disseram que foi obra do missionário. Quando ele acordou, já estava preso.

— Nossa, se você não estivesse estado lá, eu não acreditaria.

— Sim, sim. Te juro que foi verdade. O missionário, coitado, não aguentou o remorso; na primeira oportunidade, se matou. Eu tive sorte. Não participei. Pedi a Deus que perdoasse o missionário e a bruxa também. Servir a Deus é muito difícil. Oro todo santo dia pela santa unção de Enoque. A salvação está para todos. Se converta você também. Se apresse, venha seguir o caminho do Senhor. Só Ele pode nos dar salvação. Seu amor é sempre justo. Andar na justiça de Deus é meu destino.

Bidé não mentiu, apenas contou pela metade. Digo, atestou o relato a partir de seu ponto de vista. A verdade é que Dona Herculana não estava morta. Embora tenha ficado inconsciente, não morreu.

Alguns moradores a ajudaram — não se sabe se por remorso, misericórdia ou humanidade. Levaram Herculana para o hospital, descredenciando que ela resistiria, porém crentes que Deus observava seus arrependimentos.

Herculana passou dez anos em coma. Nenhum familiar foi visitá-la, pois já não os tinha desde sua vida adulta. Ela só tinha seus amigos, os mesmos que quase a mataram.

A enfermeira Alice era sua única companhia. Todos os dias ela examinava o estado de Herculana. Em uma dessas inspeções, a enfermeira notou algo diferente. Percebeu que um dos dedos da paciente se movimentou. Cheia de esperança, correu para falar ao doutor Ricardo sobre a novidade. Este veio apressadamente ao encontro da paciente. Era quase um milagre!

Passaram-se mais três meses para que Herculana, de fato, recobrasse a consciência. O trauma que sofreu foi tão grande que esqueceu praticamente de tudo e de todos, menos de suas ervas. Ela só se lembrava que era curandeira e que amava suas ervas.

Precisou passar algum tempo fazendo terapia, pois seus movimentos foram comprometidos em razão da violência sofrida.

O hospital onde foi tratada estava à distância de 60km da cidade de São Pedro do Potengi. Ainda que fosse perto, Herculana não pensou um minuto sequer em voltar à antiga cidade depois do ocorrido. Pediu ao seu médico que lhe fizesse a gentileza de trazer algumas ervas para ajudar em seu tratamento. Nunca duvidou dos poderes farmacêuticos dos remédios, assim como também nunca deixou de lado os poderes de cura de suas plantas. O processo para sua recuperação completa durou cinco anos, entre sessões terapêuticas e remédios farmacológicos.

Dona Herculana viveu até seus 75 anos. Apesar de ter passado seus últimos 20 anos em um asilo público, não reclamava. Fez novos amigos onde morava, ergueu para si outro jardim. Como se fosse uma reprise de sua adolescência, tanto os asilados

quanto os vizinhos vinham até ela pedir indicação de ervas para curar alguma doença ou mal-estar. Todavia nunca mais ousou rezar alguém. Apesar de não se lembrar do que ocorrera consigo, Herculana creu no que lhe relatou a equipe médica e a assistência social. O seu relatório dizia que ela deu entrada no hospital em estado grave de saúde, decorrente de uma tentativa de linchamento por praticar curandeirismo. Aprendeu que prevenir é sempre o melhor remédio.

Seu velório foi uma grande expressão de afeto. Seus novos amigos fizeram uma cama de ervas e puseram-na em cima. Certamente, ali era seu melhor lugar. A casa de repouso mudou o nome de Lar Erva Herculana, como digna homenagem a alguém que só fez o bem por onde passou.

## OS MUROS

Elionai Andrade de Souza

Acordo com os latidos de Nigro. Suspiro, levantando-me da cama.

— Por que fui acostumar esse vira-lata a ir passear neste horário?! — resmungo, encarando o relógio que marca quatro e meia da tarde.

Amarro meus cabelos e sigo para a área da minha casa, onde o esguio cão negro me aguarda saltitante. Ponho o peitoral e a guia no animal, e saímos rumo ao enorme terreno baldio próximo à minha casa. Ao chegarmos, não posso evitar de observar os enormes muros, que estão sempre lá, nos arredores da cidade. Homens de preto, que chamamos de Sentinelas, andando vigilantes sobre eles.

— Ah, os muros — sobressalto-me com a voz próxima.

— Charlie! Me assustou!

O homem, de seus trinta anos, magro e maltrapido, ri e então olha para os muros.

— Ao final da terceira guerra, com o planeta devastado, vinte e três sobreviventes se reuniram e criaram o que chamaram de Urbo. — Faz uma pausa. — Construíram muros ao redor do pequeno acampamento para protegê-lo dos monstros sanguinários

que surgiram da radiação. — Suspira e começamos a caminhar pelo terreno. — Os sobreviventes tiveram filhos, e os filhos deles tiveram filhos, que tiveram filhos... Hoje, chamamos aquele grupo de sobreviventes de “Os Pais”, e o que antes era um pequeno acampamento hoje é uma cidade. — Finaliza a história que já está gravada em minha mente, de tantas vezes ouvida.

— Quatrocentos e vinte anos de história — digo.

— Quatrocentos e vinte anos de mentiras. — Dá uma risadinha.

— Qual é? Não dá pra sustentar uma mentira por tanto tempo!

Ele me encara.

— Nunca subestime a capacidade humana. — Ele para de andar. — Não está cansada de coisas sem sentido? Só podemos usar mangas longas ou três-quartos, só se pode usar roupas no mínimo até um palmo abaixo do joelho, somente tons claros, uma cidade grande nos ajudando sem pedir nada em troca? Pfff!

— Lando nos protege dos monstros e...

— Monstros? — Ele ri. — Você já viu algum? Eles não existem!

Abro a boca para respondê-lo, mas uma sirene ecoa. Todos conhecem muito bem o som e o que significa. Corremos para o portão, onde uma pequena multidão já está formada. Ouvimos gritos e choro de algumas pessoas.

— O que houve? — indago a uma mulher.

— Aparentemente encontraram o Will.

Will é um rapaz, poucos anos mais velho que eu, que pulou os muros há três dias, ninguém sabe como nem por quê. Seguimos para onde dois Sentinelas trazem uma pequena carroça, com o

conteúdo coberto por um lençol branco. Eles param, retiram o pano e a mãe de Will berra ao ver o filho com três enormes marcas de garra no tórax, quase partido ao meio, além de diversos arranhões e queimaduras do ácido que as criaturas expõem.

Olho para Charlie.

— Ainda acha que os monstros não existem?

Ele dá um sorrisinho.

— Não esqueça: nunca olhe debaixo da cama — diz e se vai.

Ele sempre me diz isso, desde que um dia confessei que, quando criança, tinha medo de que os monstros estivessem debaixo da minha cama.

Na manhã seguinte, acordo cedo, me arrumo e saio de casa. Ao passar pelo terreno baldio, paro e olho em volta, estranhando a ausência de Charlie.

— Esperando por mim? — O dito cujo aparece após alguns minutos. Rio.

— Bom dia.

— Está indo ao exame trimestral?

Franzo o cenho. Durante todos os anos em que conheço Charlie, todas as vezes que nos encontramos, seja de manhã, quando saio para caminhar, ou à tarde, quando levo Nigro para passear, o homem sempre me conta a história da cidade e, às vezes, alguma teoria doida.

— Sim, estou indo para o exame.

— Ótimo, vou acompanhá-la. — Começamos a caminhar.

— Qual a sua cabine de exames? — indago.

— Nah, eu nunca participo dos exames trimestrais.

— Mas é obrigatório.

— Não é obrigatório, apenas nos fazem pensar que é. — Ele sorri — Para nos manipular. Não há necessidade de nos testar quase que todos os meses.

— A Dona Rita descobriu câncer de mama nos exames trimestrais!

— Sim, sim, mas por que Lando se interessaria por nossa saúde? Mandar médicos para cá a cada três meses? — Ele balança a cabeça. — Não faz muito sentido para mim.

— Você é louco. — Rio.

— Sou. — Ri também. — Bom, aqui está, entregue. — Paramos em frente à minha cabine. Nunca olhe debaixo da cama! — Sorri.

— Até! — Sorrio.

Quando a tarde cai, saio com Nigro.

— Está com uma cara de quem aprontou... ou vai aprontar — digo ao avistar Charlie, que ri.

— Vou te mostrar que os monstros não existem!

— O quê? Ficou doido? Charlie, não vemos os monstros porque os Sentinelas não deixam que eles cheguem perto — digo — mas é só ver o que fizeram com o Will, e teve o Patrick mês retrasado.

Ficamos em silêncio por um tempo, andando e parando conforme Nigro demarca território.

— Talvez tenha razão — Charlie diz.

— É claro que tenho, sou a única sã de nós dois.

Rimos e ele olha para os muros.

— Ah, os muros. — Suspira. — Há muito tempo, houve uma grande guerra, a terceira guerra, que devastou o planeta...

Acordo no dia seguinte, ponho minha roupa de caminhar e sigo para o terreno. Espero cinco, dez, quinze minutos, meia hora, uma, duas, três horas, até finalmente desistir. Charlie nunca faltou, todos os dias estive no terreno para conversar comigo. Volto para casa preocupada, a ideia de que ele tenha pulado os muros faz minha alma gelar. O tempo passa, a tarde chega e corro com Nigro até o terreno.

— Vamos, Charlie, não seja estúpido! — murmuro enquanto aguardo.

Quando a sirene toca, é como se eu tivesse sido mergulhada numa banheira de gelo.

— Por favor, que não seja o Charlie! Por favor, que não seja o Charlie! Por favor... — rezo enquanto corro até os portões.

Quando chego, a carroça já está posta no meio da multidão.

— Não sobrou muita coisa — um dos Sentinelas diz.

Nem precisa tirar o lençol para saber de quem é o corpo, a luva preta sem dedos, gasta e desbotada, na mão que pende da carroça já entrega seu dono. As lágrimas escorrem livremente pelo meu rosto.

— Seu estúpido! — Seguro sua mão. — Seu grandessíssimo estúpido! — Choro.

Ao apertar mais sua mão, sinto algo pequeno e duro no pulso da luva, disfarçadamente tateio até encontrar um rasgo na parte de dentro, de onde retiro um pequeno retângulo envolto num papel amarelado, que escondo no meu bolso. Levam Charlie para o cemitério e lá o enterram.

Após o enterro, eu corro para casa. Na segurança do meu quarto, desembulho o papel e encontro o que parece ser um cartão de memória, no papel que o envolvia algo está escrito:

“Não olhe debaixo da cama”.

Rapidamente salto da cama e olho embaixo dela, encontrando uma caixa preta. Pego-a, volto a me sentar no móvel e abro a caixa, encontrando uma pequena câmera. Achei que não existiam mais câmeras como esta, pelo menos nunca havia visto uma, apenas nos livros. Encaixo o cartão no aparelho e aperto alguns botões até que imagens e sons aparecem na pequena tela.

— Bem, eu realmente espero que você esteja vendo este vídeo, que tenha encontrado o cartão na minha luva. — O Charlie da gravação levanta a mão. — Mas, de qualquer forma, há um cartão na caixa, neste caso, espero que tenha encontrado a caixa — murmura. — No fundo da caixa, tem um compartimento que tem outro aparelho, que gravou as imagens da câmera que eu instalei aqui. — Aponta para a sua touca. Como eu fiz isso? Como eu sei fazer isso? Bem, não é hora para falar disso. — Sle sorri. — Se está vendo isto, provavelmente estou morto, bem morto. — Ri. — Sim, saí de Urbo. Não, não pulei os muros e, não, não fui morto por um monstro... pelo menos não por esses monstros em que todos acreditam. — Ele faz uma pausa. Assista à gravação para descobrir o que aconteceu... para descobrir a verdade, depois siga

meus passos. Há um laboratório a cinco quilômetros daí, vá até lá, mas, diferente de mim, não morra! — Ele ri. — Você é inteligente, siga-me até a toca do coelho!

Removo o fundo da caixa e pego o aparelho, dando play. Novamente aparece a imagem de Charlie, desta vez aparenta estar em frente a um espelho.

— Ah, os muros. — Ele ri. — Vamos transpassá-los! — Sorri e se afasta do espelho. Agora tenho a visão dele em primeira pessoa. — Vamos lá!

Ele caminha tranquilamente até o bosque, na parte nordeste da cidade. Adentra o bosque e segue até uma grande árvore, com um buraco formado por suas raízes.

— A toca do coelho! — Ri.

Adentra o buraco escuro, que logo é invadido pela luz de uma lanterna.

— Deixei uma lanterna aqui para você, mas lembre-se de trazer pilhas, não sei se as que estão na lanterna estão boas — fala enquanto engatinha pelo túnel estreito. O túnel segue por cerca de três quilômetros até se bifurcar. — Eu vou seguir pela esquerda, porque preciso te mostrar os monstros, mas você deve seguir pelo túnel da direita... não leve para o cunho político! — Ri da própria piada, e eu acabo por rir junto. O túnel da direita vai te levar para o esgoto do laboratório, lá você tem que ser discreta para não ser pega.

Ele então começa a falar sobre coisas aleatórias, até que chega na bifurcação e segue pela esquerda.

— Este caminho segue por um quilômetro e meio, vai sair a alguns metros do laboratório. — Pega um cantil e bebe o conteúdo. — O outro segue por dois quilômetros, lembre-se de trazer água também, beber água é importante.

Ele segue o caminho até chegar embaixo de um buraco.

— Bem, aqui estamos! — Suspira e então pega uma barra de chocolate no bolso. — Última refeição.

Ele come a pequena barra enquanto divaga sobre barras de chocolate e o quão boas são. Quando termina o alimento, respira fundo.

— Chegou a hora! — Ele suspira e sai do buraco. — Estamos numa floresta, vamos ver onde estão os monstros. — Ele começa a gritar e correr, pega um pedaço de pau e bate nas árvores. — Bem, não estão aqui, talvez se a gente se aproximar do laboratório...

Ele corre e grita, para em frente a um descampado. Dá para ver muros e prédios. Charlie suspira e começa a caminhar em direção à construção. Conforme se aproxima, vozes são ouvidas gritando com ele. Sentinelas correm em sua direção, apontando grandes armas. Então, um barulho alto é ouvido, consigo ver o clarão no cano da arma, vários tiros são disparados até que um acerta sua cabeça e a gravação acaba.

Encaro a tela, estarrecida com o que acabo de ver. Dúvidas e mais dúvidas enroscam minha mente. Como Charlie sabe sobre o laboratório? Como conseguiu estes equipamentos? São tantas perguntas e amanhã encontrarei todas as respostas.

Quando o dia clareia, ponho minha roupa de caminhar, cato as pilhas, água, algumas barras de cereal, uma faca e parto para a jornada. Tenho um pouco de dificuldade, mas logo encontro a “toca do coelho”. Acho a lanterna que Charlie deixara, as pilhas

estão fracas, então troco pelas novas e começo minha jornada. Não contendo um sorriso ao tomar a direita na bifurcação.

— “Não levar para o cunho político.” — Dou um risinho.  
— Idiota.

Sigo o caminho até que as paredes se tornam de concreto, prossigo até encontrar uma espécie de bueiro. Espio e não encontro ninguém, então saio. Estou numa espécie de pátio, resolvo me esconder e acabo entrando num vestiário, por sorte, vazio. Rapidamente vasculho os armários e findo encontrando uma roupa de zelador. Visto-a e saio do banheiro, dando de cara com um zelador.

— Ah, oi, parece que derramaram café na sala de câmeras, pode ir lá para mim? Preciso mijar. — Aceno com a cabeça.  
— Obrigado!

Pego o carrinho e rapidamente me afasto. Sigo pelos corredores até que um Sentinela sai de uma porta e me para.

— Finalmente! — Ele me empurra para dentro de uma porta. — Derrubei café no chão.

Pego o esfregão e limpo o chão.

— Essa galera de Urbo é uma onda — o Sentinela que me parou diz pro outro, enquanto encara as telas.

— Sim, nem parece que são um bando de doido.

Eles riem. Eu tento controlar meu nervosismo. Acabo de limpar, saio da sala e continuo perambulando pelos corredores. Quando encontro uma sala com a escrita “Arquivo” na porta, entro e só há um homem.

— Vai limpar a sala? Vou sair, detesto o cheiro desses produtos! — Ele se levanta e sai.

— Ponho uma plaquinha do lado de fora da sala e começo a busca por informações. Minha mente explode com o que encontro: nomes, fotos, vídeos, laudos médicos.

— Era tudo mentira... — sussurro.

— Ah, aí está você! — Assusto-me com uma voz grave. — Eu me chamo Richard.

— Um homem, alto, esguio, os cabelos loiros, que veste terno preto de risca de giz. Ajeita os óculos escuros e sorri.

— Parece que encontrou algo que não devia. — Aponta para os papéis que espalhei sobre a grande mesa do local. — Venha comigo! — Dou alguns passos para trás. — Não vou machucá-la, vou apenas esclarecer as coisas, não quer saber a verdade?

— Pera, deixa eu ver se eu entendi — digo, quando já estamos acomodados numa sala com duas poltronas brancas —, nunca houve uma terceira guerra?

— Nunca — ele diz.

— Os Pais, na verdade, eram apenas cobaias, um grupo de psicopatas que vocês colocaram lá pra ver o que acontecia, tudo televisionado numa espécie de *reality show*?

— Exato, tudo foi consentido, todos assinaram um contrato aceitando participar do experimento e...

— Mas eu não assinei nada! As pessoas que nasceram e morreram não aceitaram participar de nada disso! — exclamo indignada. — Todas aquelas pessoas achando que o mundo se resume àquela cidade!

— Não parecem se importar com isso. — Ele dá de ombros.

— Porque não sabem da verdade! Isso é cruel! Nós não somos psicopatas!

— Mas os primeiros eram, então... — Faz um barulho com a língua. — Você sabe como é o ditado: “filho de peixe, peixinho é”.

— NÓS NÃO SOMOS PSICOPATAS!

— Os cidadãos de Lando discordam, e são eles que ditam as regras. — Dá de ombros. — Todos os de Urbo estão bem, vivendo suas vidas tranquilamente.

— E aqueles que não queriam ficar lá? Vocês... — O entendimento parece me atingir como um soco. — Vocês mataram todas aquelas pessoas... Da maneira mais fria... Tudo pra um entretenimento sádico... — Meu corpo treme de um sentimento que nem eu sei descrever. — Meu Deus, o Will, o Charlie... — Ele me olha de maneira estranha. — O quê? Por que está me olhando assim? O que quer dizer?

— Quero dizer que você tem opções. — Ele se ajeita na cadeira, endireitando a postura. — Pode voltar lá e contar para todos o que sabe. — Dá uma risadinha. — Se conseguir chegar na cidade, ou, pode ser um guia, como o Charlie.

Eu engasgo.

— O Charlie sabia de tudo?

— Por que acha que está aqui? Porque o Charlie viu potencial em você! Ele escolheu você para saber da verdade e decidir o que quer fazer com ela. — Ele faz uma pausa. — Bem, você não foi a única que o Charlie escolheu, mas o Will não foi tão esperto.

O modo como diz tudo, a frieza com que lida com a situação, é arrepiante.

— Tem certeza de que nós somos os psicopatas? — indago, ele apenas dá uma risadinha. — Minhas duas opções são morrer... praticamente da mesma forma? — O Sr. Risadinha acena positivamente.

— Tem alguma opção de não morrer? Talvez ir para Lando? Ele solta um risada de desdém.

— Jamais permitiriam uma psicopata lá!

Eu suspiro.

— Eu poderia ao menos, sei lá, ver o mundo? Conhecer os mares, as florestas, os animais. — Dou de ombros. — Depois eu poderia voltar pra Urbo e...

Ele explode em uma gargalhada estrambólica.

— Mares? Florestas? — fala entre risos. — Querida — diz após se recuperar da crise de risos —, não existem mais florestas ou mares.

— O quê?

— Não houve terceira guerra, mas não significa que o mundo não acabou.

— Como... como assim?

— Nós fodemos tudo, de forma quase que irreversível. Nós fizemos tanta merda que praticamente secamos os oceanos. — Dá uma risadinha. — Então, quando vimos que tínhamos feito uma cagada gigantesca, matamos três quartos da população humana, concentramos o resto em Lando e deixamos que a Terra se recuperasse sozinha.

— Como é?

— Bem, não foi sozinha, nós plantamos algumas árvores e deixamos alguns cientistas para monitorar a reconstrução do ambiente e...

— Vocês mataram três quartos da população!?

— Sim, não poderíamos manter quase oito bilhões de humanos numa Terra devastada. Além do que, seria impossível controlar essa quantidade de pessoas. Então, reduzimos a população a pouco mais de um bilhão de indivíduos. — Olho-o chocada. — Não me olhe assim! Isso foi necessário, e muito benéfico! Erradicamos diversas doenças, inclusive acabamos com todas as doenças transmissíveis e todas as hereditárias.

— Tirando bilhões de vidas!

Ele dá de ombros.

— Um pequeno preço a se pagar.

Arquejo, incrédula.

— Como vou saber se o que está falando também não é mentira?

— Não vai. — Dá de ombros.

Eu suspiro, minha cabeça parece que vai explodir.

— Seu tempo está acabando.

— Tem tempo!?! — exclamo.

— Achou que tínhamos o dia inteiro? — Ri. — Não temos. Você tem que escolher e, cá entre nós, a segunda opção é melhor. Deve dar uma sensação de poder escolher para quem dar a *red pill* e quem permanecerá com a *blue pill*. — Dá um risinho.

— Você é um sádico!

— E você precisa escolher!

Eu permaneço calada durante todo o percurso de volta a Urbo. Parte de mim ainda não acredita em toda essa loucura ou apenas não sabe como lidar com ela. Ouvi a minha vida toda que “Os Pais” eram nossos heróis, para descobrir que eram só um monte de doentes. Lá no fundo, eu tinha esperanças de que Charlie estivesse certo, que não existissem monstros e que eu talvez pudesse conhecer o mundo, os mares, as florestas... Mas, aparentemente, a única parte que eu queria que fosse mentira é real.

— Lembre-se do nosso segredinho. — Richard sorri. — *Red pill* ou *blue pill*. — Acena e se vai.

Os Sentinelas discretamente me põem dentro dos muros. A exaustão parece escorrer de meus poros enquanto caminho de volta para a casa. Estou cruzando o terreno baldio, quando encontro uma garotinha caminhando com seu cachorro. Ela não deve ter mais de sete anos, seus cabelos são loiros, presos em duas tranças, seus olhos são azuis como o céu e encaram os muros de forma curiosa. Paro ao seu lado e olho na mesma direção.

— Ah, os muros...

## **CALE-SE PARA SEMPRE!**

Hartemys Belo

Entrar na igreja está sendo conflitante para mim. Olhar todas aquelas imagens de santos e comunicados para a comunidade eclesial não aquieta o meu coração. Pior, ver o sofrimento de Jesus Cristo na via sacra e crucificado só alimenta a minha angústia. Apesar de tudo o que ele sofreu, soube ser sereno em todos os momentos de sua vida. O Cristo é humano, assim como eu. E eu sofro. É um sentimento mais forte que eu. E não há uma obrigação desse ser retribuído.

Estar no casamento do meu melhor amigo é muito importante para ele e para mim. Nossa convivência não é recente, dos tempos de escola para o de hoje são mais de 10 anos. Muitas conversas, muitas risadas, muitas lágrimas, muitas festas, muitas ausências. Porém, para não estragar essa beleza vivida, ele não sabe de um sentimento que eu tenho por alguém.

Conheço a futura esposa há 5 anos, quando o relacionamento deles começou. É uma coisa linda. As famílias apoiam, os amigos celebram. Meu sofrimento começou há 2 anos, depois que terminara

um relacionamento. Aproximei-me dos noivos, logo após o pedido de casamento. Dessa aproximação à paixão foi um pulo. Se ele souber disso que vivo, não sei como ficará nossa amizade. Optei e opto por não arriscar.

Com a aproximação do casamento, conheci tanto meu amigo, quanto a noiva. Os dois têm muito em comum, mas nem sei se combinam. Eles gostam das mesmas coisas, eu estranho isso. O casal me chamou para ser padrinho do casamento, eu aceitei e hoje me arrependo. Na vida, fazemos escolhas de que nem sempre vamos gostar. Aceitei porque eles se amam e eu não posso estragar essa reciprocidade. Eu não sei como será na hora que ela entrar na igreja. Diferentemente do noivo, eu sei o vestido que ela usará, mas não consigo imaginar como deve estar. Linda, óbvio.

Cumprimento-o com um aperto de mão e um abraço forte, ele bate forte com uma mão e, com a outra, alisa minha lombar. A gente se olha nos olhos, marejados. Minha mão toca o rosto dele, acaricio a barba. Estou feliz, uma nova percepção de vida que ele terá. Vestido de branco. Pois é, para quem não acredita, ele é virgem. Alguns acharão que é apenas charme. Vejo em seu rosto o nervosismo, a alegria e o afeto. Gostaria muito de falar com ele sobre esse sentimento. Não é o melhor a se fazer. Meu amigo começa a se preocupar, o tempo passa e o atraso acontece. Por que todo casamento tem atrasos? Uma cultura estranha.

Muito tempo depois, as portas se fecham e a música começa a tocar. Não é a canção tradicional, eles optam por uma melodia clássica, por sinal, muito linda e bem harmoniosa. As luzes se apagam, e a atenção é voltada às velas que iluminam misticamente o lugar. Todos se levantam com os olhares voltados à porta central. As portas se abrem e, junto com a luz do fim da tarde, vem a noiva. Meu Deus! O vestido é um acessório fundamental para mostrar

a beleza existente nela. Os cabelos bem trabalhados — eu não sei o nome do penteado, porém está impecável. A maquiagem não é exagerada, até porque não precisa ser. Caminha pelo centro da igreja em direção ao altar. Não sei se o meu olhar ajuda, pois ela vem lentamente. Observa cada convidado e lança sobre eles um sorriso. Um belo sorriso. As damas de honra à frente jogam pétalas de rosas e flores para embelezar o momento. Seu pai, ao lado, visivelmente orgulhoso, também expressa um largo sorriso. Agora meu desconforto aumenta. O pai entrega sua filha. Existe um diálogo, mas não consigo ouvir. Acredito que sejam os sentimentos positivos, ou o sermão da fidelidade ou, ainda, o compromisso de cuidado do noivo para com a noiva. Neste momento, os dois dão-se os braços e ficam em frente ao padre. O padre segue seu ritual normalmente. Só não sabe ele que conheço melhor o casal. Enquanto o rito prossegue, fico pensando sobre tudo o que vivi durante esses anos.

A primeira vez que eles se apresentaram aos amigos. Momentos de diversão, também entre amigos. Na praia, no churrasco, no parque, no cinema... Enfim, inesquecíveis. Só não sabem eles dessa minha confusão. Apenas eu e eu mesmo. Isso não falei para ninguém. Não quero constranger nem ser constrangido. Um dia, depois de ter assistido a um vídeo na internet sobre solidude, quase disse aos dois sobre meus sentimentos; mas me controlei. Foi um momento de domingo em que a sensação de perder o juízo e o coração acelerado surgem. Volto meu corpo ao presente.

E, por fim, o padre faz a seguinte pergunta:

— Se alguém tem algo contra este casamento, fale agora ou cale-se para sempre!

Fico vermelho. A vontade dentro de mim é gritar para todo mundo ouvir... Mas silencio. Calar-se é falar para dentro. Olho em volta, todos atentos. Ninguém se manifesta, quer dizer, explicitamente. Eu estou ali a favor do amor deles, mas contra. Um silêncio na igreja, mas imagino as vozes internas das pessoas, cada um com sua opinião. A minha, em confusão. Ainda tenho uma esperança de um dos dois dizer não. Entretanto, a resposta é positiva, e as pessoas celebram o momento. O padre prossegue... Pois é, transição de vida! De noivos a casados. Na saída da igreja, uma chuva de arroz, como manda a tradição. Enquanto isso, conversando com outro amigo, ouço um grito:

— A noiva vai jogar o buquê!

Alguém grita desesperadamente, acho que está louco para se casar. Ela se prepara para jogar o buquê, com lindas flores amarelas e vermelhas. Ao ouvir o grito, eu viro, e o buquê cai em minhas mãos. O meu amigo anuncia:

— Rudá, você será o próximo a se casar. Parabéns!

## Sobre as autoras e os autores

### Ana Cláudia Trigueiro

Formada em Psicologia (2003) e pós-graduada em Psicologia do Trabalho (2015). Possui diversas publicações, sendo as últimas: *Deep Blue* (2021), *Bruma, a última estrela* (2021), *Crônicas para jovens que desejam mudar o mundo* (2021). Em 2010, obteve 1º lugar no Concurso literário da editora SBB, categoria Contos. Em 2014, foi a segunda colocada no Prêmio Rota Batida, na categoria Romance. Em 2019, o livro *Francisca* é escolhido, pelo jornal Tribuna do Norte, como um dos dezesseis mais importantes sobre a cidade do Natal.

### Ayala Gurgel

Nasceu em Alexandria-RN. É Bacharel em Filosofia (UFPB), Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial (Estácio de Sá), Mestre em Filosofia (UFPB), Doutor em Políticas Públicas (UFMA) e Doutor em Filosofia (UFC). Desde 2014, Professor da UFERSA (Universidade Federal Rural do Semi-Árido). É autor de livros técnicos e romances dedicados à ficção, como *O Livro de Caim*, *Projeto 341* e *O Segredo da Ordem do Santo Sacrifício*, além de contos, como *Pacto de Sangue*, *O Santo Sacrifício* e *O Soneto do Diabo*.

## Clayton Rodrigo da Fonsêca Marinho

Doutor em filosofia pela UFRN. Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela UFOP. Graduado em Artes Visuais pela UFRN.

## Diógenes Carvalho Veras

Doutor em História Antiga pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha, 2016. Professor e assessor administrativo da Secretaria de Estado da Educação do RN. Entre 2004 e 2006, publicou crônicas nos principais jornais do Rio Grande do Norte, e contos em revistas escolares de Natal-RN. Em 2005, publicou *Assassinato em Natal*. Em 2009, *Contos da cidade do Natal*, com 2ª edição em Madri, 2016. Possui poemas e contos premiados no Brasil desde 2017. Em 2021, publicou o romance *No ar*, pela editora portuguesa Chiado Books.

## Edna Maria Rangel de Sá

Mãe, Mulher, Professora. Formada em Letras, Mestre em Literatura Comparada (Letras/UFRN), Doutora em Educação (UFRN), professora da Escola de Ciências e Tecnologia/UFRN e do PROFLETRAS/Natal. Tem 46 anos de sala de aula e uma imensa paixão pelos seus filhos, pelos seus alunos, pela Educação, pela leitura, pela escrita e pela vida. Escreve desde muito pequena. Tem alguns contos e crônicas publicados em jornais, muitos guardados no seu computador, e inúmeros ainda dentro de si, sonhando publicação.

## Elionai Andrade de Souza

Potiguar nascida e criada em Natal-RN. Técnica em Controle Ambiental e estudante de Gestão Ambiental no IFRN, *campus* Natal-Central. Desde muito nova, mostrou-se inclinada à escrita. As redes sociais são seu principal meio de divulgação e, foi por meio delas, que teve um de seus poemas exposto na segunda edição do edital “Precisa-se de Arte”. Elionai tenta, por meio de seus textos, transmitir um pouco de si, de sua essência, de suas dores e de suas vivências.

## Fabíola Jerônimo Duarte

Nasceu em Montanhas-RN, cidade na qual cresceu e hoje atua como professora de Língua Portuguesa e Inglesa. Desde a sua infância, amava aprender e conhecer novos rumos, traçados pelos inúmeros livros que lia. Por isso, criou o canal *Contos Kids*, no qual narra seus livros de histórias infantis e expõe suas ilustrações. Esperando não apenas divertir, como também envolver as crianças com o universo da leitura.

## Flávio Gameleira

Publicou os livros *200 anos da viagem de Henry Koster pelo RN* (2017), *Karitós: Viagem por terras do Brasil* (2019) e *Veredas do Padre João Maria* (2021). Publicou também em coletâneas, tal como a Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Nasceu e reside em Natal-RN, é servidor da UFRN, Mestre em Desenvolvimento e

Meio Ambiente (UFRN) e graduado em Gestão Ambiental (UnP) e Odontologia (UFRN). Está em plena atividade produtiva em livros e artigos no âmbito de suas pesquisas e áreas de interesse.

### Hartemys Belo

Potiguar. Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, pela UFRN. Educador em escola particular. Integrante do grupo Jovens Franciscanos em Ação (JOFRAC). É militante da Pastoral da Juventude, em atividade missionária pelo Regional Nordeste II da CNBB. Artista das palavras e do corpo, sou @caminhante\_ em construção buscando experiências que me façam ser sempre aprendiz.

### João Rodrigues

Graduado, especialista e mestre em Filosofia pela UFRN. Especialista em Literatura e Ensino pelo IFRN.

### Lune Éden

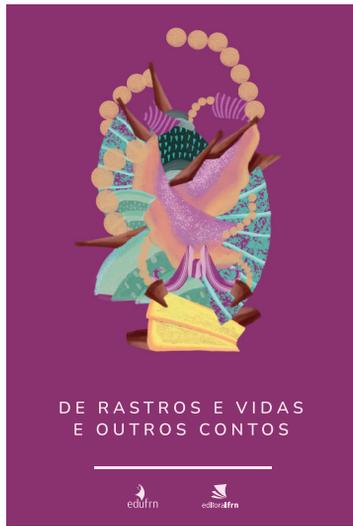
Nasceu e morou a vida inteira em Natal-RN. Escreve narrativas desde os doze anos, e não parou desde então. Atualmente, cursa o Ensino Médio Técnico em Multimídia no IFRN, *campus* Cidade-Alta (Rocas), e seus gêneros preferidos, tanto de escrita quanto de leitura, são fantasia e ficção, mas lê de quase tudo um pouco. Acredita que a escrita deveria ser mais valorizada no geral, pois é uma das principais formas de ensinar e transmitir conhecimentos, além de ser revolucionária e bela.

## Marcos Antonio Campos

Nasceu em Natal-RN. É formado em Letras, Administração de Empresas e Ciências Contábeis, todos pela UFRN. Membro do IHGRN, da UBE-RN e ATRN. Como escritor e poeta, lançou os livros: *Um bêbado sonhador*, *Babel*, *Absinto*, *Algodão doce* e *Atropelando Papai Noel*, todos pela Caravela Selo Cultural. Possui textos premiados em diversos concursos pelo país afora e está presente em mais de 50 coletâneas, entre as quais as do concursos anteriores da EDUFRN.

## Paulo Guilhermino dos Santos

Graduado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UFRN), e mestre em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Atualmente, atua como professor de Língua Portuguesa (SEEC/RN) e desenvolve pesquisa de doutorado na área de Literatura Comparada (PPgEL/UFRN). Não obstante, acima de tudo, é o tipo de pessoa que tenta fazer da vida um ato de estranhamento diário. Talvez por isso mesmo venha dando os seus primeiros passos no campo da criação ficcional.



## Sobre a capa

As capas que compõem a coleção dos livros da terceira edição do Concurso Literário Américo de Oliveira Costa, realizado em 2021, são fruto de um processo artístico de colaboração entre a EDUFRN, a Editora IFRN e o artista independente Marcelo Augusto (@masagusto). O ilustrador carioca assina as obras a partir das quais foram construídas as capas dos três títulos: O cálice, De rastros e vidas e outros contos e Esquecimento e outros poemas.

A respeito de sua relação com o universo criativo e de sua participação neste projeto, Marcelo nos conta:

*“Acredito que uma das primeiras formas que toda criança encontra para se expressar é a arte. Nesse caso, eu apenas continuei com essa paixão quando adulto. Às vezes próxima, às vezes um pouco distante, mas sempre meu refúgio. O desenho e a ilustração deram formas ao mundo que quero criar, nas cores que me trazem alegria e conforto.*”

*Os momentos em que ficamos em isolamento trouxeram de volta essa proximidade com a arte, em novos formatos, como as pinturas digitais, me fazendo descobrir e testar novas linguagens e novos mundos que podem e devem ser criados.*

*Para este projeto, deixo aqui a minha colaboração. Junto com a visão de toda a equipe criativa, tentei trazer um pouco desse prazer que se transforma em imagens, na intenção de provocar o mesmo que minhas referências me provocam desde que me entendo por gente. Agradeço aos envolvidos pela oportunidade.”*

No processo de criação do projeto gráfico-editorial das capas, sob responsabilidade do designer Marcos Paulo, as ilustrações produzidas por Marcelo passaram por um processo de desconstrução e reordenamento dos seus elementos, preservando-se as cores e as formas originais. Desse olhar reflexivo, em diálogo com o artista, emergiram novas possibilidades de composição, agregando-se outras nuances, materializadas nas capas dos volumes ora publicados.



## **Américo de Oliveira Costa**

Macau/RN, 22 de agosto de 1910

Natal/RN, 1º de julho de 1996

Filho de Pedro Vicente da Costa, baiano, e Victória Alves de Oliveira, potiguar. Aos quatro anos, perdeu a mãe. Dois anos depois, o pai. Ficou aos cuidados de Amélia, uma tia materna, casada com Damasceno de Oliveira, juiz na cidade de Mossoró, capital do oeste norte-rio-grandense. Aos 15 anos, já escrevia crônicas nos jornais *O Mossoroense*, *O Festeiro* e *O Riso*. Estudou o ginásio no Colégio Padre Félix, em Recife/PE, e no Colégio Atheneu Norte-rio-grandense, em Natal/RN. Em 1931, regressou à capital pernambucana para estudar na Faculdade de Direito do Recife, vivenciando períodos políticos de grande agitação. Aos 24 anos, tornou-se prefeito da cidade de Bebedouro-PE (atual

Agrestina). Foi ainda Promotor de Justiça em Currais Novos e Mossoró, Chefe de Gabinete do governador Rafael Fernandes (1938-1941) e Secretário-Geral de Estado do RN (1951-1956). Como membro da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, Américo saudou diversas personalidades, entre elas o folclorista Luís da Câmara Cascudo e o maestro Heitor Villa-Lobos. Em 1981, foi condecorado como Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Na Faculdade de Direito de Natal, foi professor de Direito Internacional Privado e Direito Internacional Público. Na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, ministrou as disciplinas Cultura Brasileira e Redação de Jornalismo. Publicou os livros *Aurélio Pinheiro: tentativa de estudo crítico e biográfico* (1ª ed., 1950; 2ª ed., 2008), *Viagem ao universo de Câmara Cascudo* (1ª ed., 1969; 2ª ed., 2008), *Seleção de Luís da Câmara Cascudo* (1ª ed., 1972; 2ª ed., 1976), *O comércio das palavras: volume 1* (1989), *O comércio das palavras: volume 2* (1991), *O comércio das palavras: volume 3* (1993), *O comércio das palavras: volume 4* (1994), *A biblioteca e seus habitantes* (1ª ed., 1970; 2ª ed., 1982; 3ª ed., 2011). Ao final desta última, uma das suas obras mais celebradas, Américo registra um precioso e atual conselho do escritor francês Paul Guth (1910-1997) acerca da prática da leitura: “Antigamente era preciso ler para enriquecer a personalidade. Hoje não se trata mais desse refinamento. Trata-se de saber se pretendemos ou não, tornar-nos robôs, acionados por computadores ou permanecer homens. Leiamos, se quisermos continuar homens e mulheres”.



Confira os outros dois títulos da terceira edição do  
Concurso Literário Américo de Oliveira Costa

